

**Maria Jurema Giordan**

**DISCURSO, SUJEITO E SUBJETIVIDADE:  
A ESCRITA DE SI NA CONSTITUIÇÃO DA IDENTIDADE  
DO SUJEITO-ALUNO NA CONCLUSÃO DO ENSINO MÉDIO  
E INGRESSO NO ENSINO SUPERIOR**

**Passo Fundo**

**2009**

**Maria Jurema Giordan**

**DISCURSO, SUJEITO E SUBJETIVIDADE:  
A ESCRITA DE SI NA CONSTITUIÇÃO DA IDENTIDADE  
DO SUJEITO-ALUNO NA CONCLUSÃO DO ENSINO MÉDIO  
E INGRESSO NO ENSINO SUPERIOR**

**Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade de Passo Fundo, como requisito para obtenção do grau de mestre em Letras, sob a orientação da Dra. Carme Regina Schons.**

**Passo Fundo**

**2009**

Dedico a todos os que contribuíram para que  
eu chegasse a olhar o mundo com  
os olhos de hoje.

## AGRADECIMENTOS

Considero uma atividade difícil escrever palavras de agradecimento aos que compartilharam desta escritura, por saber que “há sempre palavras demais na língua e, ao mesmo tempo, elas nunca são suficientes para dizer o que se quer dizer” (Jacques-Alain Miller). Nesse caminho percorrido, foram tantos os desafios enfrentados para analisar a constituição identitária dos alunos. Aos que se somaram ao longo da caminhada e fazem parte desta conquista registro meus agradecimentos.

Agradeço à professora Carme Regina Schons, a qual tive o privilégio de ter como orientadora desta pesquisa, pela competência, dedicação, amizade e por, sempre paciente, ensinar-me a atribuir novos sentidos aos discursos. Suas palavras continuarão produzindo efeitos ao longo da minha vida.

Às professoras Angela Derlise Stübe Netto e Teresinha Bastos Scorsatto, pelo profissionalismo e pela forma atenciosa e respeitosa com que me avaliaram e apontaram caminhos na banca de qualificação. Às professoras do curso pelos ensinamentos, pela dedicação e por compartilharem comigo as emoções de nossas incursões linguísticas.

Às minhas colegas do mestrado, pelas discussões calorosas, pelos estudos compartilhados e por pronunciarem sempre discursos de incentivo e companheirismo.

Às professoras titulares das turmas pesquisadas Carme e Neli, pela acolhida atenciosa e pela aplicação das propostas de escrita.

Aos sujeitos-alunos que constituem o *corpus* desta pesquisa, por narrarem a escrita de si e possibilitarem este trabalho.

Aos meus pais Pedro e Catharina (*in memoriam*), pela formação de uma memória e identidade humana e profissional.

Aos meus familiares, pela compreensão e pelo estímulo sempre demonstrados e por participarem da minha história.

À família de Pedro Bortoloso, pela acolhida, pelo incentivo e carinho dispensados ao longo dessa trajetória.

À filha (do coração) Gabriela, por dividir comigo os momentos mais difíceis dessa escritura e todos os demais sentimentos que envolveram esse percurso. A todos os meus amigos que me acompanharam nesta caminhada, pela sensibilidade e pelas palavras ditas quando eu mais precisava.

...as palavras distendem-se,  
fendem-se e às vezes dilaceram-se  
sob a carga,  
sob a tensão,  
escorregam, deslizam, definham-se,  
declinam com imprecisão,  
não permaneceram em seu lugar,  
não ficarão paralisadas...

T. S. Elliot

## RESUMO

Este trabalho investiga práticas discursivas de significação na constituição da identidade do sujeito-aluno na conclusão do ensino médio e ingresso no ensino universitário, tomando como *corpus* de análise as narrativas escritas pelos alunos que versam sobre os temas sonho, injustiça e espelho. Como embasamento teórico, toma os estudos da Análise do Discurso de linha francesa, derivada dos trabalhos de Michel Pêcheux, que, ao incluir a categoria do sujeito no processo discursivo, afirma que todo significado demanda posições inconscientes e ideológicas que fazem com que o sujeito atribua sentido aos seus discursos. O estudo parte do entendimento de que o discurso não é estável e está sempre em processo de construção e que a identidade do sujeito, sendo constituída na e pela linguagem, não pode ser concebida como fixa, acabada, mas como um processo em movimento que se constitui juntamente com o sujeito e com o discurso. Como não há língua concluída, não há sujeitos nem identidades fixos e estáveis. Assim também, as considerações trazidas nesta investigação pretendem servir de reflexão sobre os discursos que constituem a identidade do sujeito, discursos assumidos como construção cultural que o sujeito faz de si mesmo e de sua inserção no coletivo, assumindo papéis que lhe são legados ou transformando-os, e, ao assumi-los ou transformá-los, constrói para si uma nova identidade.

Palavras-chave: Discurso. Sujeito. Subjetividade. Identidade. Análise do Discurso.

## ABSTRACT

This work investigates practical discursives in the constitution of the identity of the subject-students in the conclusion of the secondary education and ingression in university education taking as analysis *corpus* the narratives written for the pupils who turn on the subjects dream, injustice and mirror. As theoretical basement, it takes the studies of the Analysis of the Speech of French line, derivative of the works of Michel Pêcheux, that, when including the category of the subject in the discursive process, affirms that all meant demand unconscious and ideological positions that make with that the subject attributes sensible to its speeches. The study it has left of the agreement of that the speech is not steady and is always in construction process and that the identity of the subject, being consisting in and for the language, cannot be conceived as fixed, be finished, but as a process in movement that if constitutes together with the subject and the speech. As it does not have concluded language, it does not have subjects nor fixed and steady identities. Thus also, the considerations brought in this inquiry intend to serve of reflection on the assumed speeches that constitute the identity of the subject, speeches as cultural construction that the subject makes exactly of itself and its inseção in the collective one, assuming roles that it they are legacies or transforming them, and, to the assume them or to transform them, constructs for himself a new identity.

Keywords: Speech. Subject. Subjectivity. Identity. Analysis of Speech.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	09
<b>1. SOBRE A TRAJETÓRIA DA LÍNGUA E DO SUJEITO .....</b>	<b>13</b>
1.1 Saussure e a estrutura .....	13
1.2 Benveniste e a enunciação .....	17
1.3 Bakhtin e o social .....	19
1.4 Pêcheux e o discurso .....	22
<b>2 SOBRE A TEORIA DE REFERÊNCIA .....</b>	<b>27</b>
2.1 A Análise do Discurso e o discurso .....	27
2.2 O interdiscurso e o intradiscurso .....	30
2.3 A formação ideológica e a formação discursiva.....	32
2.4 O sujeito e o sentido.....	36
2.4.1 Os modos de subjetivação .....	42
2.4.2 A constituição do eu sob/pelo olhar do outro .....	46
<b>3 SOBRE A ESCRITA E A IDENTIDADE.....</b>	<b>49</b>
3.1 A escritura como processo de identificação .....	49
3.2 Da identidade à (des)constituição.....	53
<b>4 SOBRE A CONSTITUIÇÃO DO <i>CORPUS</i>.....</b>	<b>67</b>
4.1 Os princípios e os procedimentos .....	67
4.2 As condições de produção .....	69
4.3 Gesto de interpretação do <i>corpus</i> .....	70
4.3.1 Os movimentos identificatórios do sujeito .....	71
4.3.1.1 Sequências discursivas do ensino médio - Grupo I.....	72
4.3.1.2 Sequências discursivas do ensino universitário – Grupo II.....	79
4.3.2 A heterogeneidade como constitutiva do sujeito.....	87
4.3.2.1 Sequências discursivas do ensino médio – Grupo I.....	87



4.3.2.2 Sequências discursivas do ensino universitário – Grupo II.....	97
4.3.3 O outro na constituição da identidade do sujeito .....	107
4.3.3.1 Sequências discursivas do ensino médio – Grupo I.....	107
4.3.3.2 Sequências discursivas do ensino universitário – Grupo II.....	114
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>128</b>
<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>136</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>138</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>142</b>
<b>ANEXO 1.....</b>	<b>143</b>
<b>ANEXO 2.....</b>	<b>144</b>
<b>ANEXO 3.....</b>	<b>145</b>

## INTRODUÇÃO

No percurso histórico da linguística, diferentes foram as reflexões realizadas pelos estudiosos sobre a relação existente entre linguagem e sujeito. Na linguística moderna, um número crescente de estudos analisa o sujeito e o modo como ocorre o processo de identificação do sujeito no domínio da linguagem.

Os avanços provocados pela necessidade de tratar das relações entre linguagem, sujeito e subjetividade conduziram as reflexões a novos entendimentos, a novos conceitos. Em se tratando do campo de pesquisa da Análise do Discurso, iniciada pelo francês Michel Pêcheux, somente é possível refletir sobre a noção de sujeito por meio de uma prática de análise que o relacione aos efeitos de sentidos, materializados pela linguagem. Nesta perspectiva teórica, o discurso do sujeito converte-se na possibilidade de compreensão entre sujeito, linguagem e identidade<sup>1</sup>, na medida em que permite observar o funcionamento da história na constituição do sujeito e da sua identidade, mediante a linguagem.

O ser humano é um ser de linguagem e social. É no processo das relações sociais, mediadas pela linguagem, que a identidade vai se constituindo, por ser um processo sempre em construção, sempre em movimento. Ao pensarmos a constituição da identidade do sujeito-aluno na conclusão do ensino médio e no ingresso no ensino superior<sup>2</sup>, constatamos que significativas mudanças ocorrem, levando o sujeito à necessidade de se ressignificar diante da realidade, do imaginário, do simbólico, fatores que determinam sua posição em relação a si mesmo e ao outro e que também constituem identidade.

A materialidade linguística de análise é a narrativa de si dos alunos, por ser a escrita um gesto simbólico-histórico que permite construir sentidos diferentes, que permite a

---

<sup>1</sup> Nesta pesquisa usaremos, simultaneamente, os termos identidade e identificação por considerarmos que são solidários entre si.

<sup>2</sup> Neste trabalho usaremos as expressões ensino superior e ensino universitário para representarmos o segundo grupo de sujeitos analisados.

singularização, que identifica. Ao escrever sobre si o aluno inscreve-se na escrita e, ao se inscrever, não controla a emergência dos pontos de identificação, porque não é possível impedir o afloramento de momentos de identidade do sujeito. É a experiência da escrita que interpela o aluno em sujeito e que nos permite, por meio dos efeitos de sentidos, perseguir a problemática desta pesquisa, que busca resposta às seguintes questões:

- Como funciona a escrita de si no processo de constituição identificatória desse sujeito no espaço escolar, sabendo que o funcionamento da linguagem faz referência à exterioridade e é um mecanismo que corresponde a um determinado lugar no interior de uma formação social?

- Sendo a identidade um movimento, nesse processo de construção/desconstrução identitária como o sujeito-aluno se inscreve na escola, espaço institucional caracterizado por regras e que tem, geralmente, como leitor, o professor? Como o sujeito-aluno se relaciona com o outro, por meio de textos, sabendo-se que o texto escrito é marcado pelo comprometimento com o outro?

- Nessa perspectiva, o sujeito que está determinado pela representação social, que tem responsabilidade com aquilo que diz assujeita-se aos modos de apagamento ou assume a prática escrita como autor? Em que contribui ao sujeito-aluno a escola como lugar de reflexão, como espaço fundamental da elaboração da experiência da autoria na relação com a linguagem?

- Considerando a constituição da identidade nesse momento em que ocorrem mudanças nos campos físico, psicológico e social e, conseqüentemente, uma (des)construção identitária, uma ressignificação do lugar onde o sujeito se significava, que marcas linguísticas ele utiliza para enunciar a si próprio e para trazer ao discurso o outro (escola, trabalho, independência, sociedade...)? Que marcas expressas na escrita de si permitem observar a constituição da identidade desse sujeito?

- É por meio do discurso que o sujeito se identifica e produz sentido. Ao elaborar sentido, o sujeito identifica-se e, identificando-se, ressignifica sua identidade. Nesse processo, que efeitos de sentido produzem a escrita do sujeito-aluno?

É com base na problemática apresentada e nas reflexões linguístico-pedagógicas inerentes ao processo da escrita na constituição da identidade desse sujeito-aluno que traçamos os principais objetivos deste trabalho: identificar a posição que o sujeito ocupa na escola e seu relacionamento com os demais sujeitos, por meio da linguagem escrita; investigar o espaço social ocupado pela escola na constituição da identidade do sujeito-aluno; investigar se o sujeito-aluno se apresenta como autor da escrita e como a autoria contribui na formação

identitária; analisar as relações de poder entre os sujeitos e as condições de enunciação por meio dos discursos revelados e dos discursos silenciados.

Em decorrência dos objetivos traçados, pensar a relação existente entre língua(gem), sujeito e identidade, por meio da escrita de si na conclusão do ensino médio e primeiro ano ou ingresso no ensino universitário constitui-se no percurso deste trabalho, num momento em que o sujeito-aluno é, ao mesmo tempo distinto e constitutivo do social, devendo construir para si uma identidade particular, no contínuo movimento das relações com o outro.

O espaço teórico percorrido é o da Análise do Discurso, por conceber a identidade em constante movimento, instável e heterogênea. Ao refletir sobre a identidade, acreditamos ser um ponto importante investigar como se dá a relação com o outro no espaço da escola, sabendo que é também nessa relação que o sujeito se identifica. Ao escrever sobre si, o aluno recria o passado a fim de construir sentidos e de identificar um eu que possa ser reconhecido, ou seja, mostra a constituição da sua identidade.

Para o desenvolvimento desta pesquisa utilizamos o método analítico, aplicado na investigação do *corpus*, constituído da narrativa de si dos sujeitos-alunos, que abordam os temas sonho, injustiça e espelho. Dessa materialidade, analisamos as marcas linguísticas representativas que se relacionam à constituição da identidade do sujeito-aluno, sempre de acordo com a teoria abordada, para uma melhor evolução no processo de análise e para a obtenção dos resultados desejados.

Seguindo o fio condutor desta pesquisa que é a constituição da identidade do sujeito-aluno apresentamos o trabalho em quatro capítulos. No primeiro trazemos o tratamento dado à língua e ao sujeito por Ferdinand de Saussure, acrescentando as contribuições de Émile Benveniste, Mikhail Bakhtin e Michel Pêcheux, detendo-nos na teoria de Pêcheux, por ser a base teórica deste estudo. O segundo capítulo versa sobre a teoria de referência, onde apresentamos a Análise do Discurso, filiação teórica adotada e alguns de seus conceitos básicos, os quais foram mobilizados no percurso analítico percorrido e sustentaram a análise do *corpus*, considerando sempre a constituição da identidade do sujeito-aluno.

No terceiro capítulo mostramos que a tarefa de escrever é uma forma de o sujeito produzir linguagem e se inscrever no mundo. Ao se apropriar da escrita, o sujeito identifica-se nela e constitui identidade, por ser a identidade construída no confronto do sujeito com o mundo. É no quarto capítulo que apresentamos nosso gesto de interpretação do *corpus* discursivo. Separamos as sequências analisadas em três recortes discursivos: o primeiro compõe-se das análises dos textos sobre o sonho; o segundo integra as análises das sequências discursivas que tratam da injustiça e o terceiro agrega os textos que versam sobre o espelho.

Cada recorte discursivo organiza-se em torno de dois grupos: o Grupo I contém as análises das seqüências discursivas dos alunos do ensino médio e o Grupo II compõe-se das análises das seqüências discursivas dos alunos do ensino superior.

Cabe apontar que os resultados levantados no percurso aqui realizado, no qual o referencial teórico estará em constante diálogo com os recortes relacionados à constituição da identidade do sujeito, serão constituídos de uma relação possível, pois nos gestos de interpretação os sentidos podem ser outros.

## 1. SOBRE A TRAJETÓRIA DA LÍNGUA E DO SUJEITO

Nenhuma língua pode ser pensada completamente,  
se aí não se integra a possibilidade de sua poesia.  
M. Pêcheux

O percurso teórico da língua e do sujeito aqui proposto parte dos trabalhos de Ferdinand de Saussure, os quais tornaram possíveis os estudos da linguística, como ciência da linguagem no século XX. Foi o pensamento saussuriano que influenciou outros linguistas, entre eles Émile Benveniste, Mikhail Bakhtin e Michel Pêcheux, os quais tomaram parte desta evolução da concepção teórica da língua e do sujeito.

A retrospectiva sobre língua/sujeito que apresentamos tem o objetivo de mostrar o seu desenvolvimento histórico. Iniciando com as primeiras elaborações, chegamos às mais atuais, relacionando a linguagem aos sujeitos que pela linguagem são constituídos. Centraremos nossas reflexões na concepção de língua que a considera um acontecimento linguístico e histórico, como também queremos mostrar que nem todas as teorias linguísticas consideram a relação entre língua/sujeito/história.

### 1.1 Saussure e a estrutura

Saussure, iniciador do estruturalismo, tornou-se um dos estudiosos preocupados com o comportamento humano, no que se refere aos fatos que capacitam os homens a viverem em sociedade e a se comunicarem entre si. Dedicado aos estudos das ciências sociais, cria importantes contribuições à linguística, iniciadas com a publicação do *Curso de lingüística geral* em 1916, três anos após a sua morte, redigido por três de seus alunos da Universidade de Genebra: Charles Bally, Albert Sechehaye, com a colaboração de Albert Riedlinger, (SAUSSURE, 1977, p. XVII), com base nas notas feitas durante as aulas de Saussure. No *Curso* Saussure propõe abordar a língua como um sistema no qual cada um dos elementos

somente pode ser definido pelas relações de equivalência ou oposição que mantém com os demais. Esse conjunto de relações forma a estrutura.

Saussure apresenta a língua como um sistema de valores que funciona sincronicamente, não diacronicamente. Com essa visão, procurou entender a estrutura da linguagem como um sistema em funcionamento num dado ponto do tempo, ou seja, examinou uma linguagem particular num determinado período da sua existência. Segundo ele, no funcionamento da língua não se é levado pelo que as formas foram, mas por aquilo que são e pelas relações que têm naquele momento da história, “pois a língua constitui um sistema de valores puros que nada determina fora do estado momentâneo de seus termos”. (SAUSSURE, 1977, p. 95). Nada no linguístico é externo à língua. Não interessa a relação das formas da língua com os objetos do mundo ou com o pensamento, pois, para Saussure, não está em questão a referência nem a expressão do pensamento. Conforme o Saussure, “[...] um estado de língua não é um ponto, mas um espaço de tempo. [...] De duas línguas coexistentes num mesmo período, uma pode evoluir muito e outra quase nada; neste último caso, o estudo será necessariamente sincrônico”. (p.117-118).

Saussure, ao definir a língua como objeto específico para a linguística, apresenta-a com uma homogeneidade interna básica, sem a qual seria impossível pensar a linguagem cientificamente. “Nossa definição da língua supõe que eliminemos dela tudo o que lhe seja estranho ao organismo, ao seu sistema” (1977, p. 29), ou seja, fatos históricos, que não dizem respeito ao interior do idioma. Ao tratar da dicotomia língua/fala, Saussure mostra que a língua é objeto homogêneo e define-o como um “tesouro depositado pela prática da fala em todos os indivíduos pertencentes à mesma comunidade, um sistema gramatical que existe [...] nos cérebros dum conjunto de indivíduos, pois a língua não está completa em nenhum, e só na massa ela existe de modo completo”. (p. 21). Dessa forma, os elementos devem ser definidos um em relação ao outro, de modo que um só faz sentido quando relacionado ao outro; tudo o que um elemento é, o é em relação aos demais elementos que participam do mesmo sistema.

O objeto da linguística, para Saussure, é a distinção linguagem/língua/fala, da qual decorre a divisão do estudo da linguagem em duas partes: uma que investiga a língua e outra que analisa a fala. Ambas são inseparáveis, dependentes. (p. 27). A língua é condição para se produzir a fala, pois não há língua sem o exercício da fala. Saussure focalizou em seus trabalhos a linguística da língua, produto social depositado no cérebro de cada um; sistema que a sociedade impõe ao falante de uma comunidade. A língua caracteriza-se pela homogeneidade, por isso, é o objeto da linguística propriamente dito. “É necessário colocar-se

primeiramente no terreno da língua e tomá-la como norma de todas as outras manifestações da linguagem.” (SAUSSURE, 1977, p. 16-17).

Referindo-se à estreita ligação existente entre os objetos língua/fala ou à necessidade da língua para a compreensão da fala, Saussure destaca que

a língua é necessária para que a fala seja inteligível e produza todos os seus efeitos; mas esta é necessária para que a língua se estabeleça; historicamente, o fato da fala vem sempre antes. Como se imaginaria associar uma idéia a uma imagem verbal se não se surpreendesse de início esta associação num ato de fala? Por outro lado, é ouvindo os outros que aprendemos a língua materna; ela se deposita em nosso cérebro somente após inúmeras experiências. Enfim, é a fala que faz evoluir a língua: são as impressões recebidas ao ouvir os outros que modificam nossos hábitos lingüísticos. Existe, pois, interdependência da língua e da fala; aquela é ao mesmo tempo instrumento e produto desta. Tudo isso, porém, não impede que sejam duas coisas absolutamente distintas. (1977, p. 27).

Ao atribuir à língua o primeiro lugar no estudo da linguagem, Saussure vale-se do argumento de que a faculdade de articular palavras não se exerce sem a ajuda de instrumento criado e fornecido pela coletividade. Assim, sustenta a ideia de que é a língua que permite a unidade da linguagem.

Sustentada na oposição social/individual, a dicotomia língua/fala revela que o que é fato da língua está no corpo social, ao passo que o que é ato da fala ou discurso situa-se na esfera do individual. Saussure afirma que “a linguagem tem um lado individual e um lado social, sendo impossível conceber um sem o outro”. (1977, p. 16). A linguagem é a faculdade natural de usar uma língua, ao passo que a língua constitui-se em algo adquirido. A linguagem é diferente da fala, do discurso, que é um ato individual de utilização da língua, num contexto particular e sujeito a fatores externos, muitos deles não lingüísticos e não possíveis de análise pela lingüística.

Nessa condição social apresentada pela língua, Saussure (1977, p. 27) afirma que “a língua existe na coletividade sob a forma duma soma de sinais depositados em cada cérebro, mais ou menos como um dicionário cujos exemplares todos idênticos, fossem repartidos entre os indivíduos”. Trata-se do que está internalizado e é comum a todos, mesmo que independente da vontade de cada indivíduo. A língua é exterior ao indivíduo, que, por si só, não a cria nem a modifica.

A língua, entre os fatos humanos, constitui uma instituição social, diferente das demais instituições pelas peculiaridades que apresenta. Conforme Saussure, “não se pode estabelecer comparação alguma entre ela e as outras instituições” (1977, p. 88), por ser a língua um



sistema de signos que exprime ideias. Para Saussure (1977, p. 18), “a língua é um sistema de signos distintos, correspondentes a idéias distintas”.

Preocupado com a natureza do signo linguístico, Saussure define-o como uma entidade psíquica de duas faces, que une um sentido a uma imagem acústica. (1977, p. 80). O sentido é a representação mental de um objeto ou da realidade social em que nos situamos; por sua vez, a imagem acústica não é o som material, mas a impressão psíquica desse som. (p. 80). O sentido é o significado e pertence às ideias, ao passo que o significante pertence ao plano da expressão. Assim, o significante somente existe se estiver relacionado ao significado. São elementos que necessitam um do outro, tanto que um significante sem seu significado é apenas um objeto e um significado inexistente sem seu significante. No *Curso* Saussure afirma que “na língua, como em todo o sistema semiológico, o que distingue um signo é tudo o que o constitui. A diferença é o que faz a característica, como faz o valor e a unidade”. (p. 140-141).

Um dos princípios do signo linguístico é sua arbitrariedade. Saussure esclarece que “a palavra *arbitrário* não deve dar a idéia de que o significado dependa da livre escolha do que fala [...]; queremos dizer que o significante é *imotivado*, isto é, arbitrário em relação ao significado, com o qual não tem nenhum laço natural na realidade” (1977, p. 83). Ao estudar a língua como um sistema de signos, Saussure apresenta a língua como um sistema de valores que se relacionam. Analisar a língua é identificar as relações e as oposições que estabelecem os significantes e os significados, constituindo o signo linguístico que se desencadeia das diferenças que constituem o sistema linguístico.

Essa visão de língua como sistema confirma-se na teoria final do *Curso de lingüística geral* “a Lingüística tem por único e verdadeiro objeto a língua, considerada em si mesma e por si mesma” (1977, p. 271 - grifo do autor). Essa afirmação conclusiva da obra conduz a uma abordagem interna da língua. Quando Saussure declara que “é o ponto de vista que cria o objeto” (p. 15), de acordo com Leandro Ferreira (1999, p. 3), “abre espaço para outros pontos de vista sobre a linguagem, que não os lingüísticos, como o discursivo, por exemplo”.

Cabe destacar que todos os avanços relacionados à lingüística têm sua origem nos trabalhos de Saussure, mesmo assim, não adotaremos a perspectiva estruturalista como suporte teórico para a realização deste trabalho, por termos como objeto de estudo a escrita do sujeito e estarmos perseguindo questões relativas à subjetividade na constituição da identidade do sujeito-aluno, as quais não foram incluídas por Saussure em seu sistema da língua.

Concluindo a trajetória linguística realizada por Saussure, trazemos uma afirmação de Benveniste, próximo linguista a compor este percurso.

Ora, essa lingüística renovada é em Saussure que tem a sua origem, é em Saussure que se reconhece e se reúne. Em todas as correntes que a atravessam, em todas as escolas em que se divide, proclama-se o papel precursor de Saussure. Essa semente de claridade, recolhida por alguns discípulos, tornou-se numa grande luz, que descortina uma paisagem cheia da sua presença. (BENVENISTE, 1976, p. 49).

## 1. 2 Benveniste<sup>3</sup> e a enunciação

Dando continuidade às evoluções constitutivas da língua, concebida por Saussure como um sistema de relações internas, do qual se deveria abstrair toda referência a elementos externos, ou seja, ao social, ao histórico e ao ideológico, trazemos as reflexões de Émile Benveniste, voltadas à enunciação e seus mecanismos. No período estruturalista, a maioria dos estudiosos da língua acreditava que abordar a enunciação significava dar lugar a fenômenos extralingüísticos, exteriores ao sistema e sem relação com a visão estrutural da língua.

Baseado no estruturalismo de Saussure, com sua proposta de inclusão dos estudos da enunciação Benveniste apresenta *o homem na língua*. O grande avanço do seu pensamento foi articular o sujeito à estrutura, o que se tornou conhecido a partir da publicação de *Problemas de lingüística geral*, obra que servirá de suporte para o percurso aqui proposto.

Ao tratar da linguagem, Benveniste afirma que seu caráter é constitutivo e considera impossível estabelecer oposição entre a linguagem e o homem, negando o aspecto de instrumento de comunicação. “Falar de instrumento é pôr em oposição o homem e a natureza. [...] A linguagem está na natureza do homem que não a fabricou.” (1976, p. 285). Ainda considerando essa relação, Benveniste destaca que

não atingimos nunca o homem separado da linguagem e não o vemos nunca inventando-a. Não atingimos jamais o homem reduzido a si mesmo e procurando conceber a existência do outro. É um homem falando que encontramos no mundo, um homem falando com outro homem, e a linguagem ensina a própria definição do homem. (1976, p. 285).

Para Benveniste, “é na linguagem e pela linguagem que o homem se constitui como *sujeito*.” (1976, p. 286). “Uma teoria lingüística da pessoa verbal só pode constituir-se sobre a base das oposições que diferenciam as pessoas, e se resumirá inteiramente na estrutura dessas

---

<sup>3</sup> Deixou-se de seguir a apresentação das teorias dos linguistas na ordem cronológica para aproximar as reflexões de Benveniste às de Saussure, por Benveniste desenvolver seus estudos baseado no estruturalismo saussuriano.

oposições”. (BENVENISTE, 1976, p. 250). Por isso, ele distingue as duas primeiras pessoas “eu/tu” da terceira, “ele”. A relação de personalidade separa o “eu/tu”, em que existe uma concomitância entre a pessoa implicada e o discurso sobre ela, do “ele”, privado de característica de pessoa, sendo, inclusive, a forma verbal que tem por função exprimir a “não-pessoa”. (p. 251). “Eu” é o indivíduo que enuncia a presente instância de discurso que contém a instância linguística “eu”. Ao aplicar a questão de alocação, o “tu” é visto como o indivíduo alocutado na presente instância do discurso, contendo a instância linguística “tu”. A segunda relação, a da subjetividade, opõe “eu” a “tu”. “Eu” é interior ao enunciado, exterior a “tu” e transcende a este, sendo a única pessoa subjetiva. (p. 258-259).

Benveniste diz que é necessário definir a categoria de pessoas em relação com a personalidade, mas também em termos de subjetividade. O “eu” é pessoa subjetiva; o “tu” é apenas pessoa. Diante da pessoa subjetiva que “eu” representa, o “tu” representa a pessoa não subjetiva. As pessoas “eu/tu” opõem-se à forma da não-pessoa. “A subjetividade é a capacidade do locutor para se propor como *sujeito*” (1976, p. 286 – grifo do autor). A subjetividade depende da inversibilidade, quando se refere ao tratamento do par “eu/tu”. Ao tratar da reciprocidade do sujeito, Benveniste enfatiza que

eu não emprego *eu* a não ser dirigindo-me a alguém, que será na minha alocação um *tu*. Essa condição de diálogo é que é constitutiva da *pessoa*, pois implica em reciprocidade – que eu me torne *tu* na alocação daquele que por sua vez se designa por *eu*. [...] A linguagem só é possível porque cada locutor se apresenta como *sujeito*, remetendo a ele mesmo como *eu* no seu discurso. Por isso, *eu* propõe outra pessoa, aquela que, sendo embora exterior a “mim”, torna-se o meu eco – ao qual digo *tu* e que me diz *tu*. (1976, p. 286 – grifo do autor).

A língua, para o autor, é um sistema a que todos os falantes de uma comunidade estão expostos desde sempre. Partindo dessa afirmação, Benveniste distingue o que é da ordem da linguagem e o que é da ordem da língua: a subjetividade está para a língua e a intersubjetividade está para a linguagem; a linguagem é a condição da existência humana e da existência da língua. “O fundamento da subjetividade está no exercício da língua.” (1976, p. 288).

Saussure estabeleceu a distinção entre língua/fala, sustentado na teoria de que o estudo da linguagem comporta, portanto, duas partes: uma essencial que tem por objeto a língua, social em sua essência e independente do indivíduo; outra secundária, que tem por objeto a parte individual da linguagem (1977, p. 27). Benveniste, por sua vez, estabelece uma terceira posição ao descrever o aparelho formal da enunciação, que ultrapassa as marcas de

subjetividade na linguagem para, partindo da distinção entre o emprego das formas e o emprego da língua, definir um mecanismo que afeta a língua inteira. Este terceiro elemento seria a enunciação. Com a enunciação, Benveniste separa o ato da fala do produto. O ato é a relação do locutor com a língua, com base em formas linguísticas da enunciação que marcam essa relação. Ao enunciar, transforma-se a língua em discurso. “A linguagem só é possível porque cada locutor se apresenta como *sujeito*, remetendo a ele mesmo como *eu* no seu discurso.” (BENVENISTE, 1976, p. 286 – grifo do autor). Assim, a enunciação é produto de um ato de apropriação da língua pelo locutor, que, partindo do aparelho formal da enunciação, tem como parâmetro um locutor e um alocutário.

Ao mobilizar a língua e dela se apropriar, o locutor relaciona-se com o mundo, por meio do discurso. Ao incluir a referência nos estudos linguísticos, Benveniste reporta-se ao sujeito por ser parte integrante da enunciação – ato individual de utilização da língua, no qual está a relação do *eu*, *aqui* e *agora* com um *tu*. Essas categorias tornam o ato singular. Cada vez que o locutor se apropria do aparelho formal da enunciação e, por meio dele, da língua, produz um novo uso.

Para Benveniste, a interação entre o *eu* e o *tu* consiste num acontecimento único, mesmo que o enunciado seja o mesmo, pois o *aqui* e o *agora* são sempre irrepetíveis. Quanto ao sujeito da enunciação, o autor determina algumas delimitações por considerar apenas o contexto imediato. Nessa perspectiva, o sujeito da enunciação é considerado por estar marcado linguisticamente, não como sujeito que produz sentido, partindo de sua inscrição nos processos históricos da linguagem.

Aproximando a visão de sujeito das duas teorias até aqui apresentadas, encontramos no estruturalismo de Saussure a exclusão do sujeito, ao passo que Benveniste, na enunciação, ao reintroduzi-lo, atribui-lhe um excessivo centramento, concebendo-o plenamente consciente. Mesmo considerando os avanços proporcionados pela linguística da enunciação, mais precisamente a questão do sujeito, do *homem na língua*, na análise da constituição da identidade do sujeito-aluno, perseguimos uma teoria pela qual, por meio da linguagem, tanto o sujeito como o sentido possam se constituir.

### **1. 3 Bakhtin e o social**

Como os estudos de Saussure e Benveniste anteriormente apresentados, as reflexões de Mikhail Bakhtin têm seu lugar consolidado na história do pensamento linguístico pela

contribuição de natureza filosófica que veio se somar às já existentes, tentando, ao longo da história, apreender o ser da linguagem.

A evolução do pensamento de Bakhtin sobre a linguagem fundamenta-se na obra *Marxismo e filosofia da linguagem* (1929 [2006]<sup>4</sup>), na qual o autor desenvolve uma teoria de fundamento marxista. Ao apresentar a nova concepção de linguagem, Bakhtin inclui em suas reflexões a questão histórica e social, como também a presença do sujeito. Contrário ao estruturalismo saussuriano, apresenta uma nova linguística, por ultrapassar a visão de língua como sistema e acreditar que não se pode entender a língua isoladamente e que a análise linguística deve incluir fatores extralinguísticos, como o momento histórico, o contexto da fala e a relação do falante com o ouvinte. O autor “valoriza justamente a fala, a enunciação, e afirma sua natureza social, não individual: a fala está indissoluvelmente ligada às condições da comunicação, que, por sua vez, estão sempre ligadas às estruturas sociais”. (p. 14).

Na reflexão inicial da obra, Bakhtin apresenta o signo linguístico como um signo social e ideológico que põe em relação a consciência individual com a consciência social. Nessa relação de consciência, Bakhtin destaca que

essa cadeia ideológica estende-se de consciência individual em consciência individual, ligando umas às outras. Os signos só emergem, decididamente, do processo de interação entre uma consciência individual e uma outra. E a própria consciência individual está repleta de signos. A consciência só se torna consciência quando se impregna de conteúdo ideológico (semiótico) e, conseqüentemente, somente no processo de interação social. (2006, p. 34).

Assim, a existência do signo é a materialização da comunicação social. O aspecto semiótico e o papel contínuo da comunicação social aparecem de maneira completa na linguagem. Conforme Bakhtin, “a palavra é o fenômeno ideológico por excelência” (2006, p. 36). Ao propor que o signo é ideológico, o autor relaciona a linguagem à sociedade, rompendo o afastamento que mantinha com a exterioridade por incluir o social, o histórico e o ideológico como elementos constitutivos e necessários no campo da linguística. Portanto, pensar a língua como realidade social é vê-la em movimento constante.

A psicologia do corpo social materializa-se na interação verbal, que se exterioriza através da palavra. Em Bakhtin, “a psicologia do corpo social é justamente o meio ambiente

---

<sup>4</sup> A primeira tradução de Bakhtin chega ao Brasil em 1979. Antes de conhecermos os estudos de Bakhtin, tanto na Europa como no Brasil, conhecemos os estudos de Benveniste, embora, cronologicamente, somente 13 anos separem a obra de Saussure (1916) da de Bakhtin (1929). A primeira data refere-se à edição original; a segunda, ao texto traduzido utilizado. Note-se que as duas datas serão referidas apenas na primeira vez; nas demais, figurará apenas a data da obra efetivamente utilizada.

inicial dos *atos de fala* de toda espécie. [...] A psicologia do corpo social se manifesta essencialmente nos mais diversos aspectos da “enunciação”, sob a forma de *diferentes modos de discurso*”. (BAKHTIN, 2006, p. 43 – grifos do autor). A palavra é a mediadora entre o social e o individual. O ser humano, ao aprender a falar, também aprende a pensar, e a palavra é a revelação da experiência e dos valores da sua cultura.

Foi o diálogo de Bakhtin com a teoria marxista que deu origem às críticas feitas a Saussure e seus seguidores, que criticavam a psicologia social. Saussure preocupava-se com o sistema da língua, ao passo que Bakhtin voltou-se ao estudo da fala, que é de natureza social, pois existe na sociedade; fora dela, deixa de ser um valor social vivo. “A interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua.” (2006, p. 127).

Diante do conceito de língua de Bakhtin, constata-se que o autor não a concebe sem a sociedade e sem a ideologia, responsáveis pela heterogeneidade da língua e pelas mudanças históricas, sociais e culturais que sofre. É oportuno destacar o ponto de vista do autor a respeito da língua:

A língua constitui um *processo de evolução ininterrupto*, que se realiza através da *interação verbal social dos locutores*. [...] A evolução da língua, como toda evolução histórica, pode ser percebida como uma necessidade cega de tipo mecanicista, mas também pode tornar-se “uma necessidade de funcionamento livre”, uma vez que alcançou a posição de uma necessidade consciente e desejada. *A estrutura da enunciação é uma estrutura puramente social*. A enunciação como tal, só se torna efetiva entre falantes. (2006, p. 132 – grifo do autor).

Nessa interação de indivíduos, a unidade fundamental da língua passa a ser o diálogo, ou seja, a língua contempla a atividade dialógica e suas implicações enfocam a linguagem verbal como exercício do social.

A vida da linguagem está impregnada de relações dialógicas. A palavra diálogo, num sentido amplo, compreende toda comunicação verbal, de qualquer tipo que seja. (2006, p. 127). O ser humano não existe isolado, pois sua experiência de vida cruza-se sempre com a experiência do outro e suas palavras estão sempre atravessadas pelas palavras do outro.

Seguindo a teoria bakhtiniana, o diálogo é constitutivo da linguagem; assim, o sujeito constitui-se por meio da linguagem dialógica. O sujeito modifica seu discurso conforme as intenções dos outros discursos. “O dialogismo acena concomitantemente para um atravessamento de outros discursos, constitutivo da própria língua, realizável por um jogo fronteiro. Acena, também, para um atravessamento do sujeito pela alteridade da interlocução.” (FLORES; TEIXEIRA, 2005, p. 59). O sujeito emerge do outro, é dialógico, e seu conhecimento é fundamentado no discurso que ele produz.

O sujeito bakhtiniano está sempre em processo de constituição; é incompleto e está numa eterna busca de completude. Não há formação individual sem alteridade. Conforme Flores e Teixeira, (2005, p. 59), “na voz do sujeito, está a consciência que o outro tem dele”. É o outro que delimita e constrói o espaço de atuação do sujeito no mundo, que constitui o sujeito ideologicamente e proporciona-lhe acabamento. Para Bakhtin, os sujeitos da interação são aqueles socialmente organizados, ou seja, a enunciação não é mais limitada a um contexto imediato e feita por indivíduos empíricos, é um acontecimento puramente social e os sujeitos enunciadores são aqueles constituídos pela exterioridade, embora considerados donos do dizer.

Nesta teoria dialógica nem o sentido nem o sujeito estão prontos, acabados. Enquanto o sentido se constrói, o sujeito busca a completude na alteridade com o outro, pois é o outro que o constitui ideologicamente.

As ideias de Bakhtin refletidas neste percurso sobre a linguagem contribuem para o estabelecimento de uma linguística da enunciação que contempla a intersubjetividade no âmbito dos estudos da linguagem, na qual forma e uso articulam-se no processo de constituição de sentidos no discurso.

#### **1.4 Pêcheux e o discurso**

Perseguindo o objetivo inicialmente traçado, de construir um percurso teórico sobre o conceito de língua e destacar as implicações da noção de sujeito, apresentamos a Análise do Discurso<sup>5</sup>, teoria de Michel Pêcheux, um dos seus principais articuladores, por apresentar sua teoria com um novo objeto, o discurso. Como enfatiza Leandro Ferreira, no discurso concentram-se as questões relativas à língua, à história e ao sujeito, constituindo-se como um ponto de partida para as reflexões sobre o pensamento linguístico, a partir da ótica discursiva. (2005, p. 13).

A Análise do Discurso (doravante denominada AD) apresenta uma abordagem influenciada pelas teorias que compõem o percurso da língua e do sujeito aqui proposto, cuja aproximação e/ou distanciamento têm contribuído para estabelecer os elementos sobre os quais a AD se fundou. Esta nova teoria da linguagem propõe-se a definir a linguagem e a

---

<sup>5</sup> Para completar nosso percurso teórico sobre a noção de língua e as implicações da noção de sujeito, trazemos a Análise do Discurso de Escola Francesa e apresentamos brevemente algumas de suas noções básicas, por ser a Análise do Discurso a teoria adotada para sustentar a análise do *corpus* desta pesquisa. Todos os conceitos que mobilizaremos na análise da constituição da identidade do sujeito-aluno serão apresentados no próximo capítulo, sobre a teoria de referência.

natureza da relação que se estabelece com a exterioridade, tendo como objetivo principal compreender os modos de determinação histórica dos processos de produção dos sentidos.

A noção de língua tem forte poder na noção de especificidade da AD, pois é a língua que constitui a condição de possibilidade do discurso, que, para Pêcheux, de acordo com Leandro Ferreira (2005, p. 13), “sempre foi o objeto de uma busca infinita”, incansável. A língua, na perspectiva discursiva, diferencia-se da perspectiva linguística. Leandro Ferreira sustenta que

O conceito de língua, na perspectiva do discurso, não vai ser o mesmo que o do lingüista e a prova está na maneira como é tratada a questão do equívoco. Na visão do lingüista, a língua enquanto sistema só conhece sua ordem própria, o que vai impedir-lhe de considerar os deslizamentos, lapsos e mal-entendidos como parte integrante da atividade de linguagem. Já o discursivista, como se sabe, acatando a lição de Pêcheux, incorpora tais desvios “problemáticos”, como fatos estruturais incontornáveis e próprios à língua. (1999, p. 1-2).

Ao considerar o equívoco como constitutivo da língua, a autora defende que para a AD a concepção de língua é capaz de deslizos, de falhas e é sempre atravessada pela incompletude, ou seja, do real que escapa. “O “real da língua” é, portanto, o impossível que lhe é próprio.” (GADET; PÊCHEUX, 2004, p. 52).

O importante deslocamento realizado por Pêcheux, também citado por Orlandi (2006b, p. 14) em face da dicotomia língua/fala de Saussure, produz um deslizamento para a relação não dicotômica língua/discurso. A AD, ao desmanchar as dicotomias, redefine o conceito de língua: é uma estrutura aberta, “tendo em sua materialidade o lugar da falha, do equívoco”. (ORLANDI, 2005a, p. 60). Essa mudança teórica sobre o discurso traz ao centro da teoria o sujeito e sua relação com a língua; com novo significado, esse sujeito não é origem de si e a situação não é a situação empírica, mas linguístico-histórica.

Dedicando-se às reflexões acerca do sujeito, da história e da língua, Pêcheux ultrapassou os estudos internos da língua, passando de *função* para *funcionamento das línguas*, “funcionamento das representações e do ‘pensamento’ nos processos discursivos” (1975a [1995, p. 125]<sup>6</sup>), avançando os limites do linguístico e atingindo a materialidade da

---

<sup>6</sup> A primeira data refere-se à edição original da obra *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio* de Michel Pêcheux; a segunda, ao texto traduzido utilizado. As duas datas serão referidas apenas na primeira vez; nas demais, figurará apenas a dada da obra efetivamente utilizada.



língua. É na materialidade que se “abre sempre um espaço para a alteridade, para a diferença, para o novo”. (LEANDRO FERREIRA, 2005, p. 18). Essa movimentação se deve à marca da incompletude que distingue todo o dispositivo teórico do discurso, a qual abre espaço para a noção de falta, que move o sujeito e é o lugar do impossível na língua. É na incompletude da língua que as palavras faltam e abrem os espaços para ocorrerem os equívocos. (p. 18).

O fato linguístico do equívoco é constitutivo da língua, inerente ao sistema, significando que a língua é um sistema passível de falhas, por entre as quais os sentidos se permitem deslizar. Leandro Ferreira, ao referir-se aos espaços discursivos das transformações de sentido, utiliza a metáfora da rede para explicar o processo de formação do sentido no campo do discurso.

Uma rede, e pensemos numa rede mais simples, como a de pesca, é composta de fios, de nós e de furos. Os fios que se encontram e se sustentam nos nós são tão relevantes para o processo de fazer sentido, como os furos, por onde a falta, a falha se deixam escoar. Se não houvesse furos, estaríamos confrontados com a completude do dizer, não havendo espaço para novos e outros sentidos se formarem. A rede, como um sistema, é um todo organizado, mas não fechado, porque tem os furos, e não estável, porque os sentidos podem passar e chegar por essas brechas a cada momento. Diríamos, então, que um discurso seria uma rede e como tal representaria o todo; só que esse todo comporta em si o não-todo, esse sistema abre lugar para o não-sistêmico, o não-representável. Temos aí a noção de real da língua, como o lugar do impossível que se faz possível pela língua. O não-sistematizado o não-simbolizado, o impossível da língua, aquilo que falta e que resiste a ser representado. A língua como o todo que comporta em si o não-todo. (2005, p. 19-20).

Pêcheux (1975b [1993, p. 170]<sup>7</sup>), ao introduzir a noção de sujeito discursivo, apresenta-o com a noção de assujeitamento, ou seja, os processos discursivos não se originam no sujeito, mas nele se realizam. Essa aparente contradição remete à constituição do sujeito. Um indivíduo estaria assujeitado a outro num dado grupo social, que, por sua vez, estaria assujeitado a outro numa escala social ideologicamente reconhecida de poder. Ser assujeitado é, antes de tudo, ser sujeito, capaz de compreender, de produzir e interpretar sentido. Deixa-se de trabalhar o sujeito indivíduo para trabalhar com um sujeito dividido, que dá conta de um lugar a ser preenchido por diferentes posições-sujeito, em condições apresentadas pelas formações discursivas que são como discurso em formação, sempre em movimento, sem um

---

<sup>7</sup> A primeira data refere-se à edição original da obra *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*; a segunda, ao texto traduzido utilizado. As duas datas serão referidas apenas na primeira vez; nas demais, figurará apenas a data da obra efetivamente utilizada.

início marcado nem um fim possível. É o sujeito concebido a partir de um lugar socialmente determinado, por ser social, perde as características individuais.

Segundo Pêcheux, a formação discursiva existe historicamente no interior das relações de classes sociais e é aquilo que, “a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determinada pelo estado da luta de classes, determina *o que pode e deve ser dito*”. (1995, p. 160 – grifo do autor). Uma FD pode fornecer elementos que se integram em novas FDs que se constituem no interior de formações ideológicas. É o já-dito o conjunto que sustenta todo o dizer; é um saber linguístico que produz seus efeitos através da ideologia e do inconsciente, pois “reside no fato de que ‘algo fala’ sempre ‘antes, em outro lugar e independente’, isto é, sob a dominação do complexo das formações ideológicas.” (p. 162 – grifo do autor). Inerente à FD está a produção de sentido, ou, nas palavras de Pêcheux (p. 162), “a formação discursiva é o lugar da constituição do sentido”. Toda sequência de enunciados dá lugar à interpretação. Os sentidos estariam inscritos no momento histórico-social e na memória discursiva que constitui toda FD. A memória resulta do esquecimento, da interpretação provocada pela ruptura temporal e discursiva que inscreve o sujeito e o discurso numa nova ordem.

São os esquecimentos, enfatizados por Pêcheux (1995, p. 173), que explicam a ilusão constitutiva do efeito-sujeito em relação à linguagem. Conforme o esquecimento nº 2, o sujeito acredita na linguagem monossêmica e na impossibilidade de produção de sentido fora de uma FD, tal impossibilidade se encontra recalcada para o sujeito, de modo que ele crê estar na fonte do sentido, efeito do esquecimento nº 1. Esses esquecimentos provocam no sujeito o *efeito de ilusão*, pois a concepção de sujeito é a de ser atravessado pelo inconsciente e marcado pela impossibilidade de controle de si e dos efeitos de sentido de seu dizer.

Na formação do discurso da AD, Leandro Ferreira diz que o real do sujeito é o inconsciente, é aquilo que lhe é próprio; o que o movimenta é o desejo de buscar a completude. O sujeito da AD é o do inconsciente e o da ideologia; ambos se revestem pela linguagem e nela se materializam. (2005, p. 19).

Por ser a AD determinada pelos espaços discursivos das transformações de sentido, por escapar a qualquer norma pré-estabelecida e por trabalhar a constituição do sentido juntamente com a constituição do sujeito, possibilidade sempre presente, é que a AD foi eleita a disciplina que sustentará a análise da constituição da identidade do sujeito-aluno por meio da narrativa de si, objetivo deste trabalho.

O percurso teórico apresentado retratou a evolução dos estudos linguísticos, significando trazer presente a questão do sujeito e da identidade. “Só podemos, pois, falar de

identidade como tendo sua existência no imaginário do sujeito que se constrói nos e pelos discursos imbricados que o vão constituindo.” (CORACINI, 2007, p. 61).

## 2 SOBRE A TEORIA DE REFERÊNCIA

O sujeito é sempre, e ao mesmo tempo, sujeito da ideologia  
e sujeito do desejo inconsciente e isso tem a ver com o fato  
de nossos corpos serem atravessados pela linguagem  
antes de qualquer cogitação.  
P. Henry

O objetivo deste capítulo é delinear os pressupostos teóricos da Análise do Discurso sobre os quais fundamentamos o presente trabalho. No decorrer da teoria problematizaremos as questões pertinentes que envolvem o sujeito e a linguagem até chegar ao acontecimento discursivo e suas implicações na constituição do sentimento<sup>8</sup> de identidade do sujeito-aluno. Partimos das noções da Análise do Discurso e do discurso como forma de postular o sujeito e sua relação com o inconsciente.

### 2.1 A Análise do Discurso e o discurso

A Análise do Discurso tem como perspectiva ser uma disciplina de ação transformadora, mantém uma relação crítica com os conceitos exteriores ao domínio linguístico, procurando problematizar as formas de reflexão já estabelecidas nas demais áreas do conhecimento. O objeto teórico da AD é o discurso, e do qual a disciplina se ocupa. Por se tratar de um campo do conhecimento cientificamente constituído, a AD apresenta seu quadro epistemológico, no qual estão articuladas as três regiões do conhecimento científico. Conforme Pêcheux (1993, p. 163-164), temos:

- a) o materialismo histórico como teoria das formações sociais, incluindo aí a ideologia;

---

<sup>8</sup> Coracini entende a identidade como fragmentada pela impossibilidade de um completo preenchimento da falta, por nunca haver um ajuste completo, mas apenas um “sentimento” de identidade. É, pois, uma ilusão de identidade.

- b) a linguística como teoria dos mecanismos sintáticos e dos processos de enunciação;
- c) a teoria do discurso como teoria da determinação histórica dos processos semânticos.

Convém explicitar que, para o autor, as três regiões apresentam-se atravessadas e articuladas por uma teoria da subjetividade, de natureza psicanalítica. Considerando as regiões de conhecimento supracitadas, constatamos que um enunciado proferido em seus aspectos formais adquire diferentes sentidos ao ser produzido em diferentes momentos históricos e/ou ideológicos, tornando-se, dessa forma, um outro enunciado, um outro discurso.

“A palavra discurso, etimologicamente, tem em si a idéia de curso, de percurso, de correr por, de movimento. O discurso é assim palavra em movimento, prática de linguagem: com o estudo do discurso observa-se o homem falando.” (ORLANDI, 2001, p. 15). Nessa perspectiva, o discurso é uma prática social, nunca individual, é uma produção sempre em movimento e com implicações que lhe são próprias: conflitos, relações de poder, constituição de identidades.

O discurso é o objeto teórico da AD, ao passo que a sua unidade de análise é o texto. Para a AD, discurso e texto são objetos que não se igualam, mas se relacionam.

A relação entre texto e discurso não é biunívoca (um discurso não é igual a um texto e vice-versa). Por outro lado, o texto é unidade de análise, mas não é unidade de construção do discurso. Nem por isso deixa de ser um conceito mediador imprescindível: a unidade de construção do discurso é o enunciado, mas ele tem de ser referido ao texto para poder ser apreendido no processo de construção do discurso. (ORLANDI, 2006a, p. 59).

O texto, para a AD, tal como se apresenta como unidade de análise é o produto da atividade discursiva, é o objeto empírico; apresenta-se como uma superfície linguística fechada nela mesma, tendo um autor que se representa em sua origem. É sobre o texto que se debruça o analista para, em sua superfície, perseguir as marcas que o constituem, as unidades discursivas. No entanto, não podemos afirmar o mesmo a respeito do discurso, pois “o discurso não é um conjunto de textos, é uma prática. Para se encontrar sua regularidade não se analisam seus produtos, mas os processos de sua produção.” (ORLANDI, 2006a, p. 55).

O texto é um exemplar do discurso, cuja materialidade é marcada por uma dispersão de textos. Para a AD, o texto manifesta concretamente a ordem do discurso com sua materialidade. Como afirma Pêcheux (1969 [1993, p. 79]<sup>9</sup>), “é impossível analisar um

---

<sup>9</sup> A primeira data refere-se à edição original; a segunda, ao texto traduzido utilizado. As duas datas serão referidas apenas na primeira vez; nas demais, figurará apenas a data da obra efetivamente utilizada.

discurso como um texto, isto é, como uma seqüência lingüística fechada sobre si mesma, mas que é necessário referi-lo ao conjunto de discursos possíveis a partir de um estado definido das condições de produção”.

Como unidade da análise de discurso, o texto tem de ultrapassar a noção de informação. Como não importa sua extensão, pois pode ser uma palavra, um sintagma, um conjunto de frases, para ser um texto tem de ser significativo em relação à situação. As palavras de um texto têm significado porque têm textualidade, porque a interpretação apoia-se num discurso que as sustentam. (ORLANDI, 2006a, p. 22).

Da mesma forma que o texto tem de ultrapassar a noção de informação, o discurso é *efeito de sentido entre os interlocutores*, não transmissão de informação. “O termo *discurso* não se trata necessariamente de uma transmissão de informação entre A e B mas, de modo mais geral, de um ‘efeito de sentidos’ entre os pontos A e B.” (PÊCHEUX, 1993, p. 82 – grifo do autor). Ainda amparados em Pêcheux, constatamos que chegar à determinação de sentido é compreender que o lugar ocupado pelos interlocutores determina o dizer, pois “*este funcionamento não é integralmente lingüístico, no sentido atual desse termo* e que não podemos defini-lo senão em referência ao mecanismo de *colocação* dos protagonistas e do objeto de discurso”. (p. 78 – grifo do autor). Nesse sentido, a noção de efeito transcende o aspecto argumentativo da linguagem, pois os próprios interlocutores fazem parte do dizer e ocupam posições determinadas na estrutura social.

De acordo com a AD, ninguém diz qualquer coisa de qualquer lugar. Quando se fala em efeito de sentido de um discurso, pressupõem-se não palavras com um sentido único e preciso, mas palavras modificadas pela intenção dos interlocutores. Para Orlandi, “no processo de interlocução, entretanto, o sentido se constitui a cada momento, de forma múltipla e fragmentária. E é essa relação dinâmica, é esse movimento entre processo e coisa produzida, que constitui a linguagem”. (2006a, p. 21),

Ao pensar o texto abrindo-se para a interpretação, apresenta-se a necessidade de considerar a relação entre discurso e texto como uma relação sempre em elaboração, pois o sujeito se ampara num, não em outro discurso; num, não em outro sentido. Por isso, há diferentes leituras, tornando o texto heterogêneo, afetado de muitas e variadas maneiras pela discursividade. As diferentes leituras não surgem naturalmente dos textos; elas revelam diferentes modos de subjetivação do sujeito pela sua relação com a materialidade da linguagem, com o corpo do texto, na passagem do discurso a texto, em seus espaços abertos de significação. “O texto é definido pragmaticamente como a unidade complexa de significação, consideradas as condições de sua produção. O texto se constitui, portanto, no

processo de interação.” (ORLANDI, 2006a, p. 22). Assim, o discurso se constitui na articulação entre o plano interdiscursivo e o plano intradiscursivo, noções sobre as quais refletiremos no próximo tópico.

## 2.2 O interdiscurso e o intradiscurso

Considerando o objetivo desta pesquisa, que é analisar a constituição da identidade do sujeito<sup>10</sup>, torna-se necessário termos presentes os conceitos de interdiscurso e intradiscurso, visto que tanto o interdiscurso como o intradiscurso fazem parte de uma cena discursiva sócio-histórico-ideológica protagonizada pelo sujeito-aluno. Orlandi (2005a, p. 45) afirma que “na Análise do Discurso dizemos que o interdiscurso determina o intradiscurso”.

Pêcheux (1995, p. 162) denomina “interdiscurso” a “todo complexo com dominante” das formações discursivas. O interdiscurso está afetado pelo complexo das formações ideológicas que determina a formação discursiva. É próprio da formação discursiva dissimular na transparência do sentido a objetividade material contraditória do interdiscurso que a determina. A formação discursiva é o lugar onde se constituem os enunciados e reside no fato de que algo fala sempre “antes, em outro lugar e independentemente”, sob o complexo das formações ideológicas.

Ao refletir sobre a relação existente entre interdiscurso e intradiscurso, Orlandi (2001, p. 32-33) enuncia que a relação é de necessidade entre o interdiscurso (o já-dito) e o intradiscurso (o que se está dizendo). Na constituição do discurso do sujeito-aluno, os dois conceitos estão ligados um ao outro, podendo ser representados em dois eixos que se cruzam: o interdiscurso representa o eixo vertical, no qual se encontram os já-ditos e esquecidos, os que estão silenciados, mas latentes; por sua vez o intradiscurso representa o eixo horizontal, que é o dizer naquele momento do discurso, com aquelas condições dadas.

É na verticalidade do discurso que se organiza a constituição do dizer (exterior ao sujeito) e é na dimensão horizontal que se tem a formulação discursiva (onde o sujeito intervém). A constituição e a formulação são instâncias inseparáveis e caracterizam a relação entre memória (interdiscurso) e esquecimento (intradiscurso). “O interdiscurso fornece os objetos do discurso de que a enunciação se sustenta ao mesmo tempo em que organiza o ajuste enunciativo que constitui a formulação pelo sujeito.” (ORLANDI, 2006a, p. 112).

---

<sup>10</sup> É mister esclarecer que, aqui, não nos detemos na noção de sujeito da Análise do Discurso, pois será tratada no tópico 2.4 deste capítulo, intitulado “sujeito e sentido”.

Ao considerar sua constituição discursiva, “todo texto é heterogêneo”. (ORLANDI, 2005a, p. 94). São as diferenças produzidas na textualização do discurso que enriquecem a relação entre a constituição e a formulação do texto pelo sujeito. O texto “é atravessado por diferentes formações discursivas, ele é afetado por diferentes posições do sujeito, em sua relação desigual e contraditória com os sentidos, com o político, com a ideologia.” (p. 94). É a relação do sujeito com a memória (interdiscurso) que se materializa na relação sujeito/autor, discurso/texto. Ao se transformar discurso em texto, os significantes materializam-se na historicidade, refletindo no texto o jogo ideológico.

Na articulação entre o plano interdiscursivo e o plano intradiscursivo se constitui o discurso, o dizível, o qual estabelece relações que se aproximam de outros discursos, remetendo-o a redes de formulações que não permitem distinguir o que foi produzido no discurso e o que é proveniente do interdiscurso. É a exterioridade, o interdiscurso, presente no texto que, mesmo não sendo transparente, é parte constitutiva do discurso do sujeito-aluno.

Na estrutura do interdiscurso encontra-se o pré-construído, elemento que, para Pêcheux (1995, p. 156), corresponde a uma discrepância pela qual um elemento irrompe no enunciado como se tivesse sido pensado anteriormente. O efeito do pré-construído remete a uma construção anterior e exterior que se opõe ao que é construído pelo enunciado. No pré-construído o real se manifesta independente do pensamento, que, para Gadet e Pêcheux, é o impossível, próprio da língua. Quanto ao pré-construído, Orlandi (2006b, p. 18) diz que “chamamos de efeito de pré-construído, a impressão do sentido lá que deriva do já-dito, do interdiscurso e que faz com que ao dizer já haja um efeito de já-dito sustentando todo o dizer.”

O interdiscurso determina as formações discursivas, que são aquilo que o sujeito-aluno pode e deve dizer em dada situação. O dizer liga-se às condições de produção e vincula-se à exterioridade. Ao citar Pêcheux (1995, p. 160), Orlandi destaca que

as palavras não têm um sentido ligado à sua literalidade, o sentido é sempre uma palavra por outra, ele existe nas relações de metáfora (transferência) acontecendo nas formações discursivas que são o seu lugar histórico provisório. De tal maneira que, em conseqüência, toda descrição está exposta ao equívoco da língua: todo enunciado é intrinsecamente suscetível de tornar-se outro, diferente de si mesmo, se deslocar discursivamente de seu sentido para derivar para um outro. (2005b, p. 11).

Para que as palavras tenham sentido, é preciso que façam sentido, efeito do já-dito, do interdiscurso. O sentido das palavras é determinado pelas posições ideológicas colocadas em jogo no processo sócio-histórico em que são empregadas, visto que mudam de sentido,



conforme as posições daqueles que as empregam. O lugar da constituição do sentido e da identificação do sujeito é na formação discursiva, na qual o sujeito se identifica e, ao se identificar, constitui identidade.

Retomando esses conceitos na perspectiva escolar, é a noção do intradiscurso que remete à rede complexa das formações discursivas, nas quais todo o dizer do sujeito-aluno está inserido e nos fornece as pistas para entendermos a exterioridade discursiva, que é o interdiscurso. Juntos, na materialidade linguística, que é a narrativa de si do sujeito-aluno, formam uma trama cujos emaranhados não são possíveis de delimitar, abrindo a possibilidade de diferentes sentidos, de outros pontos de deriva possíveis.

Cabe observar que, se o sujeito discursivo se identifica com a formação discursiva que o constitui, é importante para o funcionamento discursivo no âmbito dessa pesquisa, visto que o sujeito-aluno ao falar de si tem a ilusão da inteireza e de edificar uma identidade como se a linguagem fosse transparente. Essa não-transparência é compreensível se consideramos a multiplicidade do sujeito, já que ele é interpelado pela ideologia e atravessado pelo inconsciente.

Na articulação entre ideologia e discurso, a AD tem como fundamentais os conceitos de formação ideológica e formação discursiva, dos quais passamos a tratar na próxima seção.

### **2.3 A formação ideológica e a formação discursiva**

Com base nos estudos de Pêcheux, a ideologia materializa-se nos processos discursivos. Pêcheux, ao considerar a noção de ideologia, defende a concepção da superestrutura ideológica ligada ao modo de produção que domina a formação social.

A região da ideologia deve ser caracterizada por uma materialidade específica articulada sobre a materialidade econômica: mais particularmente, o funcionamento da instância ideológica deve ser concebido como "determinado em última instância" pela instância econômica, na medida em que aparece como uma das condições (não-econômicas) da reprodução da base econômica, mais especificamente das relações de produção inerentes a esta base econômica. (1993, p. 165 – grifo do autor).

Assim, a ideologia caracteriza-se por uma materialidade específica, articulada sobre a materialidade econômica e que atua como reprodutora das relações de produção. Como consequência da atuação da ideologia, que atua no inconsciente, o sujeito será assujeitado como sujeito ideológico, "de tal modo que cada um seja conduzido sem se dar conta e tendo a impressão de estar exercendo sua livre vontade, a *ocupar o seu lugar* em uma ou outra das

duas classes sociais antagonistas do modo de produção” (PÊCHEUX, 1993, p. 166 – grifo do autor), acreditando estar exercendo a sua livre vontade.

É nas classes sociais que a ideologia se mantém e se perpetua por meio do que Althusser denominou “aparelhos ideológicos do Estado”, “que se caracterizam pelo fato de colocarem em jogo práticas associadas a lugares ou a relações de lugares que remetem às relações de classes sem, no entanto, decalcá-las exatamente”. (1993, p. 166). Num determinado momento histórico e no interior dos aparelhos ideológicos, as relações de classes caracterizam-se pelo afrontamento de posições políticas e ideológicas que mantêm entre si relações de aliança, de antagonismo ou de dominação. “O embate de forças em confronto na conjuntura característica de uma dada formação social em um dado momento constitui a formação ideológica.” (CORACINI, 2007, p. 30).

Pêcheux destaca também que as formações ideológicas regulam o andamento do discurso como um elemento de força em confronto com outras forças na conjuntura ideológica de determinada formação social. “Cada formação ideológica constitui um conjunto complexo de atitudes e de representações que não são nem ‘individuais’ nem ‘universais’ mas se relacionam mais ou menos diretamente a *posições de classes* em conflito umas com as outras.” (PÊCHEUX, 1993, p. 166 – grifo do autor). A formação ideológica tem como um de seus componentes uma ou várias formações discursivas interligadas. São as formações discursivas inscritas numa formação ideológica que vão determinar “o que pode e deve ser dito” a partir de uma dada posição numa conjuntura.

Na ordem do discurso, as palavras, expressões, proposições não têm o sentido em si mesmas, pois seu sentido é determinado pela formação discursiva na qual são reproduzidas, ou seja, “*mudam de sentido, segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam*, o que quer dizer que elas adquirem seu sentido em referência a essas posições, isto é, em referência às *formações ideológicas* nas quais essas posições se inscrevem.” (PÊCHEUX, 1995, p. 160 – grifo do autor). A formação discursiva é o lugar da construção dos sentidos. A interpelação do indivíduo em sujeito dá-se por meio da ideologia. (1993, p. 155). O efeito ideológico resultante do processo constitutivo do sujeito está na ilusão de que é livre e tem domínio sobre a linguagem. Na verdade, ele é assujeitado pelo discurso ao retomar sentidos pré-existentes e ao se posicionar num lugar social que ele mesmo institui ao falar. Ao se identificar com o dizível, os alunos são interpelados em sujeitos de seus discursos.

Conforme Orlandi, “na formação discursiva é que se constitui o domínio de saber que funciona como um princípio de aceitabilidade discursiva para um conjunto de formulações (o que pode e deve ser dito) e, ao mesmo tempo, como princípio de exclusão do não-

formulável.” (ORLANDI, 2006a, p. 109). A formação discursiva não só se circunscreve na zona do dizível, no que pode e o que deve ser dito, determinando o conjunto de enunciados possíveis com base num lugar determinado na estrutura social, como também circunscreve o lugar do não-dizível, ou seja, daquilo que o sujeito-aluno pode e não pode dizer.

Ao apresentar a formação discursiva como heterogênea em relação a si mesma, Orlandi (2006a, p. 109) enfatiza que a formação discursiva não atua como uma máquina lógica; ao contrário, ela é uma unidade dividida, na qual um deslocamento contínuo se faz em suas fronteiras em decorrência da luta ideológica e dos confrontos político-sociais.

A contradição que constitui a formação discursiva é sua especificidade; não é imóvel e fechada, mas dinâmica, podendo vir a desaparecer numa época e reaparecer em outra. Orlandi (2006a, p. 109) assegura que “cada formação discursiva define-se em sua relação com as várias outras formações em sua articulação (contraditória) com a ideologia”.

Quanto à formação discursiva, o sujeito-aluno, ao priorizar uma e excluir outras, estará definindo relações com a ideologia; estará inscrevendo o seu dizer em uma ou outra formação discursiva. O sujeito é definido pelo lugar do qual ele fala, em relação aos diferentes lugares de uma formação social. Essas distinções feitas pelo sujeito-aluno determinam a constituição do sujeito e dos sentidos.

A produção do sentido associa-se às relações de paráfrase entre sequências, que, para Pêcheux (1993, p. 170), é o que constitui a matriz do sentido, inerente à formação discursiva. É na família parafrástica que se constitui o sentido. Pensar na possibilidade de um único sentido se constitui na ilusão do efeito-sujeito em relação à linguagem, a qual ocorre por meio dos dois esquecimentos que remetem à concepção de sujeito psicanalítico, atravessado pelo inconsciente e marcado pela impossibilidade de controle de si e dos efeitos de sentido do seu dizer. São os esquecimentos que provocam no sujeito o efeito de ilusão, de domínio, de completude, e que lhe conferem um sentimento de identidade.

A memória discursiva é que sustenta o dizer de formulações já feitas e esquecidas e que vão construindo uma história de sentidos. É sobre essa memória, sobre a qual o sujeito não tem controle, que os sentidos se constroem. Seguindo Orlandi (2006a, p. 110), na constituição de um enunciado há condições de produção e de formação. As condições de produção situam-se na relação do discurso com o sujeito, com as situações, e na relação dos interlocutores com a ideologia numa conjuntura histórica dada; por sua vez as condições de formação referem-se à formação discursiva específica em que se inscreve o enunciado.

Da articulação entre as condições de produção e as condições de formação deriva o domínio da memória discursiva, que, nas palavras de Coracini,

são as inúmeras vozes, provenientes de textos, de experiências, enfim, do outro, que se entrelaçam numa rede em que os fios se mesclam e se entretecem. Essa rede conforma e é conformada por valores, crenças, ideologias, culturas que permitem aos sujeitos ver o mundo de uma determinada maneira e não de outra, que lhes permitem ser, ao mesmo tempo, semelhantes e diferentes. Essa rede, tecido, tessitura, texto, melhor dizendo, escritura se faz corpo no corpo do sujeito, (re)velando marcas indelévels de sua singularidade. (CORACINI, 2007, p. 9).

No momento em que o sujeito-aluno se insere no discurso, que busca palavras sempre suas e do outro para se significar, singulariza-se. Conforme Coracini (2007, p. 54), a singularidade “distingue cada um e o assemelha a todos: é o mesmo e o diferente; é o eu e o outro; é o outro no eu; é o estranho-familiar ou o familiarmente estranho.” Ao revelar marcas de sua singularidade<sup>11</sup>, o sujeito discursivo revela marcas de identidade assumidas como suas. A identidade é constituída de representações imaginárias impressas no outro. São diferentes vozes que, no exercício discursivo, atuam através das lembranças e dos esquecimentos, nas quais o sujeito-aluno se inscreve com seu traço singular, deixando umas na penumbra e evidenciando outras.

É esse sujeito-aluno que, ao assumir-se como função, como lugar no discurso, é afetado pela formação discursiva que lhe imprime marcas de identificação, visto ser a formação discursiva que define as relações de poder, o que pode, onde, quando e de que modo pode ser dito. Assim, o dizer constrói verdades e, por essa razão, conserva-se e dissemina-se na sociedade por meio dos discursos. Sendo os discursos alvo de poder, os sujeitos que o detêm também detêm o poder que cria a ilusão da completude, a qual o sujeito busca sem jamais alcançar.

Orlandi assegura que memória e esquecimento se misturam, pois vezes lembrar é resistir e, em outras, esquecer é resistir. (2006a, p. 107). No nível do discurso, a história não é transparente, mas é ambígua em relação àquilo que muda e ao que permanece. A ambiguidade se dá entre o polissêmico (diferente) e a paráfrase (o mesmo); entre a concretude (contraditória) do corpo e o formalismo (ideal) do sistema. Esses elementos mantêm entre si a mesma relação de constituição.

Constituindo a mistura da memória com o esquecimento, Orlandi (2006a, p. 107) destaca que “esquecer é mudar e também não mudar. Assim como lembrar, tanto pode ser reproduzido como transformar.” O sentido atribuído depende de uma conjuntura da qual o sujeito não tem o privilégio de possuir a consciência plena ou o controle, mas na qual pode

---

<sup>11</sup> O conceito de singularidade será aprofundado no capítulo 3.2, que trata da (des)constituição da identidade.

intervir. Memória e esquecimento são elementos discursivos que se misturam como uma necessidade, que, por sua vez, tem sua razão na verticalidade do discurso, dimensão a que se pode atribuir o domínio do repetível, onde se trama a constituição do dizer e é exterior ao sujeito. Os sentidos são muitos, mas há sempre um que é enunciável, a partir do qual o sujeito pode intervir.

A relação da ideologia com as formações discursivas não é homogênea, “como também não o é nem o sujeito, nem os sentidos. Contradição, reprodução, transformação, memória, esquecimento, o mesmo e o diferente jogam todo o tempo na produção de um discurso.” (CORACINI, 2006a, p. 110). Pela afirmação da autora, entendemos que o sujeito discursivo, no caso da nossa pesquisa o sujeito-aluno, constrói-se na contradição, na alteridade, em que há sempre um jogo, pois o sujeito se constitui na relação com o outro. Essa relação é constitutiva da identidade, ou seja, é nessa relação que ocorrem os momentos de identificação do sujeito-aluno.

Apresentadas essas noções, passamos à questão do sujeito associada à questão do sentido, conceitos que se constituem na dependência um do outro e considerados fundamentais na ressignificação do sujeito-aluno.

## 2.4 O sujeito e o sentido

Considerando o fio condutor desta pesquisa, a constituição da identidade do sujeito-aluno, é imprescindível refletirmos sobre o sujeito e o sentido, já que a transformação da identidade do sujeito se configura nessa relação.

A base teórica da AD sustenta-se no fato de que *sujeito e sentido se constituem ao mesmo tempo*. Desde o princípio do processo discursivo de significação, a noção de sujeito foi concebida a partir de lugares socialmente determinados. Conforme aponta Pêcheux (1993, p. 165), a linguagem apresenta um aspecto social e o sujeito, por ser um sujeito de linguagem, perde suas características individuais e, ao perdê-las, representa-se no discurso transformado.

Em seu processo de constituição, o sujeito da AD passa a ser um sujeito *de natureza inconsciente*, fazendo-o agir sobre o efeito das ilusões: pensa ser a fonte de seu dizer e ser responsável pelo que diz. (PÊCHEUX, 1993, p.177). É em *Semântica e discurso* (1995, p. 152) que Pêcheux acrescenta ao sujeito da AD uma articulação entre inconsciente e ideologia e que dá conta da autonomia e da unidade. Para Althusser (1980, p. 102), “a ideologia interpela os indivíduos como sujeitos”, sem que eles se deem conta da interpelação, por ser um processo da ordem do inconsciente. O sujeito passa a ser histórico e assume a forma-

sujeito, com a qual se identifica, constituindo-se em sujeito do discurso, ou, ainda, nas palavras de Pêcheux (1993, p.169), *um efeito-sujeito*.

Ideologia e inconsciente atuam na constituição do sujeito discursivo, pois para tratar da ideologia o sujeito precisa pensá-la no registro do inconsciente, visto que, ao se dissimularem no interior do discurso, produzem um efeito de evidências que não afetam o sujeito, mas nelas o sujeito se constitui. Esse mesmo efeito pode ser constatado na seguinte afirmação de Althusser:

Como todas as evidências, incluindo as que fazem com que uma palavra “designa uma coisa”, ou “possua um significado” (portanto incluindo as evidências da “transparência” da linguagem), esta “evidência” de que eu e você somos sujeitos – e que esse fato não constitui problema – é um efeito ideológico, o efeito ideológico elementar. (1980, p. 95 – grifo do autor).

Considerando a elaboração apresentada, percebe-se que o indivíduo ao ser interpelado pela ideologia se constitui em sujeito, como também nos remete a um *indivíduo sempre-já sujeito*, por causa da ideologia. É por meio de um processo de interpelação-identificação sobre o indivíduo que a ideologia interpela-o em sujeito, colocando em jogo a própria identidade. Nas palavras de Pêcheux (1995, p. 156), é um processo do significante, na interpelação-identificação.

O indivíduo, *ao ser interpelado em sujeito*, identifica-se com uma forma-sujeito, condição necessária para a prática do sujeito. É o indivíduo interpelado pela ideologia que se constitui em forma-sujeito, por meio de um processo ideológico. Com a finalidade de explicitar o processo de constituição da forma-sujeito, trazemos a teoria de Pêcheux (1995, p. 163), na medida em que compreende que a forma-sujeito pela qual o sujeito do discurso se identifica com a formação discursiva que o constitui tende a absorver o interdiscurso no intradiscurso, tornando o interdiscurso um puro já-dito do intradiscurso. Nessas condições, a forma-sujeito incorpora, dissimula os elementos do interdiscurso, levando a imaginação do sujeito, sua identidade presente, passada e futura a fundamentar-se nesse processo discursivo.

É no assujeitamento por meio das relações histórico-sociais que o sujeito assume sua prática discursiva. O sujeito pensa que assume posições pessoais, porém, na realidade, suas posições são afetadas ideologicamente. O sujeito não se inscreve conscientemente numa determinada formação discursiva; ao inscrever-se, o sujeito age através do inconsciente, tendo a ilusão de ser a origem do sentido que enuncia.

A aparente transparência do sujeito do discurso ou a ilusão de ser a origem do sentido do que diz, é produto dos dois esquecimentos: o de que o sujeito tem a ilusão de ser a fonte do sentido do seu dizer e o de que o que o sujeito diz tem o sentido que ele quer. É a onipotência do sujeito e do sentido; é o esquecimento da ordem da constituição do sujeito e do sentido. Ao sujeito da AD dotado de tais características não se atribuem intenções ou estratégias discursivas. A AD trabalha com um sujeito que carrega a ilusão de ser a fonte e o sentido do que diz e, por meio dos processos discursivos, mostra que a unidade e a centralidade do sujeito são ilusões, assim como é uma ilusão a transparência do sentido.

Sujeito e sentido não são transparentes, não são únicos, pois o discurso tem como lugar fundamental a subjetividade, que permite compreender como a língua acontece no homem. É no acontecimento da subjetividade que a noção de indivíduo transfere-se para a de sujeito. É a subjetividade que permite observar os possíveis sentidos em jogo numa determinada posição-sujeito, por ser o sujeito, na análise do discurso, uma posição entre outras, subjetivando-se na medida em que se projeta de sua realidade social para uma outra posição no discurso, uma posição-sujeito discursiva.

O sujeito do discurso, ao assumir uma posição-sujeito discursiva, pode movimentar-se, identificando-se plenamente com a forma-sujeito ao manifestar o saber de sua formação discursiva, como também pode divergir desse domínio de saber, inscrevendo-se em outra formação discursiva, introduzindo um discurso divergente, que instaura a contradição. “E as identidades resultam desses processos de identificação, em que o imaginário tem sua eficácia.” (ORLANDI, 2001, p. 41). É o dizer do outro que se une ao dizer do sujeito e constitui o dizer. Essa é a marca da subjetividade heterogênea.

Orlandi (1988, p.11) afirma que “o espaço da subjetividade, na linguagem, é tenso.” O sujeito não é totalmente dono de si, assim como não é totalmente determinado pelo que vem do outro; o sujeito é múltiplo porque se constitui de vários discursos, os quais compõem a ordem social à qual faz parte, e, sendo múltiplo, representa vários papéis. Orlandi atribui à troca de papéis realizada pelo sujeito o nome de “reversibilidade”, como a condição para que haja discurso. Sem a reversibilidade, não há discurso; é porque o eu pode ocupar o lugar do outro, e vice-versa, que o dizer acontece. ( p. 11 – grifo da autora).

Para a autora, o aspecto da reversibilidade do sujeito é condição necessária para que haja discurso. No movimento do discurso é que o sujeito se identifica. Não há como estancar o movimento que constitui as identidades dos sujeitos no discurso. Orlandi ainda destaca que, em termos de representações,

1) Não há separação categórica, dada *a priori*, entre o estatuto do *eu* e do *outro*; e 2) representamos vários papéis (ou temos vários estatutos) ao mesmo tempo. É a isso que me refiro quando coloco que há uma instância em que o outro somos nós. O que pode ser dito pela metáfora do “um dentro do outro”. (ORLANDI, 1988, p. 11-12 – grifo da autora).

Dessa forma, o sentido do discurso se constitui na interação entre os interlocutores. O sentido não se aloja em cada um, mas constrói-se no espaço discursivo criado pelos interlocutores, tornando o discurso incompleto, assim como são incompletos os sujeitos e os sentidos. Sujeitos e sentidos são incompletos, assim como a condição de existência da linguagem humana é a incompletude.

Orlandi (2006a, p. 59) postula que não se analisa um discurso como superfície fechada em si mesma. Ao citar Pêcheux (1993, p. 79) acrescenta: “[...] é necessário referi-lo ao conjunto de discursos possíveis, a partir de um estado definido das condições de produção.” No processo de significação há uma relação que liga os sentidos às condições em que são produzidos, pois é constitutiva da significação. As condições de produção envolvem o contexto histórico-social, ideológico, a situação, os interlocutores e o objeto do discurso, a ponto de o que se diz significar em relação ao que não se diz, para quem se diz, ao lugar social do qual se diz. Assim, os sentidos variam e devem ser entendidos como *uma prática entre os locutores*.

A língua não é completa, assim como não é completo o discurso do sujeito-aluno. No processo de interlocução, o sentido se constitui a cada momento, pelo fato de que o que caracteriza o discurso é a multiplicidade de sentidos possíveis. “De acordo com a análise do discurso, o sentido não existe em si, mas é determinado pelas posições ideológicas, colocadas em jogo no processo sócio-histórico em que as palavras são produzidas.” (ORLANDI, 2006a, p. 58).

Ao dizer, o sujeito significa em condições determinadas pela língua, pelo mundo, pela sua experiência por fatos que exigem sentidos, como também por sua memória discursiva em que os fatos fazem sentido por se inscreverem em formações discursivas que representam a formação ideológica correspondente. As palavras constituem seu sentido da formação discursiva em que são produzidas, ao passo que os indivíduos são interpelados em sujeitos pela ideologia.

Em análise do discurso há um efeito que é o efeito ideológico pelo qual o sujeito, sendo sempre já-sujeito, coloca-se na origem do que diz. De acordo com Pêcheux, o sujeito



não poderia ser a origem de si. Na intervenção da ideologia na relação com a linguagem, o teatro da consciência “eu vejo, eu penso, eu falo” é observado. Desse modo pode-se perceber que se fala *ao* sujeito, *do* sujeito, *antes* mesmo que o sujeito possa dizer “eu falo”. (PÊCHEUX, 1995, p.154).

Ao observar a constituição do sentido e do sujeito, Orlandi também vê o processo como o “teatro da consciência”. A unidade do discurso também representa um espetáculo, uma cena de teatro, em dois atos:

1. A evidência do sujeito, ou melhor, sua identidade, esconde que esta resulta de uma identificação, que é o que constitui sua interpelação. Essa interpelação – que se dá pela ideologia – produz o sujeito sob a forma de sujeito de direito (jurídico) que, historicamente, corresponde à forma-sujeito do capitalismo: sujeito ao mesmo tempo autônomo (e logo responsável) e determinado por condições externas.
2. A evidência do sentido, de sua parte, esconde seu caráter material, a historicidade de sua construção. (ORLANDI, 2006a, p. 56-57).

Considerando a afirmação da autora, os processos de constituição do sentido e do sujeito estão intimamente ligados, pois, ao mesmo tempo em que o sujeito se identifica com uma formação discursiva, está construindo sentidos para o seu discurso. A evidência do sujeito esconde sua interpelação, assim como a evidência do sentido esconde seu caráter material.

Na análise do discurso não há sentido literal, fixo, irreduzível, em relação aos outros, uma vez que não há um sentido único, mas um sentido instituído historicamente e que faz parte das condições de produção do discurso. A literalidade do discurso deve ser uma construção dos sujeitos em relação às condições de produção. “*As palavras, expressões, proposições, etc., mudam de sentido, segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam*, o que quer dizer que elas adquirem seu sentido em referência a essas posições, isto é, em referência às *formações ideológicas* [...] nas quais essas posições se inscrevem.” (PÊCHEUX, 1995, p. 160 – grifo do autor).

Ao considerar a linguagem um processo de interação que se dimensiona no tempo e no espaço das práticas dos sujeitos-alunos, não há como considerarmos o sentido literal, mas, sim, múltiplos sentidos. A polissemia é a multiplicidade de sentidos para uma mesma enunciação que fundamenta a atividade do dizer; é o processo polissêmico responsável pelo fato de que, na linguagem, são sempre possíveis sentidos diferentes. (ORLANDI, 2006a, p.86). O sentido não é único; está sempre em movimento, aberto e se constitui em condições determinadas, de acordo com o contexto sócio-histórico-ideológico de quem o produz. O real

da língua está sujeito a falhas e o real da história, passível de ruptura; se assim não fosse, não haveria transformação, movimento possível, nem sujeitos nem sentidos. Ao pensar a constituição de sentido pelo sujeito, Orlandi afirma que

é porque a língua é sujeita ao equívoco e a ideologia é um ritual que falhas que o sujeito, ao significar, se significa. Por isso dizemos que a incompletude é a condição da linguagem: nem os sujeitos, nem os sentidos, logo, nem o discurso, já estão prontos e acabados. [...] Os sentidos e os sujeitos sempre podem ser outros. Todavia nem sempre o são. Depende de como são afetados pela língua, de como se inscrevem na história. Depende de como trabalham e são trabalhados pelo jogo entre paráfrase e polissemia. (2001, p. 37).

Seguindo o ponto de vista da análise do discurso de que o sentido se constitui continuamente e amparado na ideologia, não há sentido sem a possibilidade de deslizamento. O deslizamento do sentido é constitutivo do próprio sentido, que pode ser o mesmo, no entanto escorrega, deriva para outros sentidos, para outras posições. É o efeito metafórico, é a palavra que fala com outras palavras.

Como consequência do confronto do mundo com a linguagem, todo discurso está exposto ao equívoco da língua. Pêcheux considera o equívoco como constitutivo da língua e que, portanto, não há ritual sem falha porque

todo enunciado é intrinsecamente suscetível de tornar-se outro, diferente de si mesmo, se deslocar discursivamente de sentido para derivar para um outro (a não ser que a proibição da interpretação própria ao logicamente estável se exerça sobre ele explicitamente). Todo enunciado, toda seqüência de enunciados é, pois, lingüísticamente descritível como uma série (léxico-sintaticamente determinada) de pontos de deriva possíveis, oferecendo lugar à interpretação. (1997, p. 53).

É no espaço dos pontos de deriva possíveis que oferecem lugar à interpretação que a análise do discurso trabalha; é neste espaço que se produz o deslizamento de sentido. A formação discursiva representa o lugar de constituição do sentido e de identificação do sujeito. Nela o sujeito-aluno constitui identidade e o sentido adquire unidade. Há um trabalho contínuo entre estrutura e acontecimento: nem o exatamente fixado nem a liberdade em ato. Sujeitos, ao mesmo tempo, à língua e à história, os homens e os sentidos fazem seus percursos, detendo-se nas margens, ultrapassando limites. Essa articulação entre o dentro e o fora é efeito do próprio processo de interpelação.

A memória discursiva sustenta o dizer; as formulações elaboradas e esquecidas vão construindo a história do sentido. É sobre a memória, cujo controle o sujeito não detém, que

os sentidos se constroem, dando a impressão de que o sujeito sabe o que está falando. Forma-se aí a ilusão de que o sujeito é a origem do que diz. Esse apagamento permite que o sujeito se estabeleça num lugar possível no movimento da identidade e dos sentidos, os quais não retornam, mas projetam-se em outros sentidos, permitindo outras possibilidades de subjetivação.

Para a análise do discurso, sujeito e sentido constituem-se mutuamente. O sujeito, ao se submeter à linguagem, mergulha em sua experiência de mundo e, determinado a dar sentido, significa-se num movimento sócio-histórico em que se reflete sua interpelação pela ideologia, que é a condição para a constituição do sujeito e dos sentidos. Compreender o efeito de sentido é compreender que o sentido nunca está pronto, mas sempre em movimento e que pode ser outro, pois se constitui na interação dos sujeitos a cada momento, de forma múltipla e fragmentária.

Ao postular a heterogeneidade do sujeito-aluno nesta pesquisa, considerando a perspectiva teórica adotada, pensamos a subjetividade de maneira descentrada, construída na alteridade. É sobre esse conceito de subjetividade que passamos a refletir.

#### **2.4.1 Os modos de subjetivação**

Ao teorizar os fatores constitutivos do processo linguístico, Pêcheux (1993, p. 82) vai além das concepções jakobsonianas de “destinador, destinatário e mensagem”, apresentando o destinador e o destinatário como os sujeitos do discurso, substituindo o termo “mensagem”, que pressupõe transmissão de informações, por “discurso”, que denota “efeito de sentidos” entre os sujeitos do discurso. Enquanto “efeito de sentidos”, o discurso é o lugar em que a linguagem se materializa na ideologia e a ideologia se manifesta na linguagem. É pela análise do funcionamento discursivo que se explicitam os mecanismos de determinação histórica dos processos de significação.

Na obra *Análise automática do discurso* Pêcheux afirma que “o que funciona nos processos discursivos é uma série de formações imaginárias que designam o lugar que A e B se atribuem cada um a *si* e ao *outro*, a imagem que eles se fazem de seu próprio lugar e do lugar do outro.” (PÊCHEUX, 1993, p. 82 – grifo do autor).

O autor constata que todo processo discursivo supõe a existência de formações imaginárias dos protagonistas que interferem nas condições de produção do discurso entre os sujeitos (A e B) em determinada situação na qual o discurso acontece, a que o autor nomeia de “referente” (R). O discurso passa pela imagem que o sujeito (A) tem de si, do seu ouvinte

(B) e do seu referente (R). O mesmo ocorre com o sujeito (B), que tem uma imagem de si, do seu locutor (A) e do referente (R). Outra imagem que compõe o processo é a imagem que (A) tem da imagem que (B) tem sobre (A), o que da mesma forma ocorre com (B). Essas imagens constituem os sujeitos do discurso em específicas condições de produção. “A situação de discurso, à qual remetem as pressuposições, comporta como parte integrante certos conhecimentos que o sujeito falante empresta a seu ouvinte. Ela concerne, pois, à imagem que se fazem uns dos outros os participantes do diálogo.” (PÊCHEUX, 1993, p. 86).

Reconhecido como efeito de sentidos, o discurso é o lugar particular em que a relação entre os locutores ocorre, ou seja, a posição dos protagonistas intervém nas condições de produção do discurso. É a ideologia ligada ao modo de produção do discurso que domina a formação social. Como consequência do funcionamento da ideologia que atua no inconsciente, o sujeito passa a ser um sujeito assujeitado, que, ao ser interpelado como sujeito ideológico, ilusoriamente se percebe no exercício da sua livre vontade e é levado a ocupar o seu lugar no interior de uma classe social. Nessa visão, a ideologia é interpretação e o confronto ideológico é disputa de sentidos.

Na ótica da AD, a ideologia pode ser representada pela formação discursiva e pela formação ideológica, ambas diretamente relacionadas ao outro. Na ordem do discurso as formações discursivas representam as formações ideológicas que lhes correspondem. Localizada numa formação ideológica, a formação discursiva é que determina *o que pode e o que deve ser dito*, a partir de uma posição, em determinada conjuntura. Isso significa que as palavras recebem seu sentido da formação discursiva na qual são produzidas. Nas palavras de Pêcheux,

o *sentido* de uma palavra, de uma expressão, de uma proposição, etc., não existe “em si mesmo” (isto é, em sua relação transparente com a literalidade do significante), mas, ao contrário, é determinado pelas posições ideológicas que estão em jogo no processo sócio-histórico no qual as palavras, expressões e proposições são produzidas, (isto é, reproduzidas). (1995, p. 160 – grifo do autor).

A formação discursiva é responsável pela constituição do domínio de saber, que funciona como um princípio de aceitabilidade discursiva para um conjunto de formulações que determinam o que pode e deve ser dito, assim como do que deve ser excluído do discurso. “É como espaço de reformulação-paráfrase onde se constitui a ilusão necessária [...] pela qual cada um sabe [...] o que o “outro” vai pensar e dizer..., [...] já que o discurso de cada um reproduz o discurso do outro [...], (cada um é o espelho dos outros).” (PÊCHEUX, 1995, p. 172).

Assim localizada, a formação discursiva não se encerra em limites definitivos, pois suas fronteiras se deslocam em razão da luta ideológica, dos confrontos político-sociais, aqui entendidos como disputa de sentidos. Ao movimento incessante de fronteiras de uma formação discursiva corresponde o interdiscurso, diretamente ligado ao outro, por conter, na sua base as resistências oferecidas no plano da linguagem.

O interdiscurso está articulado ao complexo de formações ideológicas; é o já dito, *algo que fala sempre antes, em outro lugar e independentemente*. É o conjunto de dizeres já-ditos e esquecidos que determinam o que dizemos. Ressalta Pêcheux (1995, p. 160) que as palavras não têm um sentido ligado à sua literalidade. Para que nossas palavras construam um sentido é preciso que já tenham sentido.

Do cruzamento entre a história e a língua surgem as diferentes formas de reflexão, sujeitas à interpretação. É no lugar da produção dos sentidos que atua o interdiscurso, já que há o “outro” na identificação ou na transferência, abrindo a possibilidade de interpretação, por meio da organização da memória.

Os sujeitos e os sentidos inscrevem-se na memória, possibilitando o deslizamento de sentidos metafóricos produzidos nos discursos. Sendo simbólicos e por se constituírem em processos, não há sentidos armazenados, literais, assim como o sujeito não domina o que diz, porque as palavras possuem vários significados dentro da língua. Por si só, elas significam, e esse significado é dado pela posição do sujeito e por sua inscrição no discurso. “O sujeito ocupa posições diferentes no interior do mesmo texto: o sujeito se representa de maneiras bastante diversas num mesmo espaço textual. Isso nos leva a considerar a heterogeneidade como forte característica do universo discursivo.” (ORLANDI, 2006a, p. 75-76).

Discurso é dispersão de textos; logo, a constituição do discurso pelo sujeito é heterogênea. O sujeito ocupa várias posições no texto; em outras palavras, o texto é atravessado por várias posições do sujeito, que correspondem a diversas formações discursivas, porque, num mesmo discurso encontramos enunciados de discursos diversos, os quais derivam de diferentes formações discursivas. Isso é um efeito ideológico, pois a ideologia apresenta-se contraditória e descontínua. “O funcionamento da Ideologia em geral como interpelação dos indivíduos em sujeitos [...] se realiza através do complexo de formações ideológicas [...] e fornece ‘a cada sujeito’ sua ‘realidade’, enquanto sistema de evidências e de significações percebidas.” (PÊCHEUX, 1995, p. 162 – grifo do autor).

São essas evidências causadas pela ideologia que produzem no sujeito a aparência da unidade e a transparência do sentido. Essas ilusões no processo de constituição do sentido e do sujeito tornam evidente que *eu* e *tu* somos sujeitos e que a linguagem é transparente. A

evidência do sujeito, a sua identidade esconde que é o resultado de uma identificação, fato que constitui a própria interpelação; a evidência do sentido esconde seu caráter material, a historicidade de sua construção. É importante salientar que a circunstância da enunciação e o contexto sócio-histórico são constitutivos do discurso. É no interior do contexto sócio-histórico que a instância do enunciado estabelece uma relação com a instância da enunciação, que é a do eu-aqui-agora (ORLANDI, 2006a, p. 112), ajuste que desaparece aos enunciadores, garantindo o assujeitamento.

A relação existente entre o enunciado e a enunciação sustenta processos discursivos ligados à ilusão do sujeito, observados pelos esquecimentos, inerentes ao discurso. Embora se realizem necessariamente no sujeito, os processos discursivos não têm sua origem no sujeito. É dessa aparente contradição que deriva a relação entre identidade e alteridade, movimento que, ao marcar a identidade, separa, porque distingue, e, ao mesmo tempo, integra, porque a identidade é feita de uma relação, de movimento. Dessa forma, o discurso não é apenas do domínio do locutor, pois tem a ver com as condições em que se produz e com outros dizeres, ou seja, com os lugares em que passa. O sujeito não é dono de si, assim como não é um sujeito determinado completamente pelo que lhe vem de fora. Torna-se múltiplo por atravessar e ser atravessado por vários discursos, porque representa vários papéis; sem a troca de papéis entre os sujeitos, a fala não se constitui. O dizer se estabelece quando o *eu* ocupa o lugar do *outro* e vice-versa, condição necessária de qualquer discurso.

Esse é o movimento que constitui as identidades, visto que não se pode separar o estatuto do *eu* e do *outro*. Há um momento no discurso em que o *outro* somos *nós*. É na interação entre o *eu* e o *outro* que o sentido se constitui. Assim como o sentido, a linguagem não é completa, sendo a condição de sua existência a incompletude, a falta, o equívoco, fatores constitutivos da linguagem, do discurso e do sujeito.

Quanto à questão da identidade, também é incompleta e constitui-se na relação com o outro, manifestando-se tanto no apagamento do sujeito como no princípio de autoria. “Para que o sujeito se coloque como autor, ele tem de estabelecer uma relação com a exterioridade, ao mesmo tempo em que ele se remete à sua própria interioridade: ele constrói assim a sua identidade como autor.” (ORLANDI, 2006a, p. 79). Revelar o princípio de autoria é uma forma de se identificar, de se mostrar. O sujeito, ao assumir a autoria, assume, juntamente com este, o que esse papel implica, ou seja, o sujeito torna-se visível, identificável; ao se enunciar, o sujeito marca-se no discurso por um mecanismo enunciativo e, pelo mesmo processo, o discurso inscreve-se no sujeito. Essa inscrição, esse efeito discursivo, resulta no apagamento do sujeito, que, ao apagar-se, identifica o *outro* que o oprime, porque, com base

em Orlandi (2006a, p.78), “é nessa instância – mais determinada pela representação social - que mais se exerce a injunção a um modo de dizer padronizado e institucionalizado no qual se inscreve a responsabilidade do sujeito por aquilo que diz.” O sujeito é enunciador e pode se dividir em várias posições no seu discurso.

Nessa visão, o sujeito apresenta-se dividido. Dessa heterogeneidade decorre a impossibilidade de autocontrole total e, sobretudo, de controlar, pela linguagem, o *outro*, pelo controle dos efeitos de sentido de seu dizer. Nossa imagem é construída ao longo da vida por aqueles com quem vivemos; pelos deslocamentos provocados, o *outro* vai construindo a identidade do sujeito, a qual deixa de ser una, para ser heterogênea. Porém, o desejo identitário, presente no sujeito leva-o a buscar incessantemente a sua individualidade; ao ser recalcado, o sujeito depara-se com a presença do *outro*, de outras vozes que entram na constituição do sujeito e do seu dizer.

É pela subjetividade que o sujeito-aluno constrói-se nos movimentos incessantes de identificação. É da identidade (re)construída por meio da relação com o outro, assim como o sujeito que se constitui e é constituído nessa relação do eu/outro, que passamos a tratar no próximo tópico.

#### **2.4.2 A constituição do eu sob/pelo olhar do outro**

O sujeito da AD é concebido como um sujeito histórico, porque fala de um determinado tempo e lugar. Essa noção de sujeito histórico une-se à noção de sujeito ideológico, por representar em seu discurso um tempo histórico e um espaço social.

Nessa perspectiva da AD, a linguagem deixa de ser evidente, deixa de ter sentido transparente e produzido por um sujeito uno. O sujeito passa a dividir o espaço discursivo com o outro. A psicanálise lacaniana entende que o sujeito é um efeito de linguagem e busca sua constituição numa fala heterogênea, que é consequência de um sujeito dividido. As concepções de sujeito da AD e da psicanálise lacaniana aproximam-se, pois buscam refletir o sujeito ligado à linguagem.

Tanto a teoria da AD quanto a da psicanálise concebem que é o *outro* que constitui o sujeito, assim como é o *outro* que constitui o discurso. (CORACINI, 2007, p. 59). “Não há outro modo de se dizer que não seja através do olhar e da voz do outro.” (p. 60). A imagem que o sujeito constrói de si mesmo provém do *outro*. É o discurso que ao perpassar o sujeito o constitui; ao constituí-lo, cria em seu imaginário a verdade sobre o sujeito, com a qual ele se identifica. “Sabemos que o imaginário é o responsável pelo que se pode denominar

sentimento de identidade, ao qual se atribui a ilusão de unidade, de completude do sujeito.” (CORACINI, 2007, p. 225). É via imaginário que se constitui a subjetividade, a qual é sempre heterogênea, atravessada pelo outro, por outro discurso que constitui o interdiscurso.

Ainda, segundo o olhar de Coracini (2007, p. 60), o sentimento de identidade do sujeito constrói-se socialmente por aqueles a quem se atribui maior poder, ou seja, a quem se concede autoridade para dizer verdades ou a verdade sobre os fatos. São essas verdades internalizadas que garantem a possibilidade de o ser humano se constituir como sujeito da linguagem e do discurso. O sujeito do discurso também é alteridade, porque carrega em si o *outro* que o transforma e é transformado por ele. Concebendo o sujeito como um lugar no discurso, é este heterogêneo na sua própria constituição e, por isso, fragmentado, cindido.

Sujeito e discurso são heterogêneos porque há forte relação entre heterogeneidade e interdiscurso. O interdiscurso é o que se constitui no exterior e dá as condições para a construção de qualquer discurso, num processo de reelaboração ininterrupta pelos sujeitos, que comporta a historicidade tanto na linguagem quanto nos processos discursivos. Assim, como observa Coracini (2007, p. 59), o que somos e o que pensamos estão carregados do dizer do *outro*, dizer que herdamos de nossos antepassados, daqueles que parecem não deixar rastros. O que somos e o que vemos estão carregados dos discursos que silenciam em nossa memória discursiva.

Refletindo sobre o dizer do sujeito e que não há um outro modo de se dizer que não seja através do *outro*, Coracini (2007, p. 60), citando Lacan (1966 [1998]), afirma que basta lembrar o estágio do espelho, pois a criança que ainda não tem uma autoimagem formada vê-se ou imagina-se refletida *no espelho do olhar do outro*, que nomeia a imagem de espelho e, assim, confere-lhe uma identidade a partir dessa identificação. A formação do *eu* no olhar do *outro* inicia a relação da criança com a representação simbólica, incluindo a língua, que passa a constituí-la de modo inconsciente. Os sentimentos de contradição vividos na sua formação inconsciente deixam o sujeito dividido e permanecem com ele por toda a vida. Embora partido, o sujeito vivencia a própria identidade, como se estivesse reunida, resultado da fantasia de si mesmo como uma pessoa unificada, formada na fase do espelho.

Esse sujeito “é fruto de múltiplas identificações – imaginárias e/ou simbólicas – com traços do *outro* que, como fios que se tecem e se entrecruzam para formar outros fios vão se entrelaçando e construindo a rede complexa e híbrida do inconsciente e, portanto, da subjetividade”. (CORACINI, 2007, p. 61). A subjetividade apresentada pela autora é o resultado da falta constitutiva do sujeito que em vão deseja preenchê-la com o *outro*, objeto do seu desejo. “Mas como o seu desejo é preencher a sua falta e o desejo do outro é também



preencher a sua falta, o que o sujeito deseja é o desejo do *outro*, ou seja, que o *outro* o deseje.” (CORACINI, 2007, p. 61 – grifo da autora).

A existência da identidade só pode ser concebida no imaginário do sujeito, que se constrói nos e pelos discursos imbricados que o vão constituindo, dentre os quais o discurso pedagógico, responsável pela simplificação da realidade, transformando-a numa narrativa que a torna verdade inquestionável, a qual contribui na constituição da identidade.

A escrita, aqui tomada como constituinte do discurso pedagógico, não se limita ao ato mecânico de escrever; não significa repetir sem nada acrescentar, mas exteriorizar o que está dentro, o que constitui o sujeito. Significa exteriorizar o que foi digerido, deixando aí as marcas da singularidade, inscrições que poderão ser lidas por si ou pelo *outro* numa rede de identificações subjetivas. É a palavra que, ao passar pelo sujeito da linguagem, o constitui. É a escola que, sem reduzir tudo a regras e modelos, mas a partir do *outro* que sou *eu* e do *eu* que sou o *outro*, pode se abrir para acolher e aprender com o *outro*. Nesse movimento em direção ao *outro*, formam-se laços, tecem-se redes e transformam-se *um* e *outro*.

A escola é um espaço considerado de configurações identitárias diferentes, que questionam verdades pré-estabelecidas e desestabilizam a identidade, “sentimento ilusório de unidade, de ser completo e inteiro, mostrando-a como ela é: em movimento, fragmentada, híbrida, constituída pelo *outro*, por todos os *outros* com quem criamos laços e que vão nos modificando no percurso da vida.” (CORACINI, 2007, p. 112).

### **3 SOBRE A ESCRITA E A IDENTIDADE**

A história de cada um se constrói por marcas e identificações e determinados conteúdos surpreendem. Coisas acontecem “por acaso” outras “tenta-se e não se consegue”, até que em certo momento cada um se vê como falta. A falta representando a própria subjetividade.  
O. M. C. de A. Pacheco

Nosso objetivo neste capítulo é apresentar a interligação existente entre a escrita e a identidade. A escrita é concebida como escritura, como possibilidade de exteriorizar o que constitui o sujeito. Na escritura, o sujeito-aluno fala de si, movimenta-se no processo de identificação.

#### **3.1 A escritura como processo de identificação**

A relação existente entre o homem e a comunicação é pré-histórica. Diante da necessidade de se comunicar, o homem utilizou-se de desenhos feitos nas paredes das cavernas, os quais constituíam representações para troca de mensagens, exposição de ideias e transmissão de desejos. A falta de organização e a necessidade de padronizar as representações gráficas levaram a humanidade dos desenhos nas cavernas à grande evolução da escrita, ainda hoje tão eficiente e desenvolvendo-se juntamente com as inigualáveis conquistas tecnológicas.

O processo de escrita vem sendo objeto de interesse de estudiosos da língua, que comprovaram ser um processo lento e inacabado, que nunca chega à perfeição; portanto é um processo que exige exercício. Ao comparar a escrita com a arte de viver, Foucault (2004, p.132) argumenta que “nenhuma técnica, nenhuma aptidão profissional podem adquirir-se sem exercícios”. Portanto, a escrita é um aprendizado que necessita de exercício específico; a técnica da escrita e a arte de viver devem ser entendidas como aprendizado para si mesmo.

Escrever é um ato de comprometimento porque registra, marca. Ao escrever, colocamos em jogo cenas da vida pelo exercício do pensamento, que traz à memória ideias, conhecimentos, levando o sujeito a refletir e a escrever sobre ele mesmo, sobre o mundo, tornando a escrita uma memória material do que foi lido, ouvido, pensado, pois “o papel da escrita é constituir, com tudo o que a leitura constituiu, um corpo [...] como o próprio corpo daquele que, ao transcrever as suas leituras, se apossou delas e fez sua a respectiva verdade”. (FOUCAULT, 2004, p. 143). Seguindo o pensamento de Foucault, a escrita, além de ser uma experiência de apropriação, é uma experiência de identificação. O sujeito-aluno, ao se apropriar da escrita, identifica-se nela, assim como “o escritor constitui a sua própria identidade mediante essa coleção das coisas ditas”. (p. 143-144).

Refletindo sobre a escrita, Foucault (2004, p. 131) ainda aponta que a escrita “tem um papel muito próximo do da confissão” e deve revelar os movimentos da alma. Nesse sentido, mostra-se como um dispositivo de controle que permite revelar o que habita na alma do sujeito. Com base na leitura dos outros, a escrita permite a constituição de si mesmo. O dizer do sujeito torna-se verdade, ação que implica a renúncia de si mesmo, em detrimento da verdade dita pelo outro; é tomar para si o discurso avaliado como verdadeiro e dito pelo outro.

Ao escrever, o sujeito-aluno revela o que conseguiu articular com seus conhecimentos, ou seja, confessa-se, pois, conforme o conceito de confissão de Foucault, é um ritual no qual o interlocutor intervém para julgar.

A confissão é um ritual de discurso onde o sujeito que fala coincide com o sujeito do enunciado; é, também, um ritual que se desenrola numa relação de poder, pois não se confessa sem a presença ao menos virtual de um parceiro, que não é simplesmente o interlocutor, mas a instância que requer a confissão, impõe-na, avalia-a e intervém para julgar, punir, perdoar, consolar, reconciliar; um ritual onde a verdade é autenticada pelos obstáculos e as resistências que teve de suprimir para poder manifestar-se. (1985, p. 61).

De acordo com autor, a verdade da escrita não está em quem possui a autoridade da fala, mas encontra-se junto de quem escuta. Há um vínculo que se estabelece entre a escrita e o autor, pois, ao escrever, revelam-se fatos sobre os quais o autor nunca havia pensado. Dessa forma, a escrita não revela a vontade do autor, mas atende aos desejos do seu interlocutor. Há um exercício de poder, de disciplina sobre o interlocutor. Pensando nessa relação na instituição escolar, determinada pela representação social do professor, é este que exerce o poder e que estabelece um modo de dizer padronizado, institucionalizado. “A disciplina

‘fabrica’ indivíduos; ela é a técnica específica de um poder que toma os indivíduos ao mesmo tempo como objetos e como instrumentos de seu exercício.” (FOUCAULT, 1993, p. 153 – grifo do autor).

Escrita e leitura são elementos do exercício de si, no qual o sujeito-aluno se subjetiva, produzindo um discurso que julga ser verdadeiro. Na constituição da subjetividade, Foucault (2004, p. 137), ao refletir sobre o modo como a escrita atua sobre o sujeito, revela que a escrita deve “captar o já dito; reunir aquilo que se pôde ouvir ou ler, e isto com uma finalidade que não é nada menos que a constituição de si”. Ilustrando a relação que o sujeito estabelece com o outro e consigo mesmo por meio da escrita, Foucault diz que “escrever é pois ‘mostrar-se’, dar-se a ver, fazer aparecer o rosto próprio junto ao outro. E deve-se entender por tal [...] um olhar que se volve para o destinatário [...] e uma maneira de o remetente se oferecer ao seu olhar pelo que de si mesmo lhe diz”. (2004, p. 150 – grifo do autor).

É importante considerar nessa interlocução entre a leitura e a escrita a produção de efeitos de sentido, os sentidos possíveis. É o trabalho de prover sentidos para si e para o outro, por meio de elementos precisos na materialidade da linguagem, propostos para a compreensão do objeto discursivo em questão, a constituição da identidade do sujeito. Ao dizer, o escritor constitui a sua própria identidade mediante o seu dizer. A constituição de si não consiste somente dos discursos dos outros, mas também em apropriar-se desses discursos dos outros para constituir a si mesmo.

A escrita, como exercício, conduz a que assimilamos aquilo em que estamos pensando. Foucault (2004, p. 144) relaciona a escrita à constituição do corpo e da alma do sujeito: “Tal como um homem traz no rosto a semelhança natural com os seus antepassados, assim é bom que se possa aperceber naquilo que escreve a filiação dos pensamentos que ficaram gravados na sua alma.” Pensando a escrita na perspectiva da AD, Orlandi (2006c, p. 24) afirma que “a escrita é uma relação do sujeito com a história, subentendendo, é claro, sua relação com o simbólico. A inscrição do sujeito na letra é um gesto simbólico-histórico que lhe dá unidade, corpo, no corpo social”. Por ser a escritura um gesto simbólico-histórico, os modos de individualização do sujeito ocorrem de maneiras diferenciadas nas diferentes conjunturas históricas. O sujeito da modernidade relaciona-se com a escrita de forma diferente daquela do sujeito medieval.

Ao mesmo tempo em que o sujeito moderno possui características que o distinguem do sujeito do passado, mantém traços do sujeito de outras épocas históricas, uma vez que mudam a linguagem e os interlocutores, porém as determinações histórico-sociais permanecem. A constituição do texto “se faz na materialidade lingüística, que, em relação

com a exterioridade, se produz dentro de um determinado contexto, tem relação com outros textos e é lugar de constituição de sentidos”. (SCHONS, 2005, p.142). Ainda segundo a autora, a escrita é um processo de comprometimento porque identifica; é um compromisso consigo mesmo e com o outro. A experiência da escrita é como uma possibilidade de entrega a um mundo que inquieta, que transforma, que identifica. É na experiência da identificação que o sujeito se apropria do discurso e se identifica ou não com ele.

Escrever é uma forma de exposição ao olhar do outro. Atribuindo à escrita uma profundidade maior do que exposição ao olhar do outro, Coracini (1999, p. 174) salienta que “escrever é tomar o sentido entre as mãos, permitir que os sentidos aflorem, enfim, dizer-se mais do que dizer”, é deixar marcas. Essa concepção de escrita como marca, também é defendida por Rickes no artigo “A escritura como cicatriz”, no qual sustenta o exercício da escrita como constituição do sujeito. A noção de autoria, entendida como um processo sempre renovado de inscrição, pode situar o indivíduo como autor de seu texto ou assumir uma contraposição. “Cada um pode ser visto como estando em um momento singular desta construção, que se caracteriza pela ausência de cristalização das categorias inconscientes que ela põe em jogo.” (RICKES, 2002, p. 66). Tratando-se da noção de autoria no ato educativo, o aluno, na dimensão inconsciente, ao colocar em movimento as estruturas que permitam essa posição, institui-se como autor. “A escritura é o rastro deste movimento. É marca, cicatriz, da colocação em marcha das estruturas inconscientes.” (p. 66).

No espaço social da escola a escritura do sujeito-aluno constitui-se na exposição ao olhar do outro, o qual determina o que pode ser dito e o que tem de ser silenciado. Nessa relação do sujeito-aluno com um leitor, geralmente marcado pelo professor, a escrita retoma passados e recria-os a fim de construir um sentido e identificar um eu que possa ser socialmente reconhecível, ou seja, determinado pela formação social na qual se inscreve. O ambiente escolar ao qual o sujeito-aluno está determinado, principalmente pelo lugar institucional no qual está inserido, também é legitimado no interior de dada formação social, determinada por normas, e cobra do aluno seu posicionamento. Em sua escrita, o sujeito tanto pode pressupor a singularidade, posicionando-se como autor, como assumir a determinação do outro, dos sujeitos a quem se dirige. Ao considerar o outro, o lugar que o outro ocupa e as condições de produção de sua escrita, o sujeito reproduz o discurso do outro, da instituição, que não permite a falha, o deslize. Ao impedir a falha, nega-se o espaço para constituir sentidos para si mesmo.

Ao constituir sua escrita, o sujeito discursivo produz um efeito ideológico que exige para a sua constituição a alteridade do sujeito marcada pelo inconsciente dos sujeitos

envolvidos no processo. Para que o sujeito possa assumir-se como autor, não podem ser abafadas as múltiplas vozes, sufocando a produção de sentidos; é necessário abrir espaço para a alteridade, para o outro, inerente ao processo de identificação e de autoria. A escrita como encontro com a alteridade é o desmanchar do idêntico; é o intermediário entre o eu e o outro. Não há um eu, não há um outro, mas somente um entre ambos. “Conduzir uma escrita depende, sim, de um olhar: depende daquele que vê o texto imbricado a outros textos e, neles, os sujeitos se constituem à medida que interagem com os outros.” (SCHONS, 2005, p. 146).

Ao formular sua escrita, seu discurso, o sujeito dá vida à linguagem, atualiza sua memória; ao produzir sentidos, mostra-se ou esconde-se. É na materialização da escrita que tudo se formula e que tudo ganha sentido. Nesse jogo de materialização do corpo para a produção de sentidos, Orlandi afirma que

formular é dar corpo aos sentidos. E, por ser um ser simbólico, o homem constituindo-se em sujeito pela e na linguagem, que se inscreve na história para significar, tem seu corpo atado ao corpo dos sentidos. Sujeito e sentido constituindo-se ao mesmo tempo têm sua corporalidade articulada no encontro da materialidade da língua com a materialidade da história. Assim entendemos a afirmação de que há um confronto do simbólico com o político. (2005a, p. 9).

Podemos destacar que há na escrita uma necessária articulação entre o linguístico, o histórico, o social e o ideológico, que se constituem num espaço simbólico de interpretação, de memória e de (des)construção de identidades. É no processo de escritura sobre si que o sujeito-aluno entra em cena, inscreve-se no social e, ao falar sobre si, recupera tudo o que está interiorizado e que o constitui como sujeito-aluno; ao constituí-lo, denota identificações que constituem a identidade do eu, tópico que passamos a desenvolver.

### **3.2 Da identidade à (des)constituição**

Vivemos no pós-modernismo, momento que, segundo Peters (2000, p. 18), é como um movimento nas artes, uma continuação do modernismo por outros meios, ou seja, é a busca por um experimentalismo novo, por um novo estilo, uma nova atitude. Ao conceituar o pós-modernismo, o autor apoia-se em Lyotard (1992, p. 29), que o concebe como “a emancipação progressiva da razão e da liberdade, a emancipação progressiva ou catastrófica do trabalho [...] o enriquecimento da humanidade inteira através dos progressos da tecnociência capitalista, e etc.” Dessa forma, o pós-modernismo é a união dos elementos econômicos e culturais que remetem para o novo, causando a desestabilização do sujeito. “O indivíduo

moderno, até aqui visto como um sujeito unificado” (HALL, 2002, p. 7), apresenta-se, na pós-modernidade, desestabilizado pela ideologia da globalização, que também exerce papel relevante na (des)constituição da identidade do sujeito.

Identidade e pós-modernidade são conceitos que aparecem interligados. O impacto identitário da modernidade tardia é foco de debates e estudos em diferentes áreas do conhecimento, preocupadas com as exigências do mundo global, que vêm (des)construindo identidades, sujeitos e sociedades. “As velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno.” (HALL, 2002, p. 7). Assim, abala-se a concepção de identidade fixa e surgem novas identidades provisórias. A chamada “crise identitária” pela qual passa a sociedade é vista como um processo de mudança que desloca as estruturas e abala as referências do sujeito, que, inserido na sociedade, também passa por uma crise de identidade. “O duplo deslocamento – descentração dos indivíduos tanto de seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmos, constitui uma crise de identidade.” (p. 9).

Buscando resposta para a “crise de identidade” pela qual passa o sujeito atual, Stuart Hall, em seu livro *A identidade cultural na pós-modernidade*, aborda a questão da identidade na chamada “modernidade tardia” e traz determinadas concepções sobre o tema, favorecendo a compreensão dessa realidade. Hall (2002, p. 9) desenvolve sua reflexão considerando a fragmentação nas sociedades, tendo como consequência a descentralização das identidades. Permeando as sociedades, desde o iluminismo até os dias atuais, apresenta três concepções de sujeito e o jogo de identidades presente nesse contexto. Para Hall (p. 10), o sujeito do iluminismo é compreendido como um indivíduo totalmente centrado, unificado, dotado de razão e de consciência. O centro desse indivíduo consistia num núcleo interior que emergia pela primeira vez quando o sujeito nascia e permanecia basicamente o mesmo durante toda a sua existência. O essencial do eu era a identidade da pessoa. “Pode-se ver que essa era uma concepção muito “individualista” do sujeito e de sua identidade.” (p. 11).

Diante da compreensão de que a autonomia do sujeito iluminista não se dava exatamente como era concebida, pois ele também é formado na relação com as outras pessoas, desenvolve-se a concepção de sujeito sociológico, caracterizado como uma identidade em busca de uma estabilização entre o interior e o exterior, entre o mundo pessoal e o mundo público. “A identidade é formada na ‘interação’ entre o eu e a sociedade”. (HALL, 2002, p. 11). Ambos os sujeitos, iluminista e sociológico, apresentam concepções que buscam uma identidade unificada e estável, porém atualmente essas identidades encontram-se em crise, de acordo com os apontamentos de Hall:

O sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não-resolvidas. Correspondentemente, as identidades, que compunham as paisagens sociais “lá fora” e que asseguravam nossa conformidade subjetiva com as “necessidades” objetivas da cultura, estão entrando em colapso, como resultado de mudanças estruturais e institucionais. O próprio processo de identificação, através do qual nos projetamos em nossas identidades culturais, tornou-se mais provisório, variável e problemático. (HALL, 2002, p. 12 – grifo do autor).

O desenvolvimento desse processo deu origem ao conceito de “sujeito pós-moderno”, que diferentemente dos sujeitos anteriores tem por concepção uma identidade que não é fixa nem permanente. O sujeito pós-moderno compõe-se de várias identidades, muitas vezes contraditórias ou não resolvidas. “O sujeito assume identidades diferentes, em diferentes momentos [...]. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas.” (HALL, 2002, p. 13). É esta terceira concepção de identidade, apontada por Hall, “formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados e interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam” (p. 13), que nos interessa e que adotamos em nossa pesquisa, já que há a impossibilidade de se compreender a identidade do sujeito de forma fixa e definida. Por ser heterogênea, o que é possível identificar no sujeito são ilusões de identidade que se constroem no imaginário. Além da fragmentação das identidades sociais, vivenciamos mudanças em nossas identidades pessoais, abalando a ideia que temos de nós próprios como sujeitos integrados: “A identidade passa a ser definida historicamente e não biologicamente”. (p. 13). O sujeito toma para si identidades diferentes em situações diferentes.

Identidade e memória são fenômenos construídos social e individualmente. Essa fundamentação torna indissociável a memória do sentimento de identidade: “O que somos e o que vemos está carregado do que ficou silenciosamente abafado na memória discursiva.” (CORACINI, 2007, p. 59). É o conjunto de características identitárias que torna conhecível o indivíduo e a sociedade. A consciência constrói-se de acordo com o que os outros pensam; é a formação de uma autoimagem de si, para si e para os outros.

Há nas características desse sujeito a intermediação do “exterior” e “interior”, por ser formado com base no que os outros lhe transmitem em relação à cultura que habita. “O sujeito ainda tem um núcleo ou essência interior que é o ‘eu real’, mas este é formado e modificado num diálogo contínuo com os mundos culturais ‘exteriores’ e as identidades que esses



mundos oferecem.” (HALL, 2002, p. 11 – grifo do autor). Essa concepção contempla o espaço entre o mundo particular e o mundo público. “A identidade então costura [...] o sujeito à estrutura. Estabiliza tanto os sujeitos quanto os mundos culturais que eles habitam.” (p. 12).

Pode-se afirmar, dessa forma, que a memória é um elemento que sustenta o sentimento de identidade individual e coletiva, na medida em que é fator importante na construção e na continuidade de uma pessoa e de um grupo. O sujeito constitui sua identidade, tendo como referência o *outro*, num processo que implica reconhecer a alteridade. Assim, a identidade não surge da plenitude que já está dentro do indivíduo, mas de uma falta que é preenchida pelo modo como imaginamos que somos vistos pelos *outros*. A concepção de identidade não tem como característica a estabilidade, não apresenta um eu sem transformações; ao contrário, a identidade está em constante transformação e mudança, causadas em virtude do jogo histórico.

A relação que o sujeito tem com a sociedade é a relação que ele mantém com a linguagem, por ser a linguagem um fato social. É pela linguagem que o sujeito se constitui ao mesmo tempo em que é afetado pela dimensão socioideológica e histórica do dizer. Por ser histórica, a identidade deixa de ser completa e passa a ser heterogênea, já que, na busca da construção da singularidade do eu, o sujeito é desestabilizado a todo momento pelo outro.

Conforme Rajagopalan, em seu artigo “O conceito de identidade em linguística: é chegada a hora para uma reconsideração radical?”,

a identidade de um indivíduo se constrói na língua e através dela. Isso significa que o indivíduo não tem uma identidade fixa anterior e fora da língua. Além disso, a construção da identidade de um indivíduo na língua e através dela depende do fato de a própria língua em si ser uma atividade em evolução e vice-versa. Em outras palavras, as identidades da língua e do indivíduo têm implicações mútuas. Isso por sua vez significa que as identidades em questão estão sempre em estado de fluxo. (2001, p. 41-42).

Diante da postura teórica apresentada, podemos considerar que a identidade do sujeito se constrói na linguagem e por meio da linguagem. Por isso, não podemos falar em identidades fixas, porque as identidades estão sempre em estado de movimento. Somos portadores de inúmeras matrizes identificatórias, de várias identificações. “A própria questão da identidade está ligada à ideia de interesses e está investida de ideologia. Assim, a construção de identidades é uma operação totalmente ideológica.” (RAJAGOPALAN, 2001, p. 42). Como consequência da ideologia, a identidade está sempre em movimento e só existe como construção imaginária.

Para Rajagopalan (2001), a constituição de identidades está ligada aos sujeitos e aos grupos sociais; logo, as identidades linguísticas são construídas na relação do sujeito com o mundo nos confrontos diários. Sendo a língua a expressão da identidade de quem dela se apropria, nenhum sujeito pode permanecer excluído das políticas de representação da linguagem, pois toda atividade política é mediada pela linguagem. Assim como Rajagopalan, que considera a identidade como construção, Bauman, ao se referir à identidade, afirma:

Sim, de fato, a “identidade” só nos é revelada como algo a ser inventado, e não descoberto; como alvo de um esforço, “um objetivo”; como uma coisa que ainda se precisa construir a partir do zero ou escolher entre alternativas e então lutar por ela e protegê-la lutando ainda mais – mesmo que, para que essa luta seja vitoriosa, a verdade sobre a condição precária e eternamente inconclusa da identidade deva ser, e tenda a ser, suprimida e laboriosamente oculta. (2005, p. 21-22 – grifo do autor).

Entendemos que a capacidade do sujeito humano de raciocinar, de criar, permite que ele construa a própria identidade, assim como o fato de o indivíduo ser social e fazer uso da linguagem para interagir no meio em que vive, permite a construção identitária. É por meio da (des)construção identitária que o sujeito se insere socialmente e adquire consciência de sua individualidade ao tecer sua história pessoal, suas crenças e convicções. É nisso que consiste a singularidade do sujeito, que, segundo Coracini (2007, p. 54), “distingue cada um e o assemelha a todos”. É a escrita uma representação sempre feita de esquecimentos que permitem lembranças, sempre interpretadas pelo sujeito com seu olhar singular.

Na perspectiva da AD, *todo enunciado pode tornar-se outro*. É o equívoco, constitutivo da linguagem, que permite deslocamentos, responsáveis pelo surgimento da singularidade. A singularidade “joga com o equívoco [...] e coloca em cena um campo de liberdade e de possibilidade de fazer vigorar sua singularidade”. (RIOLFI, 2005, p. 221). A autora, ao analisar os deslocamentos discursivos realizados pelo sujeito, aponta que a singularidade opõe-se aos sentidos autorizados, ou seja, opõe-se aos sentidos permitidos, aos significados previamente pactuados pela sociedade. “Aceitando-os, o sujeito estaria apagado em sua singularidade, uma vez que cairia na ‘vala comum’ do assujeitamento.” (p. 224). Esses sentidos atribuídos são os que mantêm a ordem social e, exatamente por isso, não produzem deslocamentos.

Contrário aos sentidos autorizados, Riolfi (2005, p. 224) apresenta as leituras singulares “surpreendentes naquilo que elas colocam em cena, novos sentidos e novas discursividades”. Autorizados ou não, tais sentidos alteram as cenas nas quais se apresentam e lançam para outro lugar aquele que os promoveu. Esse é o deslocamento responsável pela

singularidade e pela constituição de uma identidade no sujeito. A identidade do sujeito constitui-se por meio das práticas discursivas, nas quais os sentidos produzidos constroem aquilo que o sujeito é ou aquilo em que se tornará. Firmar a identidade é tomar uma posição de assujeitamento, posição definida pelo outro, ou de singularidade, posição que marca a diferença.

Bhabha, em *Interrogando a identidade*, com base no trabalho de Frantz Fanon, observa que há três pontos relevantes na constituição da identidade. No primeiro considera que “existir é ser chamado à existência em relação a uma alteridade”. (1998, p. 75). É necessário existir para ir à direção ao outro e ter uma necessidade, um desejo para com uma alteridade, um outro externo. “É sempre em relação ao lugar do outro que o desejo é articulado.” (p. 76). O segundo ponto relevante na constituição identitária é chamado “espaço de cisão”, que consiste no próprio lugar da identificação, retido na tensão da demanda e do desejo. É caracterizado pelo desejo de alcançar a posição de superioridade, sem, contudo, desligar-se de sua verdadeira condição. O que constitui a figura da alteridade neste espaço de cisão não é o *eu* nem o *outro*, mas a distância entre os dois. Finalmente, o terceiro aspecto que diz respeito à questão da identidade é assim referido por Bhabha:

A questão da identidade nunca é a afirmação de uma identidade pré-dada, nunca uma profecia *autocumpridora* – é sempre a produção de uma imagem de identidade e a transformação do sujeito ao assumir aquela imagem. A demanda da identificação – isto é, ser *para* um Outro – implica a representação do sujeito na ordem diferenciadora da alteridade. A identificação [...] é sempre o retorno de uma imagem de identidade que traz a marca da fissura no lugar do Outro de onde ela vem. (1998, p. 76-77 – grifo do autor).

Depreendemos na afirmativa transcrita a presença do processo de identificação, o qual faz surgir uma imagem de identidade, um projeto de identidade, a partir do qual o sujeito sofre influência do outro. O sujeito é levado a usar uma espécie de máscara que deixa uma lacuna, não permitindo uma imagem autêntica. Todavia, o outro não deve ser considerado oposto ao eu, pois é um outro ponto de vista sobre os fatos. Pode-se dizer que é a complementação e proporciona ao eu uma outra visão além daquela estabelecida. Conforme Bhabha,

o lugar do Outro não deve ser representado [...] como um ponto fenomenológico fixo oposto ao eu [...]. O Outro deve ser visto como a negação necessária de uma identidade primordial – cultural ou psíquica – que introduz o sistema de diferenciação que permite ao cultural ser significado como realidade lingüística, simbólica, histórica. Se, como sugeri, o sujeito do desejo nunca é simplesmente um Eu Mesmo, então o Outro nunca é simplesmente um *Aquilo Mesmo*, uma frente de identidade, verdade ou equívoco. (1998, p. 86 – grifo do autor).

Nem o *outro* nem o *eu* podem ser considerados absolutos; o que ocorre é uma troca, uma complementação mútua. É a presença do valor semântico na identificação que leva a que o sujeito não seja totalmente livre, nem totalmente assujeitado. O sujeito está sempre em movimento entre a incompletude e o desejo de ser completo, mas marcado pela ilusão de ser a fonte entre si e o outro que o constitui.

Nessa perspectiva, as identidades são construídas por um processo de alteridade em que as categorias de consenso e fusão não encontram lugar. Trata-se de uma potencialidade que se realiza precisamente em razão dos conflitos. “É possível afirmar que os conflitos são inerentes à constituição das identidades, já que as identidades se constituem no espaço da diferença: o outro como aquilo que eu não sou no meu imaginário, mas sem o qual eu não existo.” (GRIGOLETTO, 2006, p. 16).

Essa mesma concepção de identidade sempre em constituição é concebida pela AD, que estuda os processos identitários e assume como pressuposto epistemológico o fato de que o ser humano é um ser de linguagem, o que significa compreender que a constituição das identidades realiza-se pelas e nas práticas discursivas, por meio de relações intersubjetivas. Ao ocupar-se do acontecimento, Pêcheux o vê como a imersão do novo no discurso, um espaço numa estrutura fixada que pelo acontecimento se ressignifica. É o acontecimento que marca o caráter fragmentário e móvel do discurso, reforçando a presença do novo, que é sempre uma possibilidade de reestruturação e de desestruturação dentro do mesmo processo, o discursivo.

Seguindo o raciocínio de Pêcheux, o discurso é *feito de sentido entre os locutores*; é uma prática entre os locutores e constitui sujeitos e identidades. Afetado pela dimensão social, ideológica e histórica do dizer, o sujeito constrói-se no processo da escrita, ao mesmo tempo em que passa por processos de identificação. Por essa razão, a identidade do sujeito não é estável, mas é uma identidade heterogênea, incompleta, visto que na construção da singularidade do *eu* o sujeito é desestabilizado durante o tempo inteiro pelo *outro*. Sujeito e discurso, ambos, são duplamente afetados pela ideologia e pelo inconsciente. (PÊCHEUX, 1995, p. 153-154), dois atravessamentos que marcam a constituição do sujeito e revelam o seu caráter cindido. Ao sujeito algo falta, e é na falta que ele encontra espaços de movimento, de reconstrução, conduzindo-o à tomada de diferentes posições.

As possíveis posições-sujeito são tomadas em relação à formação discursiva, que aponta para a determinação do sujeito ao passar pelo processo de interpelação ideológica e materializa-se no discurso, mostrando seu funcionamento na constituição do sujeito. “É nesse

reconhecimento que o sujeito se ‘esquece’ das determinações que o colocaram no lugar que ele ocupa – entendamos que, sendo ‘sempre-já’ sujeito, ele ‘sempre-já’ se esqueceu das determinações que o constituem como tal.” (PÊCHEUX, 1995, p. 170 – grifo do autor). Consta-se que sujeito e sentido constituem-se simultaneamente pela interpelação. É pelo modo como a posição sujeito relaciona-se com a forma-sujeito que ocorre o desdobramento do sujeito do discurso, pois “a interpelação do indivíduo em sujeito de seu discurso se efetua pela identificação (do sujeito) com a formação discursiva que o domina (isto é, na qual ele é constituído como sujeito).” (p. 163).

Em *Semântica e discurso*, Pêcheux trata dos diferentes movimentos identificatórios, ou seja, das diferentes modalidades das tomadas de posição do sujeito e que estão diretamente relacionadas com a constituição da sua identidade. Em sua constituição, o sujeito passa por incessantes processos de identificação, os quais não se realizam em sua totalidade, deixando sempre espaços em aberto, os quais levam a que sujeitos e sentidos possam ser outros. Na obra, o autor mostra que existem três modalidades discursivas do funcionamento subjetivo em que essa relação pode se dar: a de identificação, a de contraidentificação e, finalmente, a de desidentificação.

Na primeira modalidade, a da identificação, encontra-se um sujeito do discurso que se caracteriza como o “bom-sujeito”. A posição-sujeito é igual à forma sujeito que regula os sentidos de determinada formação discursiva. A identificação do sujeito consiste numa superposição entre o sujeito da enunciação e o sujeito universal, de modo que “a tomada de posição” do sujeito realiza o seu assujeitamento, sob a forma do “livremente consentido”. Essa superposição, esse recobrimento, caracteriza o discurso do “bom-sujeito”, que manifesta espontaneamente o sujeito. No processo de identificação do sujeito do discurso, é o interdiscurso que determina a formação discursiva com a qual o sujeito se identifica, produzindo o efeito de unidade, de evidência.

A segunda modalidade, a da contraidentificação, caracteriza o sujeito do discurso como o “mau sujeito”, ou seja, o sujeito da enunciação coloca-se contra o sujeito universal. É o trabalho do sujeito do discurso sobre a forma-sujeito que tem como resultado a tomada de posições discordantes, que consiste em dúvida, distanciamento, contestação com relação ao discurso do sujeito universal. Trava-se uma luta contra a evidência ideológica, afetada pela negação do sujeito da enunciação. Na contraidentificação o “mau sujeito” se contraidentifica com a formação discursiva que lhe é apresentada pelo interdiscurso, como determinação exterior de sua interioridade subjetiva. É a diferença que se instaura dentro de uma formação discursiva a partir do desdobramento do sujeito que constitui a contraidentificação.

Por fim, Pêcheux acrescenta a terceira modalidade discursiva de constituição da identidade do sujeito, a desidentificação, que significa uma tomada de posição que conduz ao deslocamento da forma-sujeito. De acordo com a compreensão de Indursky (2000, p. 73), “o sujeito do discurso desidentifica-se de uma formação discursiva e sua forma-sujeito para deslocar sua identificação para outra formação discursiva adversa e sua respectiva forma-sujeito”.

A posição-sujeito produzida pelo processo de desidentificação leva o sujeito do discurso a mudar para outra formação discursiva, na qual ele vai se identificar com a forma-sujeito que a ela corresponde. Essa aparente liberdade do sujeito não se sobrepõe à determinação de ordem ideológica e inconsciente. Não ocorre um processo de dessubjetivação do sujeito, mas o deslizamento de um para outro terreno, permitindo que sejam instaurados novos sentidos, mesmo assim regulados por saberes ideologicamente determinados. “É a desidentificação de uma forma-sujeito e seus saberes e a decorrente identificação com uma outra forma-sujeito e seu domínio de saber.” (INDURSKY, 2000, p. 74).

Pêcheux, ao apresentar a noção de interdiscurso, define-o como um “todo complexo com dominante”. (1995, p. 162), significando que há entre as formações discursivas uma que é dominante. Assim, sua forma sujeito também é dominante e a tomada de posição nas diferentes modalidades descritas conduz à identificação, à contraidentificação e à desidentificação em relação à forma sujeito dominante. No caso da terceira modalidade, que leva à desidentificação em relação à forma-sujeito dominante, conduz à operação de identificação com outra forma-sujeito não dominante. Ao se relacionar com a forma-sujeito que o domina, produz o movimento de desidentificação, o que significa que rompe com a formação discursiva em que se inscreveu e se identifica com outra formação discursiva e sua respectiva forma-sujeito.

Considerando esses movimentos de desdobramento, a forma-sujeito deixa de ser única, visto que o sujeito, ao se desidentificar com a formação discursiva, rompe com os saberes desta formação discursiva e identifica-se com outros saberes, revelando a contradição no interior da mesma formação discursiva, a qual passa a ser considerada heterogênea. Os deslocamentos dos sentidos não obedecem à vontade do sujeito, pois o sujeito transita livremente no interdiscurso, gerando efeitos de sentidos. Todavia, esse sujeito transita vendado pela ideologia e pelo inconsciente, que determinam seus percursos.

As diferentes modalidades das tomadas de posição do sujeito traçadas por Pêcheux, aqui são apontadas por se considerar que é por meio do movimento de identificação, contraidentificação e desidentificação que o sujeito do discurso (des)constitui sua identidade.

Na constituição dos processos identificatórios do sujeito estão representadas as imagens dos interlocutores inscritos em determinados discursos. É a identificação do sujeito com determinado saber de uma formação discursiva e sua forma-sujeito assumida que determinará a posição ou as posições que ele vai ocupar no discurso. “Considerando que os movimentos de identificação do sujeito são do nível da formulação do dizer, a identidade, sendo do nível da constituição do discurso, pode trabalhar/mobilizar vários desses movimentos.” (GRIGOLETTO, 2006, p. 208).

O nível da constituição é da ordem do interdiscurso, onde ocorre a movimentação dos saberes. Ao se identificar com determinado saber, o sujeito será afetado por um lugar social e, em consequência, está constituindo sua identidade. Ao passar para o nível da formulação, o sujeito inscreve o seu dizer na ordem do intradiscurso, sendo seu discurso determinado pelo lugar social que ele ocupa. É do lugar discursivo ocupado pelo sujeito que surgem as diferentes posições-sujeito do discurso, ocupadas em virtude dos movimentos de identificação produzidos pelo sujeito com outros discursos.

É esse processo discursivo do sujeito que nos permite considerar a constituição da identidade como construção social, histórica e ideológica. Essa construção é da ordem do sujeito e do discurso e somente é possível graças aos movimentos identificatórios entre o eu e o outro, pois na Análise do Discurso é necessário olhar para o não-todo como constitutivo dos processos discursivos e para a incompletude como uma ilusão. A ideologia e o inconsciente, ao atravessarem os processos identificatórios por que passa o sujeito, já o constituem na sua relação com o outro. Considerar o sujeito presente na linguagem implica, necessariamente, olhar para o outro como um lugar de identificação, já que o sujeito se constitui no discurso do outro.

Direcionando a reflexão à constituição da identidade no ambiente escolar, Orlandi (2002), em seu artigo “Identidade lingüística escolar”, destaca quatro importantes características na constituição da identidade escolar. Dessas refere em primeiro lugar que “a identidade é um movimento na história”. (2002, p. 204). Ao afirmar que a identidade é um movimento na história, a autora mostra que a identidade não é sempre igual a si mesma, não é homogênea e está em constante transformação. “Não há identidades fixas e categóricas. Esta é uma ilusão – a da identidade imóvel – que, se de um lado, é parte do imaginário que nos garante uma unidade necessária nos processos identitários, por outro lado, é ponto de ancoragem de preconceitos e de processos de exclusão.” (p. 204).

A relação entre unidade e dispersão é crucial para a perspectiva discursiva e estará presente em toda reflexão sobre identidade. É preciso que haja uma unidade do sujeito para

que, no movimento de sua identidade, possa se deslocar nas diferentes posições: de aluno, de professor, de filho, de político. Nessa perspectiva, o movimento da identidade se faz como um percurso na história, com as próprias determinações e deslocamentos.

Considerando a relação com o outro, que também nos identifica, Orlandi cita a alteridade de Pêcheux. Ao tratar da língua como um “valor”, a escola propicia uma política de oficialização que, reconhecendo as diferenças, procura apagá-las. Do ponto de vista da autora, reconhecer e investir no apagamento da diferença faz parte do movimento de identidade. “Onde há censura (apagamento), há resistência, migração de sentidos, transferências obrigadas.” (2002, p. 205).

A segunda afirmação constitutiva da identidade escolar é a de que “ao se significar, o sujeito se significa”. (ORLANDI, 2002, p. 204). Os sentidos relacionam-se com o sujeito. Ao significar, significamo-nos. Sujeito e sentido configuram-se ao mesmo tempo, e é nessa configuração que consistem os processos de identificação. O processo de produção de sentido é também o processo de produção do sujeito. “Na escola, quando o professor corrige o aluno, ele intervém nos sentidos que este aluno está produzindo e, no mesmo gesto, está interferindo na constituição de sua identidade. E isso não é pouca coisa.” (p. 2). É por meio desses movimentos que o sujeito constrói sua identidade como sujeito de um discurso.

Quanto à terceira característica constitutiva de identidade, Orlandi afirma que a “identidade não se aprende, isto é, não resulta de processos de aprendizagem, mas refere, isso sim, a posições que se constituem em processos de memória afetados pelo inconsciente e pela ideologia”. (2002, p. 204). A identidade não é um resultado da aprendizagem, pois os sentidos e os sujeitos são resultado de filiações em redes que nos envolvem inconscientemente. “Nos filiamos a redes de sentidos, nos identificamos com processos de significação e nos constituímos como posições de sujeitos relativas às formações discursivas, em face das quais os sentidos fazem sentidos.” (p. 206).

Finalmente, afirma Orlandi (2002, p. 204), “todo processo de significação é constituído por uma ‘mexida’ (deslize) em redes de filiações históricas (M. Pêcheux, 1983), sendo desse modo, ao mesmo tempo, repetição e deslocamento” (grifo da autora). É isso que constitui a identidade como um movimento na história. É o processo de significação que desliza nas redes de filiação, de forma que o sujeito vai se produzindo pela repetição e pelo deslocamento. Por isso, deve-se considerar o modo como o sujeito do discurso se relaciona com a ordem do simbólico e do imaginário.

A identidade, sendo uma construção simbólica e imaginária, envolve os processos sócio-históricos e ideológicos em que o sujeito está inserido, por meio dos movimentos de



identificação que contribuem para a constituição dos sentidos do discurso. Essa construção está sempre em transformação, em movimento, entre os diferentes processos de identificação. É esse constante estado de fluxo que nos permite considerar as identidades em contínuo movimento e heterogêneas. Assim, a constituição da identidade do sujeito está sempre em processo de vir a ser. Ressalta Coracini (2005, p. 42) que a identidade “é instável, sempre em movimento, heterogênea e conflituosa, ou melhor, como ilusão ou ‘sentimento’ de totalidade que torna presente o que está ausente e temporalmente adiado” (grifo da autora). Assim, a identidade não é um produto acabado, mas um processo contínuo de acesso a uma imagem de totalidade.

Ao pensar a identidade do sujeito-aluno discursivo que se constrói na escrita, pressupõe-se a singularidade deste sujeito, ao mesmo tempo em que se identifica a presença do outro, ou seja, os sujeitos a quem ele se dirige, o lugar social que ocupa, o lugar ocupado pelo seu leitor, como também as condições de produção de sua escrita. É a constituição da materialidade discursiva que leva o sujeito à alteridade, marcada pelo inconsciente dos envolvidos no processo. Por essa afirmação entende-se que o sujeito ocupa diferentes posições, e os diferentes modos pelos quais ele se inscreve correspondem a diferentes funções enunciativo-discursivas. Nesse processo enunciativo-discursivo, ao considerar o princípio de autoria, Orlandi destaca:

[...] autor é a função que o eu assume enquanto produtor de linguagem. Sendo a dimensão discursiva do sujeito que está mais determinada pela relação com a exterioridade (contexto sócio-histórico), ela está mais submetida às regras das instituições. Nela são mais visíveis os procedimentos disciplinares. (2006a, p. 77).

O sujeito-aluno, em relação com a linguagem, pode assumir o seu papel de autor, colocando-se e assumindo diante da instituição-escola e fora dela esse papel social. Ele se constitui e se mostra autor. Assim como o enunciativo passa a assumir a autoria do texto, ele pode assumir modos de apagamento do sujeito, por estar determinado a uma representação social, na qual se inscreve a responsabilidade do sujeito por aquilo que diz. Do ponto de vista de Orlandi (2002, p. 205), “o reconhecimento e o investimento no apagamento da diferença, numa sociedade como a nossa, fazem parte disso que estou chamando movimento de identidade”. É da representação do sujeito como autor que é cobrada a ilusão de ser a origem e a fonte do dizer. É nessa função que sua relação com a linguagem está mais sujeita ao controle social. O apagamento faz parte das condições de produção do sujeito e é constitutivo de identidade.

Tomando a noção de sujeito de Orlandi (1988, p. 9), “que deriva da concepção que vê na linguagem um trabalho, uma forma de interação entre homem e realidade natural e social”, a significação se dá no espaço discursivo, sendo o sujeito constituído pela linguagem e sempre na relação com o outro. É nessa natureza intervalar da constituição dos sentidos que se manifesta a incompletude que existe na constituição do sujeito.

O texto, por não ser uma soma de palavras, de frases, não se esgota em seu espaço fechado, mas tem forte relação com a exterioridade, com as condições em que se produz e também com outros textos. Sabendo que a noção de sujeito é fundamental por não haver discurso sem sujeito, ao considerar a exterioridade ocorre uma descentralização na noção de sujeito. “Não se pode apreender no discurso um sujeito-em-si, mas sim um sujeito constituído socialmente, pois não são só as intenções que contam, já que as convenções constituem parte fundamental do dizer.” (ORLANDI, 1988, p. 10). Dessa forma, ao falar, o sujeito divide-se, porque os processos discursivos não têm sua origem nele, mesmo que se realizem neste sujeito. É dessa contradição inerente à noção de sujeito que surge a relação entre identidade e alteridade, “movimento que, ao marcar a identidade, atomiza (separa) porque distingue, e, ao mesmo tempo, integra, porque a identidade é feita de uma relação”. (p.10).

Considerando a alteridade na produção do discurso, o dizer não é do domínio do *eu*, pois tem a ver com as condições em que se produz e com outros dizeres, com os lugares pelos quais passa. O sujeito não é dono de si, nem determinado pelo que vem de fora. É por esse aspecto do *eu* ocupar o lugar do *outro*, e vice-versa, que o discurso se estabelece; é na troca de papéis, necessária a todo discurso, que as identidades vão se constituindo. Texto e sujeito carregam a marca da incompletude. O *eu* e o *outro*, no processo discursivo, são entidades incompletas; o jogo da relação entre os sujeitos, ao mesmo tempo, revela e recusa a incompletude. Quando a questão é a escrita de si na constituição da identidade, a incompletude, de acordo com Orlandi, pode aparecer sob diversas formas:

1. Ao se escrever, resgata-se a impotência em relação ao real. Quando se mostra oprimido, o autor identifica o outro que o oprime. [...] 2. Uma outra espécie de resposta possível é a que revela a crise de identidade, dada a forma que tem a nossa sociedade: a da dispersão. 3. E para citar mais uma possibilidade de resposta, entra em causa a ideologia do sucesso: “Olha eu aqui”. (ORLANDI, 1988, p. 13-14 – grifo da autora).

Retomando as colocações da autora sobre a escrita de si, constata-se que a primeira é uma forma de silenciamento, com sentido de censura, de falta de liberdade; na segunda mostra que para a constituição da identidade não bastam as relações entre os sujeitos, porque

é preciso recompô-las, dar-lhes unidade, a partir de uma vontade que se dá como autoria. O autor escreve para falar de si diretamente. Na terceira percebe-se que o *eu* é um objeto de interesse, de atenção e que precisa aparecer. Nas três diferentes respostas há sempre a busca da completude desse sujeito, pelos deslocamentos na relação com a linguagem.

São os deslocamentos causados pelos interlocutores do discurso que provocam o efeito de sentidos, determinado pelos lugares ocupados pelos interlocutores na estrutura de uma formação social, juntamente com a memória, que retorna à origem e vai ao encontro do efeito que produz na atualidade. Esse lugar social é marcado por rituais linguísticos que também são marcados pela memória, pelos dizeres já-ditos. O lugar social constitui o dizer porque fala e, por ter memória, este lugar não é homogêneo e é constitutivo de identidade. “As palavras mudam de sentido, segundo as posições daqueles que as empregam. Elas tiram seu sentido dessas posições, isto é, em relação às formações ideológicas nas quais essas posições se inscrevem.” (ORLANDI, 2006a, p. 58).

Dessa forma, o sentido não está na intenção do *eu* de dizer alguma coisa nem na intenção do *outro*, mas na relação com outros sentidos. O sentido não é do direito do autor, nem do ouvinte, mas da relação entre ambos e do que é possível no momento histórico. Os sentidos estão presos às condições de produção e, nas condições de produção, há formação imaginária, memória, história. É o que compõe o interdiscurso, o pré-construído, que no processo discursivo vai aparecendo. Uma palavra recebe sentido na relação com as outras da mesma formação discursiva, e o sujeito-falante aí se reconhece. “A memória discursiva é o retorno a algo que já é passado, que ficou na história, por isso produz esquecimento. Ao mesmo tempo, ela tem identidade e está presente no discurso, através do interdiscurso, produzindo lacunas.” (GRIGOLETTO, 2003, p. 55).

A formação discursiva é o lugar da constituição do sentido e da identificação dos sujeitos. É na formação discursiva que o sujeito se reconhece em sua relação consigo mesmo e com os outros, tornando evidente que *eu* e *tu* somos sujeitos e que, ao nos identificarmos, ressignificamos nossa identidade.

## 4 SOBRE A CONSTITUIÇÃO DO *CORPUS*

Sejam palavras bonitas ou sejam palavras feias;  
sejam mentira ou verdade ou sejam verdades meias;  
são sempre muito importantes as coisas que a gente fala...  
Aliás, também têm forma, as coisas que a gente cala.  
Às vezes importam mais que as coisas que a gente fez.  
R. Rocha

Neste capítulo, antes de passarmos às análises das narrativas dos sujeitos-alunos, acreditamos ser necessário apresentar os princípios e procedimentos adotados nas análises do *corpus*, como também as condições de produção que envolveram o processo da narrativa de si dos alunos, materialidade linguística que compõe o *corpus* desta pesquisa. Após essas questões, procedemos às análises propriamente ditas.

### 4.1 Os princípios e os procedimentos

Segundo Orlandi (2006a, p. 59), a AD tem por objeto específico o discurso e sua unidade de análise é o texto. “É preciso tomar o texto como discurso, enquanto estado determinado de um processo discursivo. O conceito de discurso deve aí ser entendido enquanto conceito teórico que corresponde a uma prática efeito de sentidos entre os locutores.” Por isso, os campos da AD e dos estudos do texto estabelecem um diálogo extremamente rico, capaz de fazer entender o papel do discurso na constituição das identidades dos sujeitos, discurso tomado como uma prática social que constitui os sujeitos.

Tendo como base a AD, é importante salientar que, neste trabalho, não será aplicado um modelo de análise ao *corpus*, mas, partindo do comprometimento com a teoria, como corpo de definições que viabilizam esta pesquisa, a análise será como um movimento em que a cada gesto de interpretação seremos afetados pelo discurso analisado, que nos conduzirá à construção de saberes ao longo do percurso. Esse movimento se torna necessário porque analisar a linguagem na perspectiva da AD é tomá-la como uma produção, sempre em

movimento e com implicações que lhe são próprias: conflitos, relações de poder, constituição de identidades.

Outro aspecto importante a ser considerado na análise da constituição da identidade dos sujeitos-alunos, por termos como corpo teórico a AD, ao mobilizar um conceito estaremos mobilizando outros, já que compõem uma rede repleta de nós e ligações que formam o todo. Dessa forma, a teoria será mobilizada e sustentará a análise do *corpus*, considerando, sobretudo, a constituição das identidades dos sujeitos-alunos na conclusão do ensino médio e ingresso no ensino superior.

Para esta pesquisa foi escolhida a 3ª série do ensino médio por consideramos essa fase de intensos movimentos identificatórios na busca de autoconhecimento, de autoafirmação, o que intensifica a preocupação com a escolha profissional. Estendemos a pesquisa aos estudantes universitários por considerarmos que nesse momento de ingresso no ensino superior o sujeito conquista certa independência, assume maiores responsabilidades, enfim, é também, como na 3ª série do ensino médio, um período de frequentes movimentos identificatórios, que têm como consequência uma (des)construção identitária, uma ressignificação do lugar onde o sujeito-aluno se significava.

Definidos os sujeitos, 3ª série do ensino médio e iniciantes do ensino superior, foram-lhes aplicadas as propostas<sup>12</sup> de narração sobre si pelas professoras titulares da disciplina de Produção Textual. A primeira narrativa tratou do tema “sonho”; a segunda da “injustiça” e a terceira, do “espelho”. Justificamos a escolha dos temas por serem temas pessoais e, ao mesmo tempo, coletivos ou universais. Essa relação entre o eu e o outro permite a subjetividade.

Perseguindo o objetivo traçado para esta pesquisa, a constituição da identidade dos alunos, torna-se necessário fazermos recortes na materialidade linguística dos textos, selecionando sempre as sequências discursivas relevantes, de acordo com a teoria abordada, para uma melhor evolução no processo de análise e para a obtenção dos resultados desejados. Cabe observar que os resultados levantados do percurso analítico aqui realizado, no qual o referencial teórico manterá constante diálogo com os recortes representativos relacionados à constituição da identidade do sujeito, serão constituídos de uma relação possível, pois estamos conscientes de que nos gestos de interpretação as possibilidades, os sentidos, podem ser outros.

---

<sup>12</sup> As três propostas de escrita de si aplicadas aos alunos encontram-se anexas.

Para chegar ao discurso construído em torno da noção de identidade nesta análise recortada pela constituição de identidades do aluno na escola, torna-se imprescindível partir da materialidade linguística, pois do texto, unidade de análise, chega-se ao discurso, que, como efeito de sentidos, constitui identidades.

## **4.2 As condições de produção**

Antes de iniciar as análises dos recortes discursivos, é importante conhecer algumas particularidades sobre o *corpus* discursivo, ou seja, sobre os dois diferentes contextos em que os escritos foram produzidos.

De acordo com a AD, as condições de produção devem ser consideradas no processo discursivo, como uma forma de contemplar as questões da exterioridade e das formações imaginárias, por estabelecerem relações de força, de poder e de sentido no interior do discurso. Ao manterem com a linguagem uma relação necessária, as condições de produção não são elementos externos ao discurso; mesmo não estando materialmente inscritas no discurso estão marcadas na sua constituição pela memória discursiva e pelo interdiscurso.

É por meio do interdiscurso que o sujeito se relaciona com a história e com a ideologia, pelo viés da memória discursiva, identificando-se com determinados saberes e desidentificando-se com outros, inscrevendo-se, assim, por meio de seu dizer, em determinada FD. É por esse conjunto de noções da teoria discursiva que as condições de produção vão constituindo o discurso, produzindo diferentes efeitos de sentido e diferentes identidades no sujeito. Interessa-nos nesta pesquisa verificar as condições de produção que envolve a constituição do discurso e, conseqüentemente, a identidade dos alunos pesquisados, em uma sociedade em que a identidade está sempre em movimento, provavelmente como efeito das sociedades reflexivas em que nos encontramos e que abrem um leque de possibilidades identitárias, dando espaço para incertezas, indagações e questionamentos cotidianos.

O contexto em que os alunos do ensino médio estão inseridos e no qual constroem novos sentidos é o da Escola de Ensino Médio Rainha da Paz, de Serafina Corrêa, que procura em sua ação pedagógica enfatizar a curiosidade, o questionamento e a reflexão. A turma selecionada para analisar a constituição da identidade compõe-se de 10 alunos, os quais participaram desta pesquisa escrevendo sobre si, de acordo com as três propostas apresentadas, que tratam do sonho, da injustiça e do espelho.

O segundo grupo de sujeitos desta pesquisa foram alunos universitários, estudantes de Letras da Universidade de Passo Fundo, instituição de caráter comunitário e regional e

concebida como um centro transformador da estrutura cultural de sua área de atuação. Os acadêmicos pesquisados estudam no primeiro semestre do curso de Letras, em turma composta de 56 alunos. As propostas de redação da narrativa de si aplicadas aos acadêmicos foram as mesmas aplicadas aos alunos do ensino médio e tratam do sonho, da injustiça e do espelho. As produções textuais foram aplicadas na disciplina de Leitura e Produção Textual pela professora titular. Com o objetivo de não direcionar as reflexões dos alunos sobre os temas, não houve explicações de parte da professora, somente a entrega escrita das propostas.

Orlandi (2005a, p. 92-93), ao tratar da constituição das identidades, compreende “a identidade como um movimento na história e os sentidos como trajetos simbólicos e históricos não terminados”; portanto, a identidade não se aprende, é uma construção, assim como os sentidos são construídos. É no jogo da linguagem que o aluno se constitui como sujeito. É pelo jogo da memória dos sentidos, constituídos na relação com a linguagem, que o sujeito-aluno identifica-se com determinadas ideias, as quais se mesclam em diferentes vozes, que se transformam em escrita, em discurso, em identidades.

Consideramos que a tarefa de escrever sobre si caracteriza-se como um movimento em que o sujeito mais se diz do que diz, ou seja, inscreve-se na escrita, compreendida como produção de linguagem, como inscrição de um texto no mundo que produz sentidos a cada novo trabalho do escritor e permite que o sujeito se inscreva na linguagem.

Com base nas condições de produção mencionadas e nas reflexões linguístico-pedagógicas inerentes ao processo da escrita na constituição de identidades do sujeito aluno na conclusão do ensino médio e ingresso no ensino universitário é que este trabalho será realizado, tendo como *corpus* a narrativa dos alunos e, como objetivo principal, a análise das sequências discursivas destacadas, as quais apresentam marcas linguísticas que permitem perceber a constituição da identidade do sujeito-aluno.

Para salientar a pertinência do enfoque desse contexto sócio-histórico e do seu efeito na constituição das identidades dos sujeitos-alunos, passamos à apresentação das sequências discursivas selecionadas, com seu respectivo gesto de interpretação, ao qual nos propomos.

### **4.3 Gesto de interpretação do *corpus***

Tomando o texto como uma prática discursiva do sujeito-aluno, produto de sua linguagem e processo histórico, para podermos apreender o seu funcionamento torna-se necessário analisar a circulação dos enunciados, as posições ocupadas pelos sujeitos-alunos, as materialidades que dão corpo aos sentidos, assim como as articulações que os enunciados

estabelecem com a história e a memória. Ao acompanhar os trajetos dos sentidos materializados no discurso dos alunos, serão analisadas as redes de memória que evidenciam as articulações entre as práticas discursivas e a constituição da identidade.

O texto dá corpo aos sentidos. “O homem, constituindo-se em sujeito pela e na linguagem, se inscreve na história para significar, tem seu corpo atado ao corpo dos sentidos.” (ORLANDI, 2005a, p. 9). O sujeito e o sentido se constituem ao mesmo tempo, por um processo que tem como unidade o texto; assim, ambos são constituídos simultaneamente no discurso. Os sentidos não ocorrem independentemente do sujeito-aluno, mas configuram-se ao mesmo tempo. O sujeito discursivo, ao significar, significa-se.

Para explicitar essa possibilidade de análise do *corpus* e do seu efeito na constituição da identidade do sujeito-aluno, fio condutor desta pesquisa, selecionamos trinta sequências discursivas<sup>13</sup> (doravante SD), as quais serão apresentadas em três recortes discursivos: no primeiro recorte, apresentamos as análises das SDs extraídas dos textos sobre “sonho”; no segundo, as análises das SDs retiradas dos textos que tratam do tema “injustiça”; no terceiro, as SDs das narrativas sobre o “espelho”. Ainda, cada recorte discursivo compõe-se de dois grupos: o Grupo I compõe-se das análises das SDs dos alunos do ensino médio e o Grupo II, das análises das SDs dos alunos do ensino universitário.

Cabe considerar que, por termos como referencial teórico a AD, na constituição da identidade do sujeito-aluno, ao mobilizar um conceito estaremos mobilizando outros, pois todos compõem uma rede repleta de ligações que forma um todo e que se movimenta continuamente durante as análises.

#### **4.3.1 Os movimentos identificatórios do sujeito**

Este primeiro recorte compõe-se de dez SDs que tratam do tema “sonho”, divididas em dois grupos: no Grupo I, apresentamos as análises de três SDs de alunos do ensino médio; no Grupo II, trazemos a análise de sete SDs dos alunos do ensino universitário, todas escolhidas aleatoriamente. Este recorte se organiza em torno de saberes relacionados ao processo de identificação/desidentificação, à marca da incompletude e dos esquecimentos constitutivos do sujeito, por ser a constituição da identidade um processo que pressupõe um caráter inacabado, habitado pela mudança, assim como o é o sujeito, sempre em processo de constituição.

---

<sup>13</sup> Neste trabalho, em todas as sequências discursivas analisadas, manteremos a grafia original dos alunos.



### 4.3.1.1 Sequências discursivas do ensino médio - Grupo I

SD1

**Fui** muito sonhadora. [...] Meu **primeiro grande sonho** foi ser bailarina. [...] Conforme os anos foram passando **desisti** dessa idéia de dançar e **redescobri** o que eu considerava ser a profissão mais fantástica do mundo: dentista. [...] **Falava** para todos do meu grande desejo e ficava muito animada **quando alguém dizia que eu tinha enormes chances de me dar bem**. [...] Depois disso me **imaginei** cientista, advogada, médica, jornalista, empresária, professora... [...] **Hoje**, prestes a me formar, **estou sem saber o que quero fazer**.

Na SD1 encontramos marcas de um sujeito dividido, incompleto, pois a condição da linguagem, segundo Orlandi (2001, p. 52), “é a incompletude. Nem sujeitos nem sentidos estão completos, já feitos, constituídos definitivamente. Constituem-se e funcionam sob o modo do entremeio, da relação, da falta, do movimento”. É um sujeito composto de várias identificações profissionais, provavelmente por ser constitutivo do sujeito, no caso estudante do ensino médio. Por meio desse processo de escolha projeta-se em novas identidades, sempre em movimento, transformadas em relação às formas pelas quais o sujeito-aluno é interpelado continuamente pelo sistema que o rodeia.

O sujeito em análise, ao assumir que o seu primeiro grande sonho, “ser bailarina”, pertence ao passado, revela a presença de um outro que não acredita nessa profissão, mas, ao mesmo tempo, aposta que tem as condições de ser muito mais do que bailarina, pois “eu tinha enormes chances de me dar bem”. O reconhecimento desse sonho como algo do passado pode representar a falta, o desejo; assim, escrever sobre o sonho é uma forma de ressignificar essa falta. Na medida em que o sujeito assume o dizer do outro, ao outro se submete inconscientemente, o qual dele se apropria. Para o sujeito-aluno ser bailarina é coisa do passado, mas pode ser entendido como um sonho que ainda pulsa bastante forte.

O sujeito-aluno, ao entrar em contato com os sistemas simbólicos fora dele mesmo, busca preencher uma falta como resposta às necessidades do grupo em determinado contexto histórico. É essa falta que o constitui e o move, buscando suprir as necessidades por meio de experiências que o levam a novas identificações, ao desejo de novas profissões. Assim, a escola é um espaço em que os sujeitos que o frequentam passam a construir identidades relativas a esse contexto social, as quais são incompletas, heterogêneas.

Outra marca que permeia o discurso analisado é o uso das reticências, utilizadas pelo sujeito após a numeração das várias profissões sonhadas: “depois disso me imaginei cientista, advogada, médica, jornalista, empresária, professora...”. As reticências representam signos do silêncio; são marcas de uma ausência não anunciada, de possíveis profissões silenciadas; são

um acréscimo que se abre para qualquer resposta; não representam o vazio do sujeito, mas marcam o lugar de um acréscimo possível, necessário, mas não revelado; são um espaço discursivo aberto para o efeito-leitor.

Na SD1, as reticências aludem a uma ausência, a uma falta mostrada pela relação de incompletude do sujeito por não ter conseguido realizar o seu primeiro grande sonho: “ser bailarina”. Possivelmente, o sujeito tenha sido afetado pela ideologia dominante capitalista e tenha desistido de ser bailarina porque dançar é trabalho cultural e, em nosso país, cultura não enriquece; portanto, não é trabalho reconhecido pela sociedade. É a ideologia capitalista que determina que cada sujeito é valorizado de acordo com o que ele produz.

O dizer indefinido representado pelas reticências do sujeito é reforçado no final do texto, quando afirma que “hoje, prestes a me formar, estou sem saber o que quero fazer”. Pela relação entre as reticências e a conclusão do texto ainda podemos identificar a emergência da insegurança do sujeito, possivelmente relacionada à crença social de que o sujeito contemporâneo tem de atingir o sucesso profissional. É um sujeito que está, de acordo com os padrões sociais, inseguro e que precisa buscar no *outro* a segurança. É o desejo, nunca satisfeito, que move o sujeito moderno e o impulsiona a buscar, ao longo da vida, realização profissional, ainda que se dê conta da sua fragilidade, da sua incompletude.

Cabe observar na SD1 a presença da heterogeneidade. O sujeito ocupa várias posições no texto. De um lado mostra-se encantado com as diferentes profissões; de outro, parece entregar-se e entrar no mundo da incerteza - “depois disso me imaginei cientista, advogada, médica [...]. Hoje, prestes a me formar, estou sem saber o que quero fazer”. A expressão “hoje” revela que houve um tempo em que o sujeito sabia o que queria cursar, porém hoje não sabe mais. É possível que estejamos diante de um sujeito que, marcado pela interferência do outro, deixou de sonhar, de querer ser bailarina, ou seja, a primeira identificação profissional do sujeito. Com as demais profissões, ele não se identifica porque são desejos, sonhos do outro. Aqui, o sujeito deixa claro que os sonhos pertencem à infância; logo, depois de adultos, deixa-se de sonhar.

O quadro teórico da Análise do Discurso toma o sujeito como um sujeito dividido, descentrado e constitutivamente heterogêneo, concepção de sujeito que não controla o seu dizer. O que é dito ganha sentido no espaço discursivo, uma vez que não é no sujeito que os sentidos se sustentam. Ao enunciar, o sujeito aciona uma rede de sentidos, construindo uma filiação semântica que se processa no interior do interdiscurso. Conforme afirma Leandro Ferreira, “os fios que se encontram e se sustentam nos nós são tão relevantes para o processo

de fazer sentido, como os furos, por onde a falta, a falha se deixam escoar. Se não houvesse furos, estaríamos confrontados com a completude do dizer”. (LEANDRO FERREIRA, 2005, p. 19-20). Isso significa que o discurso representa o todo, mas que comporta em si o não-todo, o impossível, aquilo que falta.

O sujeito da falta carrega a marca da incompletude, da complexidade. Na descrição dessa complexidade do sujeito, Pêcheux (1995, p. 173) traça como essencial os esquecimentos, noções fundamentais para compreendermos a “ilusão do sujeito” como fonte e controlador do dizer, do fazer discursivo, conforme podemos constatar na SD2.

SD2

**Muitos** sonham com uma vida agradável, simples e **outros** com grandes ambições e **desejo de fazer a diferença**, onde quer que esteja, o desânimo não tem vez, pois sempre tem algo dentro dessas pessoas que **não as deixa desistir** de seus sonhos. **Eu sou uma delas, confesso** [...] sempre tem algo dentro de mim que não me deixa desistir do que quero. [...] **Desejo ter uma vida com grandes desafios e superá-los** [...] e a cada passo que der ser uma pessoa melhor.

Na sequência que destacamos para análise podemos observar marcas de individualização deixadas pelo sujeito-aluno: “sempre tem algo dentro de mim que não me deixa desistir do que quero”. Ao se identificar com o grupo que faz a diferença, ou seja, com o grupo que tem grandes ambições, gera efeitos de identificação, logo, de identidade. Orlandi (2006c, p. 27), referindo-se às diferentes possibilidades de representação, afirma que “a escritura de si é um gesto que lida com a individualização”, ou seja, um processo discursivo marcado pela individualização de sujeito.

O sujeito discursivo da nossa análise, ao se referir aos desejos da sociedade, divide-a em dois grupos que caminham em direções opostas. O primeiro, marcado pelo pronome indefinido “muitos sonham com uma vida agradável, simples”, representa que grande parcela da sociedade sonha com a simplicidade da vida. A esse primeiro grupo, segundo o sujeito-autor, pertencem a maioria dos sujeitos, os acomodados, os que não têm grandes ambições. O sujeito discursivo não se identifica com esse grupo porque ser igual à maioria significa não fazer a diferença. E não fazer a diferença numa sociedade em que a ideologia dominante valoriza o sujeito culto, que produz mais e que tem mais, é incluir-se no grande grupo, é ser igual a todos.

Ainda na SD2, o segundo grupo, marcado pelo pronome indefinido “outros com grandes ambições e desejo de fazer a diferença”, mostra-nos que, na sociedade moderna, os que fazem a diferença constituem um pequeno grupo, do qual o sujeito-aluno faz parte. “Eu sou uma delas, confesso. [...] Sempre tem algo dentro de mim que não me deixa desistir do

que eu quero”. Incisivo, o sujeito reconhece-se neste grupo, identificando-se com os poucos que fazem a diferença, que sabem o que fazem.

Vivemos numa sociedade da indiferença, responsável por tornar as características individuais indiscerníveis. Orlandi (2006c, p 23), citando George Bataille (1946), observa que “o pertencimento de fato não esgota o desejo que têm os homens de estabelecer com seus semelhantes um laço social”. Desse modo, percebemos que há a necessidade de estabelecimento de comunidades menores, ou seja, para o sujeito em análise pertencer ao pequeno grupo, ao que faz a diferença, é essencial para que cada um possa desempenhar seu desejo de reconhecimento e desejo de reconhecimento de seu ser.

Entendemos pela afirmação “desejo ter uma vida com grandes desafios e superá-los [...] e a cada passo que der ser uma pessoa melhor” que o sujeito-aluno acredita que sonhar é desafiar a vida, é desacomodar, porém, mesmo assim, identifica-se com este grupo, que é o da diferença; é o grupo que ajuda o sujeito-aluno a se tornar melhor a cada dia. É nesse desejo que emerge a presença de um sujeito inseguro, que precisa estar próximo de pessoas com grandes ambições, que nunca desistem de seus sonhos. O sujeito-aluno estabelece o efeito de sentido da negação. Ao negar a própria insegurança, emerge uma voz que ecoa do interdiscurso e que revela a fragilidade deste sujeito. Conforme Eckert-Hoff (2008, p. 97), a negação “é entendida como uma presença feita de ausência, não só como negatividade constitutiva da linguagem, mas também como presença denegada do que está recalcado.”

Ao mesmo tempo em que nega, o sujeito-aluno caracteriza-se como assertivo, não oferecendo margem de questionamento para o que está sendo escrito. Exemplos disso podem ser observados nos enunciados “onde quer que esteja o desânimo não tem vez; eu sou uma delas, confesso, sempre tem algo dentro de mim que não me deixa desistir do que quero”. As marcas afirmativas encontradas no discurso do sujeito-aluno provocam determinados efeitos de sentido, ou seja, produzem como efeito a certeza do sujeito, não abrindo espaço para o leitor realizar outro tipo de intervenção, como duvidar de que o sujeito não está determinado a ser um vencedor.

De acordo com a teoria em análise, a certeza do sujeito-aluno é uma ilusão do processo de seleção entre o dito e o não-dito na produção da linguagem. Importa destacar que aquilo que o sujeito diz não está fora do campo linguístico daquilo que o sujeito está resolvido a não dizer, a omitir em seu discurso. Assim, como afirma Pêcheux, “a necessária referência do que *eu* digo àquilo que *um outro* pode pensar, na medida em que aquilo que eu digo *não*

*está fora do campo daquilo que eu estou determinado a não dizer.*” (1995, p. 173 – grifo do autor).

No recorte em análise da SD2 podemos observar o funcionamento dessa ilusão no espaço de reformulação-paráfrase que caracteriza a formação discursiva. “Em todo dizer, há sempre algo que se mantém, isto é, o dizível, a memória.” (ORLANDI, 2001, p. 36). Ao retomar seu discurso dizendo-se ambicioso, que não desiste de seus sonhos, que sempre tem algo dentro dele que não o deixa desistir, o sujeito faz emergir o outro discurso, o da insegurança, da dificuldade de aprendizagem. É o não-dito, o esquecimento, a ilusão revelada ao empregar a expressão “desejo”, a qual nega toda a certeza do sujeito demonstrada anteriormente. São os sentidos não ditos, todavia significantes, que poderiam ser ditos.

Ainda é possível depreender da SD2 que, no enunciado “muitos sonham com uma vida agradável, simples e outros com grandes ambições e desejo de fazer a diferença”, a designação “desejo”, se comparada a outras modalidades de escrita, como o verbo “sou” utilizado pelo sujeito-aluno, dão-nos a ideia da oposição entre o real e o ideal. Para o sujeito, o real é o desejo e o ideal é o ser, o pertencer ao grupo dos que não desistem de seus sonhos. São os efeitos da palavra no discurso que fogem do domínio do sujeito, impedindo-o de controlá-los.

O ser humano é um ser de linguagem e seu discurso é determinado pela exterioridade, ou seja, pelo conjunto de saberes sociais que nos levam a acreditar que hoje somente é reconhecido pela sociedade o sujeito capaz de superar todos os desafios impostos pela modernidade, conforme o enunciado “desejo ter uma vida com grandes desafios e superá-los [...] e a cada passo que der ser uma pessoa melhor”. São as relações exteriores que determinam o sujeito, assim como são determinadas por ele, já que a possibilidade de ruptura se encontra sempre presente, provocando diferentes efeitos de sentido.

Esses efeitos das relações ideológicas, fundamentais para explicitar a relação entre o homem e a linguagem, também podem ser identificados na sequência discursiva que segue.

### SD3

Todos sonham com alguma coisa, já que nossos sonhos são nossos desejos íntimos. Sempre que assistia aos **desenhos do Scooby-Doo** quando criança, adorava vê-los investigando os fatos, desvendando os mistérios. Me interessei em saber mais sobre os **povos antigos**, em que ouvia falar sobre as múmias do **Egito Antigo**, os **deuses da Grécia Antiga**, a **Guerra de Tróia**. Mas o que me fascina é o período medieval e as seitas que se criaram porque a Igreja Católica proibia o culto a outras culturas. Isso despertou minha curiosidade, sonho em visitar o **museu de Louvre em Paris**, principalmente ver as obras de arte de **Leonardo Da Vinci**, ler suas anotações, saber por que ele fazia toda aquela medição geométrica para depois desenhar.

Encontramos na SD3 um sujeito que se define historicamente. A relação mantida pelo sujeito-aluno com a linguagem é característica das formações sociais, sendo constituída da ilusão de que ele é a fonte do que diz, quando, na verdade, retoma os sentidos pré-existentes, ou seja, os sentidos que ele atribuiu ainda na infância, através dos programas de televisão aos personagens dos desenhos animados. Esses sentidos são determinados pela maneira como o sujeito-aluno se inscreve na língua e na história, não pela própria vontade na escolha. “O que somos e o que pensamos ver estão carregados do dizer alheio, dizer que nos precede ou que precede nossa consciência e que herdamos sem saber como nem por que de nossos antepassados ou daqueles que parecem não deixar rastros.” (CORACINI, 2007, p. 59).

Na sequência em análise identificamos um sujeito constituído pela interpelação ideológica e representa uma forma-sujeito determinada pelo lugar social de aluno, fato que comprova que o lugar social é determinante do dizer do sujeito, como podemos constatar no enunciado “sonho em visitar o museu de Louvre em Paris, principalmente ver as obras de arte de Leonardo da Vinci, ler suas anotações, saber por que ele fazia toda aquela medição geométrica para depois desenhar”. Há uma repetição nas referências apresentadas, voltadas aos conhecimentos históricos e artísticos, provavelmente determinados pela instituição escolar, já que no discurso do mestre o aluno se identifica e encontra a verdade.

Como assinala Coracini (2007, p. 60), “não há outro modo de se dizer que não seja através do olhar e da voz do outro”. É o olhar e a voz do outro que conferem a esse sujeito-aluno uma identidade, a partir das identificações. A formação do sujeito-aluno inicia na sua relação com os sistemas simbólicos, que passam a constituir esse aluno de maneira inconsciente, como podemos observar no recorte pelo discurso da história, da mídia, do professor. São os diferentes discursos imbricados que vão constituindo a identidade do aluno.

Observamos na SD3 que o aluno se identifica também com saberes de várias formações discursivas. Ao afirmar que “todos sonham” ele se inclui, pois sonhar faz parte dos desejos íntimos de todo ser humano; logo, ao incluir-se, identifica-se com os saberes do discurso logicamente estabilizado. Seu grande sonho de “visitar o museu de Louvre em Paris, principalmente ver as obras de Leonardo da Vinci” foi despertado na infância pelos desenhos animados, os quais também lhe despertaram interesse pelos povos antigos. Encontramos aqui um sujeito-aluno identificado com os saberes da formação discursiva midiática. Ao utilizar o verbo no passado “interessei”, ele revela que esse desejo pertence ao passado. O sonho do momento é viajar a Paris, por ser a cidade conhecida mundialmente como a “Cidade Luz”,

como um polo turístico e cultural, representado pelos vários museus, incluindo o de Louvre, no qual quer apreciar as obras artísticas de Leonardo da Vinci. O imaginário volta-se ao outro, ao culto que viaja e com o qual se identifica. É o discurso da mídia que faz com que o sujeito viaje, gaste e torne-se culto.

Além de apresentar um discurso fortemente marcado pelas identificações com o outro, o sujeito fala que “sempre que assistia aos desenhos do Scooby-Doo quando criança adorava vê-los investigando os fatos”. Ao atribuir os interesses que tem hoje aos desenhos animados, ele estabelece uma interlocução com ele mesmo, pois traz experiências vividas na infância, mas que passaram a fazer da parte da vida. Difícil é falar do outro sem falar de si e vice-versa. É inevitável que nos escritos, ao falar de si, surjam representações do outro, já que só é possível constituir-se partindo da observação do outro. As marcas discursivas são, portanto, um inventário e um depósito do outro e de mim na escrita. No caso da SD3, a relação entre o sujeito e a linguagem é de esquecimentos e de lembranças, o que nos revela o caráter dispersivo dos sentidos no espaço do discurso, assim como a incompletude do sujeito ao se inscrever no simbólico.

No fechamento das análises das sequências discursivas dos alunos do ensino médio é possível depreendermos que o sujeito-aluno está em fase de formação e em constante movimento de identificação profissional, na tentativa de preencher uma falha que é constitutiva desse sujeito: a busca da profissão que o realize como profissional. No percurso dessas análises rastreamos angústias, dúvidas, incertezas de quem se vê incapaz de realizar os seus sonhos, desejos abandonados ao assumir o desejo do outro, a profissão do outro. É um sujeito incompleto que busca no outro a completude, mesmo que seja uma busca ilusória.

As análises mostram-nos que o aluno, ao narrar sobre si, objeto deste estudo, manifesta seus desejos, os quais revelam uma identidade sempre em processo de constituição.

A seguir, procedemos às análises das sequências discursivas recortadas das narrativas dos alunos do ensino universitário também tratando do tema “sonho”. Nesse Grupo II, assim como no anterior, centramos as análises no processo de identificação do sujeito, sua incompletude e esquecimentos.

#### 4.3.1.2 Sequências discursivas do ensino universitário – Grupo II

SD4

Meu sonho se iniciou quando ainda **era criança**, desenvolvi pela minha professora do primário uma grande admiração [...] Com seis anos de idade fui questionada sobre o que seria quando crescesse, respondi sem rodeios, **professora!** Essa professora ainda está guardada em meu coração [...] Decidi prestar vestibular para **Letras** [...] estou no primeiro semestre [...] **quero ir mais longe** [...] quero ingressar na faculdade de **Pedagogia**, quero ter o mesmo prazer que vi nos olhos de minha professora do primário quando li **minha primeira palavra** que ainda recordo BIA, ela se emocionou [...] é assim que **desejo e sonho ser**.

Com o recorte da SD4 objetivamos compreender no espaço escolar os movimentos identificatórios deste sujeito-aluno perante as práticas discursivas. Entendemos que as práticas educacionais têm um propósito sócio-histórico-ideológico e inconsciente e conduzem a que o imaginário do aluno opere em todo momento, impelindo-o de se mobilizar para conseguir realizar seu sonho de ser professora, que, conforme o imaginário social, requer conhecimento, cultura.

Na sequência em análise constatamos que marcas linguístico-discursivas se repetem, contribuindo para construir a representação do sentido predominante, que é o de identificação com o outro, com o saber do outro: “desenvolvi pela minha professora do primário uma grande admiração” e “essa professora ainda está guardada em meu coração”. É um sujeito que se reconhece na imagem do outro, do professor, a ponto de querer provar o mesmo prazer provado pela professora, as mesmas emoções, os mesmos desejos; é a identificação governada pela relação com o outro.

Nesse caso há um forte grau de determinação nesse sujeito. É estudante de Letras, mas afirma querer “ir mais longe”, ou seja, “ingressar na faculdade de Pedagogia”, fazer o mesmo curso da professora do primário, para poder vivenciar as mesmas experiências, aquelas emoções que somente professor que ensina a ler pode sentir. Para o sujeito-aluno não basta fazer um curso superior, é preciso fazer o curso dos sonhos, pois dos nossos sonhos não podemos desistir jamais. Ao fazer tal declaração, o sujeito-aluno produz um movimento de identificação com o campo da pedagogia, apontando para as relações de identificação com esse campo do saber e, conseqüentemente, para a constituição de suas identidades como profissional, futuro professor de alfabetização.

É importante observar também que tanto a referência à escolha do curso quanto aquela ao futuro trabalho, ser professora de alfabetização, estão determinadas pelo lugar social ocupado pelo sujeito, lugar de aluno do curso de Letras no momento da enunciação do



discurso. O sujeito da enunciação, em seus diferentes movimentos identificatórios, em suas diferentes modalidades de tomadas de posição, vai constituindo suas identidades. Ao se identificar com o sujeito universal, o sujeito-aluno realiza seu assujeitamento, caracterizado por Pêcheux (1995, p. 215) como o discurso do “bom-sujeito”, manifestado espontaneamente. No processo de identificação do sujeito é o interdiscurso que determina a formação discursiva com a qual o sujeito se identifica.

Assim, como percebemos, há efeitos de identificação do sujeito enunciator com a ciência da pedagogia, por meio das suas tomadas de posição, efeitos de identificação assumidos ao declarar que é aluno do curso de Letras, mas quer ir mais longe, pois sonha em cursar pedagogia. Há um reforço do imaginário que o sujeito construiu, primeiramente, sobre o curso de Letras; depois, sobre o curso de Pedagogia, este possivelmente reforçado pela professora do primário e está guardado na memória do sujeito-aluno. Entrar na faculdade e fazer Letras não basta, é preciso fazer o curso dos sonhos, Pedagogia. É um deslocamento para novos sentidos, como podemos identificar também na seguinte SD5.

SD5

No final de 2006, realizei a prova de vestibular [...] para cursar Letras. Outra opção que eu me inscrevi foi o **Prouni**, no qual tinha como primeira opção o curso de Letras. Mas fui classificada com cem por cento de bolsa em outro curso. Cursei **Produção de Vestuário** por um semestre e cheguei à conclusão de que não estava no caminho certo. [...] Fiz reopção de curso [...] Fiz minha matrícula em **Letras** e pretendo dedicar-me ao curso, tendo a **certeza** de que é isto que quero para minha vida.

Como podemos identificar na SD5, há um sujeito dividido entre dois diferentes cursos: Letras e Produção de Vestuário. O curso de Letras significa a certeza da realização profissional, ao passo que Produção de Vestuário é a possibilidade de um curso com bolsa integral. Assujeitado às condições econômicas, o sujeito cursou Produção de Vestuário por um semestre e chegou à conclusão de que não estava no caminho certo; ao cursar um semestre e não se identificar com o curso da Produção de Vestuário, ele rompe com o discurso em que se inscreveu. Ao reoptar pelo curso de Letras, identifica-se com a formação discursiva das letras e sua respectiva forma-sujeito. Entre a formação discursiva econômica e a do discurso logicamente estabilizado, prevalece a do discurso logicamente estabilizado, a de que o sujeito deve cursar o que gosta, porque não há realização pessoal se o sujeito não se realiza, não é feliz na profissão. As tomadas de posição desse sujeito representam momentos de identificação assumidos e outros negados; são momentos em que as posições tomadas pelo sujeito deflagram posicionamentos e, conseqüentemente, constituição de identidades.

Esses deslocamentos realizados não obedecem à vontade do sujeito; são determinados pela ideologia e pelo inconsciente, que permitem que sejam instaurados novos sentidos, ao mesmo tempo em que determinam os percursos do sujeito, ou seja, a troca de curso. É no movimento de identificação do sujeito com o saber do campo da linguística que sua identidade se constitui.

Assim, concebemos a identidade desse sujeito como construção. Na interface das teorias do discurso, que trabalham com a noção de sujeito e sentido sempre em constituição, não podemos falar em identidades fixas, visto que não estão prontas nem são dadas ao indivíduo. Ao contrário, as construções de identidades são realizadas como um trabalho simbólico, no qual existe uma mediação linguístico-discursiva entre o eu e o outro. Como aponta Coracini (2007, p. 54), a escritura é o “único modo de se dizer, narrando-se, identificando-se, inventando-se [...] uma identidade, um eu”.

Derrida (1996, p. 53), também citado por Coracini (2007, p. 55), refletindo sobre a escrita a pressupõe como uma identificação, não uma identidade, justamente porque uma identidade nunca é dada, alcançada. É a noção de identidade que passa a ser suplementada pela de identificação, que sempre pressupõe um caráter inacabado, um processo habitado constitutivamente pela diferença, pela mudança, pela constituição, um processo em construção, como mostra a SD6:

SD6

**Assim como todos, eu** também tenho sonhos: um deles é ser **mãe**, o outro é ser uma excelente **professora**. Por conseqüência da perda da minha mãe quando tinha apenas dez anos de idade. Outra paixão é a de ensinar, não importando o que seja desde que eu me sinta preparada para fazê-la. Como sempre gostei de português, decidi fazer o curso de letras e sonho em ser professora. **Acredito** nos sonhos, nos **poderes** que eles têm e sei que, futuramente, **serei uma mãe realizada e uma profissional qualificada**.

A SD recortada retrata a fala de um sujeito que se identifica com todos e aponta para um discurso logicamente estabilizado sobre as instituições família e escola, lugares comuns de identificação do sujeito e de forte influência na formação do caráter do indivíduo. O sujeito-aluno revela que tem dois sonhos. O primeiro refere-se à família, especificamente à mãe; mostra forte determinação da instituição familiar ao expressar laços de identificação com a mãe, possivelmente reforçados pela ausência, pela falta do amor materno, perdido ainda na infância; a presença da mãe emerge no discurso do sujeito já adulto, a sonhar em ser mãe. O outro, a mãe, opera nesse sujeito um retorno à segurança no momento em que também deseja ser mãe, viver as mesmas experiências. É interessante observar, neste caso, que a identificação do sujeito com a família contribui para manter a imagem social, o imaginário

sócio-histórico acerca da instituição familiar.

O sujeito-aluno da SD6 tem como segundo sonho ser professora e considera este sonho sua outra paixão, depois de ser mãe. Inicia sua narrativa revelando o desejo de ser uma excelente professora, cuja paixão é ensinar, não importa o quê; importa estar preparada para ensinar. Possivelmente, a professora é confundida com a figura da mãe; é o imaginário produzido pelo sujeito-aluno sobre a mãe que ele projeta no outro, na professora.

O sujeito discursivo em análise encontra na família e no trabalho seus lugares de identificação. Há um efeito de sentido dominante no discurso, o qual relaciona ser mãe e ser professora à realização pessoal do sujeito. Educar o filho e educar o aluno devem ser paixões hoje, mesmo diante das exigências da sociedade atual, em que os educadores, pais e professores encontram dificuldades para construir conhecimento e humanizar. Educar o filho e educar o aluno é sempre um ato de doação.

Ainda, tomando o enunciado “todos sonham com isso”, o sujeito permite que se atribua um sentido de generalização, o qual contribui para a estabilização dos discursos e gera um sentimento de segurança, de apaziguamento do conflito vivido pelo sujeito. É o outro que o identifica e no qual constrói um espaço para habitar. Contudo, se o sujeito precisa dizer “todos” é porque a sensação de inteireza, de segurança está encobrindo sua natureza heterogênea, da falha, da falta, do que escapa.

Assim, o funcionamento da linguagem apontado na SD6 também pode ser observado nas sequências que seguem:

SD7

**Meu grande sonho** é ser uma excelente **professora de Letras [...]** e **constituir uma família**.

SD8

Eu... **busco a felicidade** ao lado das pessoas que me fazem bem e que me amam; **busco construir uma família [...]** **uma profissão** e ser bem sucedida. Acho que **todos sonham isso** um dia.

A SD7 e SD8 reforçam o sentido de que o sujeito-aluno, no estágio da vida em que se encontra, o de estudante universitário, apresenta fortes relações de identificação com a profissão e com a família. Ser estudante do curso superior significa maturidade e responsabilidade; portanto, pode-se pensar em constituir uma família. Nessas sequências percebemos um efeito de sentido dominante relacionado à realização profissional e pessoal, ou seja, tanto o trabalho quanto a família se constituem em lugares de identificação desses sujeitos.

Ao considerar a temporalidade em que os sujeitos-alunos situam o sonho em seu discurso, constatamos que o sonho de realização profissional e familiar não pertence à memória, ao passado do sujeito, mas ao presente, tempo comprovado pelo uso dos tempos verbais no presente: “meu grande sonho é ser uma excelente professora”, “eu ... busco a felicidade ao lado das pessoas que me fazem bem e me amam”.

Em virtude de a proposta de texto ser uma autonarrativa, era esperada a presença dos pronomes pessoais *meu, eu, me*, traços discursivos que apontam para a singularidade do sujeito enunciador, que se revela no dizer e pelo dizer um sujeito que, identificado com o trabalho e com a família, produz o efeito de sentido de que a felicidade somente é encontrada junto com as pessoas que nos fazem bem e nos amam, ou seja, junto aos familiares e colegas de trabalho. É a determinação social, histórica e ideológica agindo na memória sobre o que se espera da família e do trabalho.

Encontramos marcas de individualização discursiva, característica de um discurso que veicula o progresso tecnológico e que aponta para a realidade social, para a modernidade, para as novas tecnologias, valores defendidos pelo mundo globalizado em que vivemos. A diminuição das distâncias, a rapidez na circulação das ideias, o poder da informação tornaram-se máximas do movimento globalizante que aproxima sem, de fato, aproximar. “Estas transformações estão também mudando nossas identidades pessoais, abalando a ideia que temos de nós próprios como sujeitos integrados.” (HALL, 2002, p. 9). Essas mudanças atingem o comportamento dos sujeitos, inclusive com relação à aprendizagem de línguas e a experiências vivenciadas em outros países. “Esta perda de um “sentido de si” estável é chamada [...] descentração do sujeito.” (p. 9).

Entre os sujeitos da modernidade argumentos bastante divulgados são os de que aprender línguas e viver temporariamente no exterior são necessidades do mundo globalizado para poder competir e ser bem-sucedido profissionalmente, conforme identificamos nas sequências discursivas destacadas a seguir.

SD9

**E o meu sonho?** Sim, é aquele que muitas pessoas ainda criticam ou indiretamente tentam me fazer desistir, mas dele (sonho) ainda quero desfrutar. Ainda vou morar um tempo **fora do país** e depois voltar para dar aulas de Inglês.

SD10

[...] **fui trabalhar em vários países**, me tornei uma *super-model*, meus pais estavam muito bem financeiramente, pois eu mandava dinheiro a eles e, quando parecia muito bem, o celular toca e eu acordo para a realidade desse meu mundinho pequeno.

Nas SDs destacadas encontramos sujeitos do mundo moderno, marcados pela emergência na aquisição de novos conhecimentos. No cenário altamente competitivo do mercado de trabalho, dominar outros idiomas e adquirir experiências em outros países tornaram-se necessidades para a inserção profissional.

Considerando a importância da relação entre língua e identidade, para os sujeitos analisados tanto a língua estrangeira como os conhecimentos adquiridos em outros países são experiências novas e desejadas, ao passo que a língua materna e as experiências culturais locais, por estarem internalizadas na subjetividade do sujeito, conferem-lhe a impressão de que nunca as aprendeu.

Na SD9 e SD10 encontramos sujeitos discursivos divididos, apontando para identificações imaginárias que remetem a um discurso marcado pelo outro, com a discursividade do outro, com a cultura do outro, a estrangeira, valor vigente na sociedade atual. “Assumimos, portanto, identidade como um sentimento, ilusão de completude [...] que se constrói no imaginário [...] e carrega a idéia de verdade oriunda da razão, que define, na cultura ocidental, a própria humanidade.” (CORACINI, 2007, p. 227).

Os sujeitos dessas SDs sonham em conhecer, em possuir o que é do estrangeiro, do outro. Possivelmente, esses sonhos sejam influenciados pelo imaginário cristalizado no inconsciente do brasileiro de que o que vem de fora é mais valorizado. Segundo Coracini (2007, p. 59), “o outro nos constitui assim como constitui o nosso discurso.” É possível, pois, afirmar que as representações que fazemos do estrangeiro atravessam de modo constitutivo o sentimento de identidade do sujeito brasileiro. Esses sujeitos são fruto de diferentes identificações marcadas com traços do outro. É a individualização tornando-se uma tendência universal, fenômeno decorrente da globalização, dos avanços tecnológicos, do rompimento de barreiras.

Entre os possíveis efeitos de sentido provocados pela ideologia que estrutura esses discursos encontramos sujeitos-alunos divididos entre diferentes identificações: eles enfrentam o conflito entre a cultura brasileira e a estrangeira, ou seja, a valorização da cultura do outro e a desvalorização da própria cultura, reveladas nos seus sonhos. É o inconsciente do sujeito que manifesta o desejo de buscar fora o consolo para o sentimento de inferioridade que perpassa a memória dos brasileiros. Como é possível constatar, o estrangeiro permanece no imaginário do sujeito-aluno, causando-lhe certo desconforto, um sentimento de falta que o impede de valorizar a própria cultura; que o impede de reagir, de encontrar soluções para os problemas educacionais que imobilizam o povo brasileiro diante do outro.

Na SD9 encontramos um sujeito persistente em realizar seu sonho, o de morar por um determinado tempo fora do país. É um sujeito muito resistente às críticas do outro, que, mesmo sem sucesso, tenta fazê-lo desistir. Há um imaginário cristalizado no inconsciente deste sujeito-aluno, que reconhece a importância da língua inglesa nos dias atuais e sonha em poder trabalhar com esta disciplina. Vista de uma maneira instrumental, esta língua abre caminho na busca de um emprego, de ser professor; é a supremacia, a dominância da língua inglesa em relação à nacional, o português.

Ao analisar os sinais de pontuação presentes na SD9, amparamos a análise nas considerações de Orlandi (2005a, p. 116), que considera a pontuação uma relação entre o sujeito e a incompletude da linguagem. É pelos sinais de pontuação que o sujeito trabalha as relações de sentido com o interlocutor, pois indicam diferentes modos de subjetivação.

O sujeito enunciativo da SD9 inicia o texto fazendo uma pergunta: - “e o meu sonho?”- que pressupõe uma outra voz, a intervenção do outro que está a cobrar se ele vai mesmo fazer tudo isso. Há na pergunta a explicitação do sonho. O questionamento revela o desejo do conhecimento, assim como o sonho de morar um tempo fora do país está marcado pelo desejo de conhecimento do que é estrangeiro. Ainda na SD9 os parênteses em “mas dele (sonho) ainda quero desfrutar” são explicados por Orlandi (2005a, p. 123) como acréscimo “um espaço simbólico em que o sujeito por sua função-autor trabalha a formulação, a reformulação, o horizonte possível do reconhecimento e dos deslocamentos do limite do dizer”, dos limites do sujeito.

Avaliando o uso dos parênteses ou o acréscimo no discurso do sujeito-aluno, percebemos a marca linguística que se repete. Para fazer referência ao sonho, o sujeito utiliza o pronome “dele”, seguido da expressão “sonho”, ainda marcada pelos parênteses - “mas dele (sonho) ainda quero desfrutar”. Os parênteses são uma possibilidade de abertura, de demonstração do quanto esse sonho é desejado pelo sujeito, a ponto de ser “desfrutado”, significante que aponta para um sonho proibido, recalcado, conforme o enunciado “ainda vou morar um tempo fora do país e depois voltar para dar aulas de Inglês”.

O sujeito discursivo da SD10, ao afirmar que “fui trabalhar em vários países, me tornei uma *super-model*”, identifica-se com os saberes da cultura do espetáculo, desvalorizada pela instituição familiar. O sujeito-aluno, no conflito entre ser *super-model* e a família, institui o dinheiro como objeto intermediário para apaziguar a relação conflituosa; realiza o sonho profissional mesmo contra a vontade da família e, em troca institui o dinheiro. Ainda na SD10 é possível identificar a presença de um sujeito capitalista que prioriza os bens

materiais, os quais são conquistados em outros países, pois o trabalhador brasileiro é mal-remunerado e não reconhecido pelo que faz.

O desejo do outro é perceptível no sujeito com relação aos outros países. A ânsia de preenchimento de uma falta move o sujeito brasileiro em direção ao outro que já constitui o seu inconsciente. Para o sujeito brasileiro, os outros países são lugares possíveis de obtenção de um emprego e de *status* na sociedade. Há o desejo por parte do sujeito enunciador de estar em países que se constituem pela superioridade econômica, que é a marca registrada da modernidade.

Finalizando a análise da SD10, o sujeito, ao escrever “quando parecia muito bem o celular toca e eu acordo para a realidade desse meu mundinho pequeno”, deixa marcas de um sonho real e do desejo de ser o outro. Apesar das evoluções que nossa sociedade vem obtendo, o país não garantiu ao sujeito a realização dos seus sonhos, forçando-o a buscar fora o que a nação de origem não lhe oferece: *status* social e dinheiro. É por meio do celular, presente na fala do sujeito, que constatamos a forte influência da tecnologia na atualidade, a qual acorda o sujeito para a realidade brasileira, para a realidade desse “mundinho pequeno”. Ao caracterizar o Brasil como “mundinho pequeno”, ele demonstra o sentimento de inferioridade que vive em relação aos demais países. “Nesse movimento heterogêneo em direção ao e do outro, transformam-se um e outro, formam-se laços, cadeias, tecem-se redes, tecidos, órgãos, apagam-se as dicotomias, as fronteiras, os abismos intransponíveis...” (CORACINI, 2007, p. 112).

Produzindo um efeito de fechamento das análises deste primeiro recorte entre os alunos do ensino universitário, constatamos que, assim como no ensino médio, há a identificação com o outro, o outro que imprime ao sujeito-aluno a sensação de inteireza, de completude. Ao falar de si, o sujeito-aluno não fala somente de si. É na voz do aluno que se fazem ouvir outras vozes, como a do professor, a dos pais, as quais ressoam no imaginário do aluno e se manifestam nos mais profundos desejos, recalques e divagações.

Os efeitos da modernidade também são percebidos em nossas análises. Os traços que definem o sujeito-aluno remetem ao outro, ao estrangeiro. É a manifestação do inconsciente que revela o desejo do aluno de buscar fora a cultura, como consolo para um sentimento de inferioridade que perpassa a memória dos brasileiros. O desejo de estrangeiridade pressupõe que o sujeito-aluno, ao falar de si, abre inconscientemente um espaço, um lugar de prazer, e isso se torna possível porque há um apagamento entre o discurso e a intenção do sujeito-aluno.

Diante dessa reflexão, é possível identificar o inconsciente como um lugar privilegiado na subjetividade; o aluno assujeita-se ao outro para se constituir como sujeito. Entre a incompletude e o desejo de ser completo o sujeito movimenta-se, marcado pela ilusão de ser fonte de si e do outro que o constitui.

### **4.3.2 A heterogeneidade como constitutiva do sujeito**

Este segundo recorte de análises compõe-se de onze SDs que tratam do tema injustiça. O recorte apresenta-se dividido em dois grupos: no Grupo I, apresentamos as análises de quatro SDs de alunos do ensino médio; no Grupo II, a análise de seis SDs de alunos do ensino universitário. Neste segundo recorte mobilizamos para reflexão questões relacionadas à ideologia e ao imaginário, responsáveis pelo sentimento de identidade do sujeito-aluno. Também mobilizamos questões relativas ao interdiscurso, às formações discursivas predominantes e ao lugar social ocupado pelo sujeito, todos conceitos constitutivos do sujeito e da identidade.

#### **4.3.2.1 Sequências discursivas do ensino médio – Grupo I**

Na pós-modernidade a identidade é um sentimento formado por processos inconscientes ao longo do tempo. Não é inata; portanto, não existe na consciência no momento do nascimento. “Ela permanece sempre incompleta, está sempre ‘em processo’, sempre ‘sendo formada’.” (HALL, 2002, p. 38).

Na visão discursiva, o sujeito também é afetado pelo inconsciente e apresenta-se dividido, disperso e heterogêneo, portanto incapaz do autocontrole e do controle do outro. O outro é necessário para a constituição de sua identidade. De acordo com Coracini (1999, p. 167), “o desejo identitário que habita o sujeito o faz buscar, a todo custo, a sua individualidade, mas, recalcado, esse desejo se depara com a presença do outro, ou melhor dizendo, de outros, vozes que entram na constituição mesma do sujeito e do seu dizer”.

Para refletir sobre isso tomamos para análise a SD11, na qual observamos, por meio dos deslocamentos, o processo constitutivo do sujeito.



SD11

**“O mundo é dos espertos”**. Ouço esta frase desde que me conheço por gente e, cada vez mais, creio que seja verdade. Porém, os **espertos** não combinam com os **justos**. [...] Segundo o dicionário, “injustiça” é nada mais do que a **ausência** de justiça. [...] Todos os dias leio o jornal e, quase sempre, na capa, há **escritos e fotografados crimes** hediondos que acontecem pelos menores e mais banais motivos. São **vidas interrompidas bruscamente** e que são pagas com poucos anos de prisão ou com apenas quantias em dinheiro. **Me sinto com raiva da tal justiça**, vendo o drama dos familiares sofrendo por perderem pessoas importantes e, se torna mais dramático quando vêm os criminosos saírem praticamente ilesos, após terem cometido **crimes imperdoáveis. Imperdoáveis**. Fecho o jornal e torno a pensar, porém com **convicção que o mundo é realmente dos espertos. E os espertos realmente são injustos**.

O sujeito-aluno da SD11 faz uma afirmação popular: “o mundo é dos espertos, ouço esta frase desde que me conheço por gente”. É um sujeito que se identifica com uma ideia determinista, de que vencem os mais fortes, e com uma formação discursiva dominante, a de que ser esperto significa ser forte. Podemos constatar que o sujeito discursivo joga com dois tipos de injustiças: a injustiça como um valor moral - “os espertos não combinam com os justos” - e a injustiça que transgride a lei - “me sinto com raiva da tal justiça” -, de modo que a justiça deveria ser de proteção aos indivíduos da sociedade, no entanto não o é. Ainda no mesmo enunciado usando “o mundo é dos espertos” entre aspas o sujeito pode estar manifestando um efeito contrário, ou seja, o mundo não é dos espertos, é dos justos.

Na sequência destacada verificamos por meio da conjunção “porém” que o sujeito estabelece um sentido contrário, adverso, ou seja, o mundo já não é mais dos espertos, porque não combinam com os justos. Aqui há um deslizamento de sentidos: para o sujeito, o mundo deveria ser dos justos, não dos espertos. Diante da adversidade em que se encontra, com relação ao merecimento de o mundo ser dos espertos ou dos justos, o sujeito discursivo busca auxílio no dicionário, um discurso autorizado, e certifica-se do significado que a palavra “injustiça” carrega. Ao obter como resposta que a injustiça “é nada mais do que a ausência de justiça”, utilizando a expressão “nada mais” deixa transparecer que a ausência de justiça carrega um significado mais forte que a própria injustiça. Esse é um dos movimentos possíveis de sentido para o discurso do sujeito-autor.

O sujeito discursivo da SD11 é leitor do jornal, fato que permite que se manifeste sobre o que o jornal veicula - “crimes fotografados, na capa”. Este enunciado demonstra um interesse do jornal na divulgação da criminalidade, possivelmente para denunciar a falta de justiça, uma instituição garantida por lei ao sujeito. Além de escrever sobre os crimes, estes são divulgados em imagens e publicados na capa do jornal. O mais agravante nos crimes divulgados é que são crimes hediondos, repulsivos, inafiançáveis e cometidos por menores e pelos mais banais motivos. Os adjetivos “menores” e “banais”, atribuídos aos motivos dos

crimes, revelam um movimento do sujeito que nos leva a perceber o sentido de que a vida humana vale menos do que qualquer pequeno e banal motivo, ideia reforçada também pelo advérbio “mais”. No discurso deste sujeito-aluno, outros discursos se manifestam, outras vozes se fazem ouvir, vários *eus* o constituem, dentre os quais identificamos o discurso jornalístico, o jurídico, o familiar, o dos direitos humanos. É assim que se faz presente a marca da heterogeneidade no discurso e no sujeito.

A opção pelo uso do verbo “interromper” vidas, acompanhado do advérbio “bruscamente”, traz a ideia de descontinuidade, de término imprevisto. As vidas são cortadas, incompletas e “pagas com poucos anos de prisão ou apenas dinheiro”. Novamente, a escolha das expressões “poucos” e “apenas” revela a banalidade da vida humana. Essa relação com a exterioridade possibilita que o sujeito se coloque na posição de autor, ao mesmo tempo em que se volta à própria interioridade. Assim, ele constrói sua identidade como autor, assume esse papel e tudo o que ele implica.

Analisando a identidade desse sujeito-autor que se constrói na escrita, pressupomos a singularidade, ao mesmo tempo em que identificamos a presença do outro, ou seja, os sujeitos a quem ele se dirige, o lugar social que ocupa e o lugar ocupado pelo seu leitor, como também as condições de produção de sua escrita.

Em “me sinto com raiva da tal justiça”, há um possível sentido revelado, um sentimento de desprezo, de ineficiência, relacionado à justiça. Mas que justiça é essa que não pode ser qualificada de eficiente, justa? O que está sendo silenciado pelo sujeito? Que significado tem a expressão “tal justiça”? É o efeito da incompletude. “O incompleto na linguagem é o lugar do possível, é condição do movimento dos sentidos e dos sujeitos. É na incompletude que inscrevemos a questão do silêncio, e, por esta via, a da interpretação como movimento.” (ORLANDI, 1996, p. 71).

Na SD11 o sujeito revela que sente raiva ao ver o drama dos familiares das vítimas porque os criminosos não são penalizados pelos crimes que cometem. Na repetição da expressão “imperdoáveis” reconhecemos uma abertura, um espaço em que o sujeito, por sua função-autor, trabalha a formulação, a reformulação e o deslocamento dos limites do seu dizer.

Ainda na SD11, o sujeito, ao introduzir seu texto com o enunciado “o mundo é dos espertos”, identifica-se com saberes da formação discursiva do discurso estabilizado, rompendo essa identificação no momento em que passa a sentir raiva da justiça. No final do texto volta a se identificar com o discurso da sociedade - “o mundo é realmente dos espertos”- e mobiliza-se para uma diferente posição-sujeito, que é “os espertos realmente são injustos”.

Se o mundo é dos espertos e os espertos são injustos, o sujeito desliza para o sentido de que o mundo é injusto, intensificado pelo advérbio “realmente” presente nos dois enunciados.

Os gestos de interpretação realizados pelo sujeito-aluno permitem-nos afirmar que, ao inscrever sua formulação no interdiscurso, o sujeito historiciza seu dizer e, ao assumir sua posição de autor, produz um evento interpretativo. É a partir do lugar discursivo representado pelo autor e relacionado ao lugar social que o sujeito assume diferentes posições, inscrevendo sua formulação no interdiscurso e produzindo gestos de interpretação, ou seja, sentidos, mas não evidentes, ao contrário, que escapam, fluem num movimento constante de oscilação. É o sujeito que mobiliza vários e diversificados recortes textuais relacionados a diferentes redes discursivas e subjetividades.

Se, por um lado, ao autor é atribuída a função de organizar o seu discurso, dando-lhe começo, meio e fim e tornando-o coerente, por outro, essa organização nada mais é que um efeito ideológico, materializado na linguagem e reunindo sujeito e sentido. Assim, compreendem-se a ideologia e o seu funcionamento imaginário, articulado ao inconsciente.

O exercício da interpretação liga-se diretamente à ideologia. Orlandi (2006b, p. 25) afirma que uma concepção discursiva de ideologia determina que, como os sujeitos estão condenados a significar, a interpretação rege-se por condições de produção específicas que aparecem como universais e eternas, resultando disso a impressão do sentido único e verdadeiro. “É pela interpretação que o sujeito se submete à ideologia, ao efeito da literalidade, à ilusão do conteúdo, à construção da evidência dos sentidos, à impressão do sentido já-lá.” (2005a, p. 22).

Vejam os efeitos ideológicos podem ser observados no funcionamento do discurso do sujeito-aluno pela análise da SD selecionada.

#### SD12

Já observei **várias** pessoas sofrerem a mesma injustiça no trabalho. Ao concorrerem a uma vaga em uma empresa, acabam sendo eliminados por não apresentarem **alguns requisitos de status** que a **sociedade** lança na mídia, como ter um rosto bonito, um corpo dentro dos padrões de beleza e ser filho de pais bem sucedidos financeiramente. É frustrante não ser escolhido, **por não ter mais status** dos concorrentes, apesar de estarem no **mesmo patamar de qualidades, como inteligência, criatividade, bons modos, etc.** [...] A injustiça já faz parte do nosso cotidiano e **algumas vezes** até nos **acostumamos com ela**, por ser tão freqüente que chega a passar despercebida diversas vezes. **Algo que nos indigna ao ver e até protestamos**, mas **só quando nos atinge**, caso contrário ficamos inativos.

Considerando a linguagem como uma prática, no sentido de permitir sentidos, deparamo-nos na SD12 com um sujeito que relata uma experiência negativa, presenciada e

relacionada à injustiça. É a presença da ideologia capitalista dominante que privilegia o ter em relação ao ser, como podemos identificar no enunciado “é frustrante não ser escolhido por não ter mais *status* dos concorrentes, apesar de estar no mesmo patamar de qualidades, como inteligência, criatividade, bons modos”.

Retomando o enunciado do parágrafo anterior, identificamos um sujeito que enumera outras características na escolha profissional “qualidades como inteligência, criatividade, bons modos”. Ao se identificar com as qualidades enumeradas, o sujeito discursivo passa a aderir ao repetível e busca também um *status* na sociedade; busca ser visto e valorizado pelo outro, não pela beleza física, mas pela capacidade que possui.

O sujeito da SD12, ao escrever, questiona-se sobre os valores vigentes na sociedade atual. Ao certificar-se de que os profissionais selecionados não são os “inteligentes, os criativos, os que têm bons modos”, manifesta sua frustração, posição do sujeito que é intensificada pela expressão “é frustrante”. Desta expressão ainda podemos depreender o sentido de que o sujeito discursivo tinha boas expectativas com a escolha profissional, as quais foram frustradas ao tomar conhecimento da realidade.

Atendo-nos ao funcionamento do discurso podemos compreender o modo como os textos produzem sentidos e a ideologia será percebida por meio de um imaginário, de uma interpretação, aparentemente a necessária para aquelas palavras. Na afirmação “a injustiça já faz parte do nosso cotidiano” encontramos um sujeito colocado numa situação de passividade em relação à realidade da injustiça social. Ao usar o advérbio de tempo “já”, acompanhado do verbo no indicativo “faz”, indicando certeza, o sujeito-aluno sabe que a injustiça é uma realidade.

Há a certeza dessa realidade, pelo fato de ser frequente, comum na sociedade, tanto que já nem mais a identificamos, acostumamo-nos com ela, que passa despercebida muitas vezes. O sujeito, ao tornar-se indiferente aos sentimentos, passa por um processo de adormecimento da consciência; em outras situações, quando se refere à sua pessoa, percebe-a, indigna-se a ponto de protestar. Ao fazer uso do pronome indefinido “algo” fazendo referência à injustiça, permite-nos um deslocamento de sentido, o de que a injustiça nem sempre é percebida, tornou-se comum e, às vezes, deixa-o inativo, sem ação. Contudo, o sujeito fica indignado e até protesta quando a injustiça o atinge. Portanto, é um sujeito indiferente ao outro, que somente age quando a injustiça o afeta.

Pensando nas identificações desse sujeito-aluno chamam-nos a atenção as expressões que representam a vaguidade, a generalização, ao usar os anunciados “várias, alguns, a sociedade, algumas vezes”, expressões que servem para qualquer situação, para qualquer

estado do sujeito. Assim, o deslocamento vai depender do gesto de interpretação, que, neste caso, pode ser compreendido como um sujeito disperso, inseguro diante das injustiças sociais.

Como o conteúdo ideológico tem seu caráter inconsciente, o sujeito discursivo constrói uma subjetividade relacionada ao coletivo, que é o desejo de pertencer a um grupo, ao mesmo tempo em que cada sujeito do grupo tem a necessidade de se individualizar. É um efeito da sociedade moderna. Ao mesmo tempo em que aproxima, isola, como se o outro fosse um desconhecido, com o qual não se compromete. “Este é o trabalho da ideologia: produzir evidências, colocando o homem na relação imaginária com suas condições materiais de existência.” (ORLANDI, 2001, p. 46).

Na SD12 ainda encontramos um sujeito discursivo que fala de determinada posição-sujeito, ou seja, a partir da posição de um jovem que vive numa sociedade considerada injusta. É o sentido que deriva da fala do jovem em relação à formação discursiva da injustiça social à qual inscreve suas palavras. Podemos dizer que não é o jovem que fala, mas, sim, sua posição. Estando na posição de jovem, esse sujeito fala como os jovens falam: “algo que nos indigna ao ver e até protestamos, mas só quando nos atinge, caso contrário ficamos inativos”. É essa posição que constitui no jovem sua identidade.

Pensando na constituição identitária desse sujeito-aluno é importante considerar que a memória discursiva se inscreve na constituição do sujeito e do seu discurso. O sujeito, ao representar o que está registrado na memória, sofre efeitos na sua forma de representação, o que leva a que a memória esteja sempre aberta a novas representações, possibilitando diferentes sentidos.

Vejamos na SD abaixo como a polissemia permite fazer emergir diferentes vozes, pois tanto o objeto do discurso como os interlocutores desfrutam de uma posição polissêmica.

#### SD13

Ao contrário do que muitos pensam, **não é bom e nem legal** ser injusto com alguém, **muitos** sofrem e acabam ficando **machucados** com isso, **não fisicamente**, mas, **por dentro**, onde dói muito mais. Há muitas maneiras de se cometer uma injustiça, desde **falar algo** para outra pessoa que é mentira e acabar prejudicando alguém por isso, **até mesmo** vendo tamanha **miséria e solidão** de pessoas que vivem nas ruas, sem nada para comer, nem teto para dormir. [...] Se cada ser humano ajudasse fazendo a sua parte, todos viveríamos melhor, com mais **dignidade, caráter** e com a consciência **limpa** de ter colaborado para mudar o que estava ruim.

Na SD destacada encontramos um sujeito preocupado em manifestar os efeitos morais da injustiça. Conforme o sujeito discursivo, a mentira e a traição são prejuízos muito maiores que o prejuízo material, como a miséria, por exemplo. Não ter o necessário para a

sobrevivência é ruim, mas ser enganado, traído, prejudicado ou sofrer efeitos morais é muito pior.

Em sua escrita, o sujeito discursivo utiliza-se de uma dupla negação para fazer uma afirmação: “não é bom e nem legal ser injusto”. Neste enunciado, a expressão “legal” ainda revela uma ambiguidade que pode significar uma questão jurídica de ilegalidade, uma questão moral, como também pode ser um termo coloquial utilizado pelo sujeito que significa algo que não é bom, uma atitude incorreta. São esses diferentes sentidos presentes no texto que apontam para o rompimento, por meio da relação do sujeito com o mundo social, com o outro.

Não há realidade sem ideologia, que é um efeito da relação necessária do sujeito com a língua e com a história para que haja sentido. É o efeito ideológico que intervém com seu modo de funcionamento imaginário e cria as imagens que possibilitam o deslocamento de sentidos. Esse efeito pode ser identificado na escolha do enunciado “acabam ficando machucados com isso”, do qual inferimos diferentes significados, ou seja, carrega a marca da polissemia. O termo “machucados” oferece uma ambiguidade, que pode significar um ferimento, uma contusão, como também um sentimento interior de ressentimento por ter sofrido uma injustiça. É o processo discursivo marcado pelo sentimento de inferioridade que o sujeito tem de si, por ter sido injustiçado, de modo que sua significação inscrever-se-á sempre nesse imaginário constitutivo do sujeito.

A possibilidade de deslocamento da linguagem também pode ser identificada no enunciado “consciência limpa de ter colaborado”. Os diferentes sentidos da palavra “limpa” podem ser representados pela sensação de dever cumprido com suas responsabilidades sociais, como também de um sujeito justo, honesto e que pode ser visto pelo outro como exemplo.

Os sentidos produzidos no discurso do sujeito-aluno da SD13 são gestos de interpretação que revelam um sujeito totalmente afetado pela ideologia do dever, da moral, da responsabilidade, o que não é comum no mundo contemporâneo, no qual, para muitos, o importante é ser o que se é, diferente, dono de si.

Podemos, ainda, identificar na SD13 a presença de saberes da formação discursiva humanista e sua respectiva forma-sujeito. O sujeito-aluno, ao utilizar a primeira pessoa do plural, “nós”, com seus respectivos verbos, inclui-se, identificando-se com o discurso dos homens justos, do combate às injustiças, o qual depende da vontade de cada um. O sujeito-aluno sente-se parte do grupo e propõe-se cumprir com suas obrigações de cidadão na sociedade. O sujeito-aluno, ao afirmar que a justiça depende da união de todos, identifica-se com os saberes do discurso estabilizado. É no movimento de identificação com a justiça social

que o sujeito se constitui e constitui sua identidade, a de um sujeito comprometido com o outro.

Esse comprometimento social do sujeito ainda pode ser encontrado na afirmação “muitos sofrem e acabam ficando machucados com isso, não fisicamente, mas por dentro, onde dói muito mais”. O sujeito, aqui, estabelece um comparativo entre as dores internas e externas vividas pelas vítimas das injustiças. Ambas causam o sofrimento, porém a interna, por dentro, é a moral, a que machuca, que dói. Para sugerir a intensidade da dor interna, o sujeito faz uso do advérbio “muito” no enunciado “por dentro, ela dói muito mais”.

Pensando no sentido que o sujeito da SD13 dá à injustiça, é possível perceber em seus dizeres que há muitas maneiras de se cometerem injustiças. Quando se refere à gravidade das pessoas injustiçadas, o sujeito-aluno apresenta como a menor das injustiças “o falar algo para outra pessoa que seja mentira”. Mais grave, para o sujeito, é “a miséria, a solidão, a falta de comida e de casa para morar”, o que, na verdade, diferencia os homens dos animais.

Os sentidos que percebemos nesses dizeres também estão sujeitos a deslizamentos, a novos sentidos, apesar de parecerem inalterados, pois somente pelo efeito ideológico o indivíduo se torna um sujeito com identidade. Esse efeito, esse novo sentido, pode ser percebido na afirmação da menor injustiça: “o falar algo para outra pessoa”. Ao optar pelo uso do pronome indefinido “algo”, o sujeito abre espaço para a alteridade, para a diferença, para o novo, marcado pela incompletude. A incompletude abre espaço para a entrada em cena da noção da falta, “que é motor do sujeito e é lugar do impossível da língua, lugar onde as palavras ‘faltam’ e, ao faltarem, abrem brecha para produzirem equívocos”. (LEANDRO FERREIRA, 2005, p. 18). Podemos constatar na afirmação da autora que o equívoco não é causal nem depende da vontade do sujeito, mas é um fato linguístico constitutivo da língua. Assim, a língua é um sistema passível de falhas, por entre as quais os sentidos se permitem deslizar, como podemos observar também na SD14.

#### SD14

A injustiça é uma das maiores causas de **revolta** e **indignação** da população. Apresentando-se de **várias** formas, a injustiça vai **muito além** de questões sociais ou **vereditos** de juízes. Em nosso dia-a-dia, é possível encontrar várias **situações cerradas** em que há sempre algum injustiçado. Não é raro descobrir que, através de mentiras, um “amigo” **apunhalou** o outro pelas costas em prol de seu próprio benefício. Ou, ainda, alguém ter conclusões precipitadas e assim **criticar** e **caluniar** sem ter razão.

O sujeito da SD14 abre seu discurso provocando efeitos de realidade com a afirmativa “a injustiça é uma das maiores causas de revolta e indignação da população”. Mesmo assim, ele não controla o que diz nem como diz por estar determinado por uma ideologia que o faz

dizer certas coisas e não outras, acreditando que somente pode ser dito desse modo. “Este é aliás o efeito característico da ideologia – impor (sem parecer fazê-lo, uma vez que se tratam de ‘evidências’) as evidências como evidências, que não podemos deixar de reconhecer [...] ‘é evidente! é exatamente isso! é verdade!’.” (ALTHUSSER, 1985, p. 94-95 – grifo do autor).

Considerando as expressões “revolta” e “indignação”, determinadas ideologicamente para designar as consequências da injustiça, vemos que provocam determinados efeitos de sentido e não outros, haja vista que designações como rebeldia, tumulto, aversão, raiva, entre outras, poderiam ter sido usadas, mas não o foram. Há a crença no sujeito-aluno de que livremente escolheu as construções linguísticas para a constituição de seu texto, porém essas escolhas foram determinadas pelos elementos sociais, históricos e ideológicos. Ainda podemos considerar que os efeitos que essas designações provocam no sujeito-leitor não podem ser controlados, visto que ele também está afetado por elementos da ordem da exterioridade.

A possibilidade da falta podemos observá-la no enunciado “apresentando-se de várias formas, a injustiça vai muito além de questões sociais ou vereditos de juízes”. Aqui, o sujeito discursivo, no momento em que faz uso do pronome indefinido “várias”, aciona o pré-construído, como efeito ideológico de algo que está sempre aí, generalizado. É a falta que se torna o lugar do possível. Também podemos identificar essa abertura na linguagem quando o sujeito-aluno afirma que “a injustiça vai muito além das questões sociais”, enunciado que abre espaço para diversos sentidos quanto à dimensão da injustiça.

Ao reconhecermos a multiplicidade de sentidos como inerente à linguagem é necessário considerar a questão da literalidade. Como o contexto é constitutivo do sentido, abandona-se o sentido nuclear, o literal, o mais importante em relação aos outros. Conforme aponta Orlandi (2006a, p.21), “todos os sentidos são de direito sentidos possíveis e, em certas condições de produção, há de fato dominância de um sentido, sem por isso se perder a relação com os outros (implícitos)”. O próprio lapso da escrita vem apontar para a inexistência de um sentido literal, pois introduz o mundo dos pensamentos do autor. Nele o autor manifesta sua própria opinião sobre seu discurso.

Na construção dos sentidos da SD14 é possível observar que o sujeito discursivo utiliza-se de termos ligados à área jurídica, como “vereditos de juízes”, expressão que designa verdade, ou seja, as resoluções do júri em causas criminais. Observamos também a presença da expressão “situações cerradas”, que nos possibilita deslocar o sentido a segmentos da sociedade nos quais ainda há situações de injustiça que permanecem fechadas, escondidas, omissas, sem que seus autores sejam penalizados.



Na perspectiva do discurso, as marcas de pontuação também são consideradas como uma manifestação da incompletude, que é constitutiva de qualquer signo. Qualquer ato de nomeação é um ato falho, um mero efeito discursivo. Na sequência discursiva em análise - “não é raro descobrir que, através de mentiras, um “amigo” apunhalou o outro pelas costas em prol do seu próprio benefício” - ao usar o advérbio de negação “não” o sujeito-aluno mostra que descobrir esse tipo de injustiças é comum no cotidiano. Podemos acrescentar que esse enunciado traz a marca da heterogeneidade: é o outro discurso, o coloquial, o do cotidiano.

Quando pensamos discursivamente a linguagem, é difícil traçar limites entre o diferente, o polissêmico, considerado força constitutiva do dizer, o qual permite fazer emergir diferentes vozes, conduzindo a que cada gesto de interpretação tenha como característica polemizar e mostrar que o sentido pode ser outro. Assim, o discurso muitas vezes diz mais do que o próprio sujeito gostaria de dizer.

Retomando o fragmento de análise “um “amigo” apunhalou o outro pelas costas em prol do seu próprio benefício”, podemos identificar que o sujeito utiliza-se das aspas na palavra “amigo” como forma de negar o sentido literal da palavra ou abrir a possibilidade de um novo sentido. Literalmente, “amigo” significa alguém ligado a outro por laços de amizade, alguém que se estima, que se aprecia. No entanto, o sujeito-aluno atribui um novo sentido à palavra, reforçado pelo verbo “apunhalar”, que significa trair profundamente, matar com punhal. Poderíamos questionar: Que amigo é este que mata pelas costas, em benefício de si próprio? É o processo discursivo, o conteúdo ideológico que tem um caráter inconsciente, do que podemos inferir que o sujeito discursivo, ao escrever seu texto, está sendo influenciado, sem perceber, pela ideologia vigente: de que hoje não existem mais os verdadeiros amigos e é normal trair, enganar. Esse é um efeito ideológico no qual “toda ideologia tem por função ‘constituir’ indivíduos concretos em sujeitos”. (ALTHUSSER, 1985, p. 93).

Há uma falsa ideia de que escolhemos as palavras para dizê-las, pois, ao contrário, são elas que nos escolhem via inconsciente. E é por meio das palavras falhadas que o inconsciente se manifesta, sendo no nível do desejo que se pode analisar a lógica das combinações de significantes, isto é, as articulações não são feitas aleatoriamente, pois há sempre a marca do desejo para determinar o envio de um significante a outro a fim de se criarem os efeitos de significação.

Conduzindo essas reflexões das análises do Grupo I a um fechamento, mesmo que ilusório, observamos que o funcionamento discursivo mostrou-nos como o sujeito-aluno se constitui por meio do imaginário, possibilidade que permite melhor compreendê-lo enquanto sujeito na sua complexidade e subjetividade. Analisar a constituição da identidade do sujeito-

aluno quando fala de si perante as injustiças, permite-nos problematizar a tendência de homogeneizar o sujeito-aluno e de questionar as verdades construídas em torno do binarismo instituído pela cultura social: o mundo é dos espertos *versus* o mundo é dos justos. São deslocamentos que nos permitem pensar os pontos de identificação do sujeito na escola.

O discurso do sujeito-aluno aparece atravessado por outros discursos, por outros dizeres, por outras vozes que o constituem. São saberes relacionados à justiça, ou seja, aos discursos jurídico e escolar, ambos voltados à defesa da justiça social. Os diferentes dizeres que vão se imbricando no discurso do sujeito-aluno também vão marcando sua identidade, melhor dizendo, seus movimentos identificatórios.

Assim, como no Grupo I, que acabamos de analisar, analisaremos no Grupo II as questões ideológicas e imaginárias e seus efeitos na constituição de identidades do sujeito-aluno. Passemos, pois, às análises do Grupo II, dos alunos do ensino universitário, tratando do tema injustiça.

#### 4.3.2.2 Sequências discursivas do ensino universitário – Grupo II

O sujeito discursivo pode ocupar diferentes posições dentro do mesmo texto. Essas diversas maneiras de o sujeito se representar no mesmo espaço textual são possíveis, porque a heterogeneidade é característica do universo discursivo.

Authier (1990, p. 26), ao tratar da heterogeneidade, classifica-a em dois grupos: a heterogeneidade constitutiva e a mostrada. A constitutiva refere-se ao inconsciente, pois o sujeito esquece-se do que determina os sentidos do seu dizer e posiciona-se na origem do discurso. Esse efeito da linguagem, ou seja, o “apagamento” inconsciente pode ser observado na SD15, destacada para análise.

SD15

Todos são **iguais perante Deus**. Assim, como tem **deveres a cumprir**, na lei dos homens, todos possuem os **mesmos direitos**. **Direito à saúde, alimentação, moradia** e direito de “ir e vir”, de estar quando quiser, no lugar em que pretender, desde que seja um local público.

O sujeito discursivo aqui analisado coloca-se na origem do dizer tanto no discurso religioso - “todos são iguais perante Deus” - como no discurso jurídico, ao tratar da Declaração dos Direitos Humanos - “direito à saúde, alimentação, moradia”. A formação

discursiva religiosa aparece entrelaçada nos saberes da formação discursiva jurídica. Tanto o discurso religioso como o jurídico não são discursos que têm sua origem no sujeito discursivo; mesmo assim, esses discursos aparecem reiterados nos saberes da formação discursiva do discurso estabilizado, causando no sujeito a ilusão de ser a origem do seu dizer, como se tais discursos nunca antes tivessem sido enunciados por nenhum sujeito. Considerando a teoria de Pêcheux (1995, p. 173), essa ilusão é necessária para que o sujeito, em seu discurso, possa se constituir; caso contrário, ele seria calado pela consciência de que tudo já foi dito antes em algum lugar.

Authier (1990, p. 25), ao definir a heterogeneidade mostrada diz que são possibilidades de inscrição do outro na sequência do discurso, como discurso direto, aspas, glosas. Com base na afirmação da autora, na SD15 constatamos a presença da heterogeneidade mostrada pelo modo como o sujeito-aluno inscreve o outro na sequência do discurso. Ao utilizar a expressão “ir e vir” entre aspas, em forma de citação, o sujeito permite compreender que a expressão não ter origem no discurso próprio, mas no outro. “Ir e vir” não pertence ao discurso do sujeito, já foi dito por outros, embora saibamos que todo discurso não tem origem no sujeito-aluno.

No nível discursivo, a heterogeneidade é permanente, e o sujeito não pode renegá-la, pois tem de contar com ela para fazer sentido. “Nenhuma palavra é ‘neutra’, mas inevitavelmente ‘carregada’, ‘ocupada’, ‘atravessada’ pelos discursos nos quais ‘viveu sua existência socialmente sustentada’.” (AUTHIER, 1990, p. 27 – grifo do autor).

As diferentes posições do sujeito no texto correspondem a diferentes formações discursivas. No caso em análise, ocorre porque no mesmo texto encontramos enunciados de diferentes discursos: o religioso, o jurídico e o do logicamente estabilizado, derivados de várias formações discursivas. No caso da SD15, no discurso religioso o sujeito iguala todos os seres humanos perante Deus, que é o pai de todos; não faz diferenças. Também no discurso jurídico, perante a lei dos homens, todos possuem os mesmos direitos e deveres. Tanto no discurso religioso como no discurso jurídico, o sujeito realiza um movimento de identificação com os saberes das respectivas formações discursivas.

Analisando a inscrição do sujeito-aluno no discurso, constatamos um movimento de identificação, pois “são iguais perante Deus, tem deveres a cumprir, possuem os mesmos direitos”, movimento que produz sentido: o de que o sujeito defende o discurso da igualdade, da justiça entre os homens, já que perante Deus também todos são iguais. É um sujeito definido pelo lugar do qual ele fala, lugar de cidadão, lugar social em que as injustiças acontecem.

Concebidos dessa forma, os discursos são efeitos de sentidos produzidos em condições determinadas, as quais compreendem os sujeitos e as situações, e a memória, também faz parte das condições de produção do discurso. Tratado como interdiscurso, “este reside no fato de que ‘algo fala’ sempre ‘antes, em outro lugar e independentemente’”. (PÊCHEUX, 1995, p. 162 – grifo do autor).

Também conhecido como memória discursiva, o interdiscurso, conforme Orlandi (2001, p 31), é “o saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma de pré-construído, o já-dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada da palavra”. Vejamos essa afirmação de Orlandi na seguinte SD destacada para a análise.

SD16

**Numa sociedade** em que **você** vale o que **veste**, é valorizado pelos bens que **possui** e pelo cargo que **ocupa**, situações assim são comuns. Os **menos favorecidos**, **os diferentes** e até mesmo, em alguns casos, os mais abastados, **são vítimas de injustiças**. **O ser humano**, em grande número, parece que perdeu o respeito e a consideração pelo próximo. É comum, no noticiário e no cotidiano, casos de **racismo**, **pessoas ateando fogo nos seus semelhantes** e por aí vai. Se o descaso, a falta de respeito e outras atitudes injustas para com os outros continuarem crescendo nessa proporção alarmante, em um futuro não muito distante, **poderemos**, talvez, **nos** intitular ‘animais’.

Na construção de sentido desse discurso deparamo-nos com um sujeito que traz os saberes da formação discursiva capitalista ao considerar que as injustiças ocorrem porque a sociedade respeita o ser humano pelo que veste, pelo que possui e pelo cargo que ocupa, ou seja, vivemos numa sociedade que valoriza o materialismo, o capitalismo, em detrimento do humanismo.

Para o sujeito discursivo, as injustiças são frequentes na sociedade e são praticadas, sobretudo, contra os seres diferentes e menos favorecidos, pessoas que não conseguem reagir ao sistema em vigor, ao “salve-se quem puder”. Percebe-se nos sentidos do discurso que há um agravante relacionado às injustiças, pois até “os mais abastados são vítimas de injustiças”. É possível que isso ocorra porque a maioria dos seres humanos perdeu o respeito pelo outro, tornando-se comum ser injustiçado ou presenciar cenas injustas, e até mesmo os meios de comunicação mostram essa realidade como se fosse natural, própria ao convívio humano. No passado, houve o racismo; hoje, pessoas são queimadas vivas. Cabe considerar que, ao afirmar que “até os mais abastados são vítimas de injustiças”, o sujeito nega os saberes da formação discursiva capitalista para constituir os saberes da formação discursiva jurídica.

Há um deslizamento de pronomes “você vale o que veste”, “são vítimas de injustiças”, “o ser humano em grande número” e “nos intitular animais”, que mostra uma identidade

multifacetada. A dispersão pronominal ecoa pela voz dos sujeitos-alunos que se enunciam por “você, eles, o ser humano, nos”. É uma mistura com várias texturas do “você-eles-o-ser humano-nos” que aí se identificam.

Nas teias do sentido dessa sequência ainda encontramos um sujeito que estabelece uma interlocução com o outro, por meio do pronome de tratamento “você”, uma forma de chamar o outro para o discurso: “você vale o que veste, vale o que possui, vale o cargo que ocupa”. Não há a inclusão do sujeito discursivo nessa sociedade, pois ele não se identifica como parte do processo, ou seja, dos que cometem injustiças. Esse sentido pode ser construído também em “o ser humano, em grande parte, parece que perdeu o respeito e a consideração pelo próximo”. Novamente, o sujeito-aluno, ao fazer o acréscimo “em grande parte”, está possibilitando sua exclusão do grupo de pessoas que perderam o respeito.

Somente na conclusão do texto encontramos um sujeito que deixa de usar os verbos em terceira pessoa - “veste, possui, ocupa, parece” - e se inclui no discurso, se iguala aos demais humanos, utilizando o verbo na primeira pessoa do plural: “em um futuro não muito distante, poderemos, talvez, nos intitular ‘animais’”. Cremos que o sujeito somente se inclui nesse meio social no futuro porque é estudante universitário e acredita que o direito que todo cidadão tem de bem-estar, é de responsabilidade, sobretudo, da sociedade e dos órgãos públicos. Dessa forma, deparamo-nos com um sujeito discursivo afetado por dizeres do interdiscurso, ou seja, é o interdiscurso que afeta o modo como o sujeito-aluno se significa diante da situação discursiva apresentada. Orlandi (2005a, p. 59) define interdiscurso como “o conjunto de dizeres já-ditos e esquecidos que determinam o que dizemos, sustentando a possibilidade mesma do dizer. Para que nossas palavras tenham sentido é preciso que já tenham sentido”.

Na SD16 identificamos a presença do interdiscurso, do que já se disse sobre as injustiças, o discurso dos órgãos que zelam pela segurança; o discurso das vítimas das injustiças, que, mesmo abaladas, buscam a superação; os discursos dos que não viveram injustiças, mas lamentam a ocorrência com pessoas próximas; a voz dos diferentes, a voz dos abastados, a dos que perderam o respeito, da instituição escolar, enfim, todos os dizeres políticos que significaram ao longo da história estão, de certo modo, significando no discurso do aluno. Todos os sentidos já-ditos em outros momentos, em algum lugar, têm um efeito no discurso em análise.

Há uma forte comparação finalizando o texto. Apesar de os seres humanos se diferenciarem dos animais pela evolução, pela história, pela humanização, há um sentido que vem por meio da memória, de filiações de sentidos construídos em outros dizeres, em outras

vozes, como da escravidão, das guerras, do racismo, que vêm fazer o alerta: “se o descaso, a falta de respeito e outras atitudes injustas com os outros continuarem crescendo, poderemos ser chamados ‘animais’”.

É do embate de duas formações discursivas que resulta uma nova posição, um novo discurso, como podemos observar também na SD17.

#### SD17

Quando **dividimos a sociedade em classes sociais**, logo temos **dois grupos distintos** que **disputam** seu lugar, **arduamente**, na esfera social. De um lado, temos os **ricos**, um grupo de pessoas privilegiadas que tem acesso a toda tecnologia e ao conforto que esta proporciona. De outro, os **pobres**, um **espantoso e lastimável grupo de pessoas** que lutam bravamente por seu alimento, e muitas vezes apenas por isso. Nesse sentido, **fere-nos** muito saber que **uns tem tanto**, quando **outros não têm nada** ou **quase nada**.

O sujeito da SD17 retrata uma sociedade dividida em duas classes sociais antagônicas “que disputam, arduamente, o seu lugar na esfera social”. De início, com o uso do verbo “disputar” o sujeito permite que se construa o sentido de como cada uma das classes conquista seu espaço no social, que é pela de luta, pela disputa. Ainda reforçando o sentido, o sujeito-aluno faz uso do advérbio “arduamente”, que intensifica o modo de disputar seu lugar na esfera social, fazendo surgir relações de sentido. É nessa relação que o sujeito joga com os efeitos de sentido produzidos a mais. Se a luta é árdua, significa que é muito trabalhosa, é muito disputada.

Por um lado, “temos os ricos”, um grupo pequeno “de pessoas privilegiadas”, com acesso à tecnologia e ao conforto. Na construção dos sentidos, podemos perceber que é o grupo que esbanja recursos, que possui todas as suas necessidades satisfeitas. Por outro lado, encontramos o “grupo dos pobres, um espantoso e lastimável grupo de pessoas”. Neste grupo da esfera social encontra-se o maior número de pessoas, os escravizados, os que “lutam bravamente pelo alimento”. É o grupo da maioria que sobrevive precariamente. A pobreza é caracterizada por aquele grupo que não possui bens materiais suficientes para garantir as necessidades da vida, por terem um nível de renda abaixo daquela que garante a sobrevivência. Considerando o período da escravidão e as marcas que deixou na história da humanidade, talvez esteja aí o ponto de início da pobreza no mundo.

No confronto das formações discursivas percebemos que a primeira caracteriza o discurso dos ricos, que veicula o progresso tecnológico e inquestionável, porque o novo tende a ser mitificado na sociedade capitalista; por sua vez, a segunda caracteriza o discurso dos pobres que aponta para uma realidade social que nos reporta para bem distante da modernidade, pois a miséria e a pobreza denunciam a situação de injustiça.

O confronto das formações discursivas resulta numa posição sujeito de um discurso de lamento, de dor, diante das disparidades sociais: “fere-nos muito saber que uns tem tanto, quando outros não têm nada ou quase nada”. Ao usar o verbo “fere-nos” com significado de cortar, machucar, o sujeito-aluno atribui à ação de ambos os grupos uma luta de classes. Para o sujeito discursivo, poder, aqui, significa ter, ou seja, o sujeito vale e é respeitado pelo que possui. É o efeito-autor, este efeito de sentido produzido por essa nova posição sujeito. Nesse caso, o sujeito-aluno revela sentidos com os quais ele não se identifica, ou seja, não se identifica com os saberes do grupo dos ricos nem com os saberes do grupo dos pobres, mas funda uma nova formação discursiva dominante: a dos saberes da desigualdade social. Na região do conflito entre os privilégios de um grupo e a desvalorização do outro ocorre o deslizamento do sentido e configura-se o sentimento de identidade do sujeito-aluno, que se superpõe à hibridação que constitui o sujeito, ou seja, a contradição existente entre os dois elementos da classe social - os dominantes e os dominados.

Coracini (2007, p. 225) afirma que “sabemos que o imaginário é o responsável pelo que se pode denominar sentimento de identidade ao qual se atribui a ilusão de unidade, de completude do sujeito”. Tratando da identidade do sujeito-aluno, ao mesmo tempo em que ele recebe a influência da instituição escolar, participa na construção da subjetividade, via imaginário. Essa subjetividade é sempre heterogênea, atravessada por outros discursos que formam o interdiscurso, que é a memória discursiva, a qual contribui na formação do imaginário do sujeito-aluno e, conseqüentemente, de identidade.

Na SD18 e SD19 é possível constatar a constituição de um imaginário determinado pelos lugares sociais ocupados pelos sujeitos.

#### SD18

Os índices de **racismo** estão crescendo [...], pois cada vez é mais comum presenciarmos cenas de **injustiças e desigualdades**. Certa noite, presenciei um **negro** na casa de meu vizinho, estava **alcoolizado** e **bateu** em uma janela de vidro. Meu vizinho abriu a porta e **atirou com uma arma de fogo** em direção a ele, achando ser um **ladrão**, por sorte não acertou. Em seguida, chamou a **polícia** que, ao chegar ao local, **bateram nele** com um cacete e **o jogaram** para dentro do carro e foram embora. [...] Embora as crianças sejam educadas pelos pais e na escola, elas **crecem vendo a desigualdade** e o **preconceito**. Assim, isso vai se tornando cada vez mais comum.

#### SD19

**Uma vez presenciei** uma cena no meu trabalho, no qual, a chefe de um setor acusou a sua auxiliar de roubo, sem ter certeza, **julgando-a** apenas por ser de **classe média baixa** e **negra**. [...] Dias após foi provado que a menina era inocente. [...] A sociedade costuma **julgar as pessoas pela cor** ou classe econômica social e não percebe que são seres humanos e como qualquer outra pessoa são capazes de administrar qualquer situação.

Antes de passar à análise, é importante observar a menção ao racismo nas duas sequências destacadas e é a marca, a forma de injustiça presente na maior parte dos textos produzidos pelos alunos do ensino universitário.

Iniciamos a análise nos reportando à origem da palavra “racismo”, que resulta da junção dos termos “raça” e “ismo”, tendo “raça” como radical. A palavra raça tem origem no latim *ratro*, que significa espécie; assim, raça é um grupo de indivíduos pertencentes a um tronco comum e que apresentam particularidades entre si, da mesma espécie. E “ismo” é um sufixo nominal que atribui ideia de qualidade, estado. Considerando sua origem, percebemos que o racismo é uma teoria que afirma a superioridade de uma raça em relação às outras; é o domínio de uma raça que reprime as consideradas inferiores.

A própria origem da palavra parece fazer referência à questão da identidade e da subjetividade. Há na palavra “racismo” um imaginário construído ideologicamente, que afeta o sujeito-aluno sem que ele se dê conta disso e coloca-o em lugares específicos de produção de sentidos. São as vozes coletivas e aceitas socialmente; os discursos históricos sobre a escravidão, sobre os negros, que eram presos, amarrados, maltratados, que ainda ecoam como constitutivos dos sujeitos nos recortes analisados.

Nas sequências discursivas em análise é possível identificar a constituição de um imaginário negativo relacionado ao negro. Na SD18: “presenciei um negro, na casa de meu vizinho, estava alcoolizado e bateu em uma janela de vidro. Meu vizinho abriu a porta e atirou com uma arma de fogo, achando ser um ladrão”. Na SD19 as marcas do imaginário negativo do negro são também identificadas no enunciado “presenciei uma cena, a auxiliar foi acusada de roubo, julgando-a apenas por ser de classe média baixa e negra”.

Há um sentido cristalizado nesses discursos dos sujeitos-alunos, os quais revelam a presença do preconceito racial da sociedade, inclusive da polícia, órgão cuja responsabilidade é zelar pela ordem e pela disciplina na sociedade. É o preconceito embutido nas atitudes da sociedade, assim como eram tratados os negros na época da escravidão. Talvez sejam essas vozes, esses discursos históricos e coletivos o ponto de início do preconceito racial, ainda presente em nossa sociedade hoje, apesar de ser considerada uma sociedade pós-moderna, de grandes avanços científicos e tecnológicos.

Ao finalizar seu discurso, o sujeito da SD18 não acredita que o racismo deixe de existir na humanidade. Ele reconhece a participação dos pais e da escola na educação da criança, ao mesmo tempo em que afirma: “enquanto as crianças presenciarem situações injustas na sociedade, a desigualdade e o preconceito vão se tornando cada vez mais comuns”. No mesmo enunciado é possível identificar a determinação do imaginário acerca da educação,



na medida em que o sujeito-aluno revela o possível sentido “educamos mais com o exemplo das nossas atitudes que com aquilo que dizemos”, ou seja, pouco adianta pais e professores educarem as crianças se elas crescem vendo as desigualdades e os preconceitos sociais.

Ao tratar dos diferentes movimentos identificatórios dos sujeitos discursivos, baseamo-nos no texto de Pêcheux *Semântica e discurso* (1995, p. 215), no qual o autor apresenta as diferentes modalidades das tomadas de posição do sujeito e que estão relacionadas com a constituição da sua identidade. Na sua constituição, o sujeito passa por diferentes processos de identificação que deixam espaços permitindo que sujeitos e sentidos sempre possam ser outros. Analisando o sujeito discursivo da SD18 e SD19 com base na teoria de Pêcheux, constatamos que os sujeitos discursivos das duas sequências apresentadas identificam-se com os saberes da formação discursiva dos direitos humanos e sua respectiva forma sujeito.

Conduzindo à conclusão da análise dessas sequências, encontramos o racismo atuando fortemente no imaginário coletivo da sociedade, o qual funciona como base da formação identitária do sujeito, tornando-se possível por meio dos movimentos identificatórios entre o sujeito e o outro, pois é necessário olhar para o outro como constitutivo e para a incompletude como uma ilusão. “O imaginário faz necessariamente parte do funcionamento da linguagem. Ele é eficaz. Ele não ‘brota’ do nada: assenta-se no modo como as relações sociais se inscrevem na história e são regidas, em uma sociedade como a nossa, por relações de poder.” (ORLANDI, 2001, p. 42 – grifo da autora).

Para a AD, as condições de produção também são fundamentais na constituição do discurso e do sujeito. Para analisar as condições de produção constitutivas do discurso destacamos sequências discursivas materializadas pelos alunos nas narrativas, identificando elementos presentes nos discursos produzidos que remetam às identidades construídas pelos próprios alunos por meio do que é dito e do modo como é dito.

SD20

Quem nunca passou por uma situação de **injustiça** alguma vez na vida, que **atire a primeira pedra**. Certa vez, entrei em **um estabelecimento comercial para perguntar o preço de um produto**. Ao me atender, a **vendedora** olhou-me de cima a baixo e não foi muito simpática. Acredito que o motivo pelo mau atendimento tenha sido o modo simples como estava vestida **na ocasião**.

O que leva o sujeito a usar a linguagem de maneira produtiva é a necessidade de produzir um discurso. Com o objetivo de atender a essa necessidade, o sujeito, afetado pelas condições de produção, não faz suas escolhas aleatoriamente, pois as condições de produção

funcionam de acordo com determinados fatores, entre os quais está o que chamamos de “relação de sentidos”. (ORLANDI, 2001, p. 39). A relação de sentido é a relação que um discurso mantém com outros discursos.

O sentido do discurso do sujeito-aluno da SD20 resulta da relação com outros discursos. Ele inicia seu discurso fazendo ao seu interlocutor uma pergunta indireta, a qual desliza para o sentido de que todas as pessoas já passaram por situações injustas. Confirma-se aqui a presença dos saberes do discurso jurídico, manifestado pela injustiça que permeia a sociedade atual. Entrelaçados ao discurso jurídico encontram-se os saberes da formação discursiva religiosa, representada pela paráfrase bíblica cristã da mulher adúltera - “quem nunca passou por uma situação de injustiça alguma vez na vida, que atire a primeira pedra” -, por ser a crença religiosa que nos faz acreditar que todos nós pecamos, assim como, de acordo com o sujeito discursivo, todos cometemos injustiças. Na relação dos sentidos ainda constatamos a presença do discurso comercial, que pode ser identificado no enunciado “em um estabelecimento comercial para perguntar o preço de um produto” e em “vendedora que não foi muito simpática”, comprovando também a existência do discurso logicamente estabilizado, de que, para ser vendedora, tem de ser simpática.

No final do discurso confirma-se a presença dos saberes da formação discursiva capitalista: “acredito que o motivo pelo mau atendimento tenha sido o modo simples como estava vestida na ocasião”. Há um sentido revelado: de que somente as pessoas que se vestem bem são bem atendidas, bem aceitas pela sociedade. É o sujeito capitalista que vale pelo que veste. Contudo, vestir-se mal é coisa do passado desse sujeito, que foi injustiçado pelo modo simples como se vestia “na ocasião”, ou seja, naquele momento. Hoje, veste-se bem e não será mais injustiçado pelo modo de vestir.

Juntamente com as relações de sentido, onde um dizer tem relação com outros dizeres realizados, imaginados, possíveis, Orlandi (2001, p. 39) diz que, no “mecanismo da antecipação, todo sujeito tem a capacidade de experimentar, ou melhor, de colocar-se no lugar em que o seu interlocutor ‘ouve’ suas palavras.” O sujeito antecipa o sentido que suas palavras produzem.

SD21

**Certamente** todos já foram **vítimas** ou presenciaram algum tipo de injustiça, mas, talvez, **muitos não se dão conta do que isso representa na pessoa atingida**. Há onze anos atrás, minha **mãe nos abandonou**. Eu e meu irmão **éramos crianças** e quem nos assumiu foi meu pai. Passamos muitas dificuldades, não financeiras, mas afetivas. Tivemos que cuidar de nós mesmos, não esperávamos ficar sem ela, que era o nosso alicerce. [...] acredito que injustiça vai ser sempre injustiça, mas há certas que, mesmo que nos façam sofrer, nos ajudam a crescer [...] outras vezes, **são abertas feridas que nunca mais cicatrizam**.

Deparamo-nos na SD21 com um sujeito que dirige o processo de comunicação, visando aos efeitos desejados sobre o interlocutor - “muitos não se dão conta do que isso representa na pessoa atingida”. Com a afirmação, o sujeito antecipa determinada imagem do interlocutor sobre o sujeito enunciativo: a de que ele sabe o que representa uma injustiça para a vítima. Ainda podemos perceber o sentido de antecipação na expressão “éramos crianças”, com a qual o sujeito antecipa o sofrimento vivido em razão do abandono da mãe.

Ao escrever, o sujeito discursivo individualiza-se e revela o que conseguiu articular com seus conhecimentos sobre a experiência de ser vítima de uma injustiça: a do abandono da mãe quando ainda era criança. É por meio da escrita que o sujeito se mostra como vítima da injustiça e, conforme Foucault (1985, p. 61), confessa-se, revela a verdade até então escondida, mas que se manifesta pela escritura.

A noção da relação de forças também é constitutiva das condições de produção. Assim, o sujeito-aluno da SD21 fala do lugar de filho que foi abandonado pela mãe; fala do lugar de criança que sofreu a falta de amor da mãe. Fala, portanto, do lugar de um sujeito que viveu a injustiça, uma injustiça que “abriu ferida e nunca mais cicatrizou”.

Resta acrescentar que todos os mecanismos que entram em funcionamento no discurso repousam nas formações imaginárias. Assim, o que funciona no discurso são as imagens que resultam de projeções que permitem passar de lugares dos sujeitos para as posições dos sujeitos no discurso.

Partindo do quadro proposto por Pêcheux (1993, p. 83) sobre o jogo de imagens que se estabelece entre os protagonistas do discurso, podemos identificar as diferentes posições, considerando os interlocutores do discurso. É o mecanismo imaginário que produz as imagens dos interlocutores, assim como do próprio discurso, dentro de uma conjuntura sócio-histórica. Temos, assim, a imagem da posição sujeito locutor de si mesmo, ou seja, a imagem que o sujeito tem de aluno universitário e de filho abandonado pela mãe. Quem sou eu para lhe falar assim? Há um sujeito que se identifica com os saberes da formação discursiva jurídica pelo fato de ter sido vítima da injustiça.

Uma segunda imagem é a que tem o locutor do seu interlocutor. Quem é ele para que eu lhe fale assim? Que imagem o sujeito-aluno faz do seu interlocutor, no caso em análise, do seu professor universitário, a quem ele escreve o texto e a quem deve consideração e respeito?

Uma terceira imagem é a que o locutor tem do referente, daquilo que ele fala; como também a imagem que o interlocutor tem daquilo que o locutor fala. É a imagem que cada um, sujeito-aluno e professor universitário, faz um do discurso do outro. É por intermédio desse mecanismo simbólico que o sujeito vai ajustando seu dizer de acordo com seus

interesses, trabalhando no texto o jogo de imagens. O sujeito fala de um lugar determinado, filho vítima de uma injustiça, lugar que regula todo o seu dizer.

Encaminhando à conclusão das análises desse recorte sobre injustiça, podemos dizer que é o imaginário do aluno que faz parte da constituição do discurso. A imagem que temos do sujeito-aluno constituiu-se no confronto do simbólico com o político, num processo que liga o discurso à instituição escolar. É desse modo que acreditamos que o sujeito-aluno da SD21 disse o que disse por que foi vítima da injustiça. É na relação com as condições de produção que esse sentido é produzido, não no dizer em si mesmo.

A identificação imaginária do sujeito-aluno com os saberes da formação discursiva religiosa e jurídica ocorre mesmo que inconscientemente, pois o aluno identifica-se com as imagens que elas representam e nelas o sujeito-aluno se reconhece.

Neste mesmo grupo, as análises permitem-nos apontar a contradição existente entre as classes dos ricos e dos pobres, apontando para o desejo de justiça social, ao mesmo tempo em que deslizam sentidos que mostram o preconceito relacionado ao negro e ao pobre.

Todos esses movimentos de identificação do sujeito-aluno com os diferentes saberes, são compreendidos como um processo nunca acabado, o que nos permite dizer que há sempre uma falta, uma busca ilusória de totalidade, de ajuste completo.

### **4.3.3 O outro na constituição da identidade do sujeito**

Neste terceiro e último recorte apresentamos a análise de nove SDs selecionadas da narrativa de si dos sujeitos-alunos sobre o tema “espelho”. Como os recortes anteriores, este também se compõe de dois grupos: no Grupo I apresentamos a análise de três SDs de alunos do ensino médio; no Grupo II, trazemos a análise de seis SDs de alunos do ensino universitário. Perseguindo nosso objeto de estudo, a escrita do sujeito-aluno na constituição de sua identidade, retomamos questões relativas às condições de produção e à formação discursiva predominante no processo de identificação do sujeito. Centramos a análise deste recorte na questão da autoria, na imagem do outro na constituição da identidade do sujeito e na singularização no processo de constituição dos sujeitos e dos sentidos.

#### **4.3.3.1 Sequências discursivas do ensino médio – Grupo I**

O sentido não existe em si mesmo. É preciso referi-lo às suas condições de produção, que o determinarão pelas posições ideológicas colocadas em jogo no processo sócio-histórico

em que as palavras são produzidas, pois elas mudam de sentido de acordo com as posições de quem as emprega.

Na sociedade há relações de classe que implicam certas posições políticas e ideológicas, que, por sua vez, incluem formações discursivas, as quais Pêcheux define como “aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determinada pelo estado da luta de classes, determina *o que pode e deve ser dito*”. (PÊCHEUX, 1995, p. 160 – grifo do autor). São as formações discursivas interatuantes que determinam o discurso, considerando as posições na conjuntura social. É por meio das formações discursivas que podemos reconhecer nos textos o cruzamento de vários discursos e, ao mesmo tempo, a predominância de um, conforme podemos identificar na SD22.

#### SD22

Não há muito tempo, quando estava andando por salas de **uma antiga construção, deparei-me com um enorme espelho**. Ele era imenso, **com uma moldura ébano, talhada cuidadosamente**. Mas o que mais chamou minha atenção foi a **imagem que vi: eu**. [...] Aqueles olhos, meio azuis, meio verdes pareciam tão... desesperados! Então comecei a refletir o que havia por trás daquele olhar. O que essa **garota** estaria pensando? O que **EU** estava pensando? Quais seriam os planos e segredos **dela, meus?** [...] Aquele espelho refletia uma “**guria**” confusa, imersa em seus próprios pensamentos, concentrada em seus problemas e esperanças para o futuro. Não sei quanto tempo fiquei ali, mas para mim pareceu uma eternidade. E saí daquele lugar, naquele dia, com uma certeza: **aquela menina alta, de olhos claros e confusa, nunca mais seria a mesma**.

O sujeito-aluno, por ser social e histórico, tem seu ato comunicativo diretamente ligado à situação de enunciação e “determinado pelas posições ideológicas que estão em jogo no processo sócio-histórico” (PÊCHEUX, 1995, p. 160). O discurso do sujeito-aluno depende do lugar donde o ato foi enunciado. No caso do sujeito da SD22, o ato discursivo foi enunciado do lugar de aluno, que pertence a uma instituição escolar regida por leis, por normas e que tem a responsabilidade de educar, de transformar o sujeito e prepará-lo para o futuro. Encontramos essa evidência ideológica no enunciado “e saí daquele lugar naquele dia com uma certeza: aquela menina alta, de olhos claros e confusa, nunca mais seria a mesma”.

Esse mesmo sentido, o de que o discurso do sujeito depende do lugar donde o ato foi enunciado, pode ser identificado na narrativa, pois o sujeito-aluno inscreve-se no enunciado da proposta de produção textual. Ele escreve do lugar de aluno e para o professor, portanto atendendo à proposta solicitada. Na materialização de seu discurso, o sujeito da SD22 traz uma ficção que cria sobre as experiências, já que escrever é sempre-já uma interpretação, uma ficção. “Falar sobre si é, de algum modo, criar (construir) uma história, uma narrativa, uma ficção que se torna pela discursividade uma verdade, melhor dizendo, uma realidade.” (CORACINI, 2007, p. 117).

O sujeito discursivo relata um passeio “numa antiga construção”, na qual se depara com “um espelho, com uma bela moldura ébano, talhada cuidadosamente”. É importante destacar o local em que o sujeito-aluno faz seu passeio “numa antiga construção”, o qual nos permite atribuir um sentido de valorização ao patrimônio histórico, associado a conhecimentos adquiridos na escola; também a “bela moldura ébano, talhada cuidadosamente no espelho”, permite-nos associar esse conhecimento ao formal, construído na escola e relacionado à arte, à cultura.

O sujeito discursivo situa o seu passeio num passado não muito distante, “não há muito tempo”. Por ser aluno do ensino médio, a passagem narrada situa a adolescência, fase em que o adolescente busca a autoafirmação. Ao olhar-se no espelho, o sujeito está em busca de si mesmo, do seu eu desconhecido. O que mais despertou a atenção do sujeito não foi o espelho, mas a imagem refletida no espelho, como se nunca a tivesse visto, a ponto de causar-lhe um estranhamento em relação à própria imagem, intensificado pelo advérbio “tão” no enunciado “aqueles olhos [...] pareciam tão... desesperados”. Ainda, ao usar as reticências o sujeito marca a presença de uma ausência anunciada, a qual poderia ser um estranhamento ainda mais intensificado. A escrita mostra como esse sujeito se vê ao falar do outro refletido no espelho.

É interessante notar também que a fase da adolescência emerge no enunciado “então comecei a refletir o que havia por trás daquele olhar”. Essa afirmação do sujeito-aluno permite-nos a construção do sentido de que somente ao ver a própria imagem refletida no espelho ele acordou para a vida, passou a pensar, a procurar-se por trás do próprio olhar.

De fato, a fascinação do espelho está na reprodução dos seres em várias dimensões e perspectivas. O outro do espelho é um ser semelhante ao original, mas silencioso, misterioso. As imagens refletidas no espelho do sujeito-aluno oscilam entre vários *eus/outros*, como revelam as marcas “essa garota” e “aquela menina”, marcas de um sujeito contraditório. Ao qualificar-se de “essa garota”, possibilita construir o sentido de que o sujeito cresceu, é jovem; ao passo que “aquela menina” estabelece o sentido de um tempo distante. O sujeito era menina até se ver na imagem refletida no espelho.

Referindo-nos novamente à SD22, constatamos que o sujeito-autor, ao escrever, realiza gestos de interpretação, singulariza-se ao falar do/sobre o outro; o outro do espelho é constitutivo do sujeito e de seus sentidos - “Aquele espelho refletia uma “guria” confusa, imersa em seus próprios pensamentos, concentrada em seus problemas e esperanças no futuro”. Essas marcas que o sujeito vem deixando em seu texto constituem-se em marcas de singularidade. É no jogo entre o *eu/outro* do espelho que este sujeito discursivo descobre a

relação entre o *eu/mundo*. No espelho cruzam-se os olhares provenientes de experiências do outro, que se entrelaçam numa rede de valores, ideologias, culturas, os quais permitem ao sujeito ver o mundo de determinada maneira, ou seja, ver um mundo de inseguranças, desestabilizado pela mudança de fase em sua vida, que passa de criança para adolescente.

Para concluir a análise da SD22 retomamos o enunciado “aquele espelho refletia uma “guria” confusa, imersa em seus próprios pensamentos, concentrada em seus problemas e esperanças para o futuro”. Novamente identificamos um sentido que aponta para o lugar do qual o sujeito está falando, o lugar de aluno, que tem de produzir um texto organizado, em que enunciados, inter-relacionados, formem um todo significativo. Mesmo assim, o sujeito-aluno utiliza uma expressão regional “guria”, que marca uma identidade representada na língua. É um rompimento que representa uma forma de resistência do sujeito.

Um efeito de rompimento no discurso também podemos encontrar na SD23.

SD23

**Em um dia como outro qualquer**, estava arrumando minhas coisas, quando ergui o olhar e deparei-me com um espelho. [...] Enquanto estava admirando a imagem, vi o quanto ela era perfeita, **imitava muito bem meu perfil físico, cada traço, linha, fio de cabelo... tudo igual, sem perder também os defeitos do “copiado”**. Mas [...] não consegui mostrar meu **lado interno**, ou seja, como sou como **pessoa, meu modo de agir, pensar**. [...] Desviei meu olhar do espelho e lembrei-me de uma frase de um autor desconhecido e que trata exatamente da relação que fiz do espelho: “**Seja você, apenas você, não seja um ninguém que procura outro alguém.**” E voltei aos meus afazeres.

Inicialmente, chama-nos a atenção o enunciado que introduz o texto “em um dia como outro qualquer”, o qual remete ao sentido de que, mesmo que seja uma lembrança, o dia não é interessante. O sujeito discursivo provoca um rompimento na estrutura das narrativas tradicionais dos contos de fadas, ao mesmo tempo em que se reporta à infância, tempo que o enunciadador compartilha com o leitor. Iniciando dessa forma, o sujeito discursivo introduz seu texto como se fosse escrever um conto de fadas, uma aventura, uma imitação da vida, assim como o espelho, objeto que fascina porque retrata o outro, imita a vida.

Esse é o efeito da memória discursiva e pode ainda ser notado na conclusão do texto, quando o sujeito retoma o efeito apresentado no início ao citar palavras de um autor que ilustram a comparação feita no texto: “seja você, apenas você, não seja um ninguém que procura outro alguém.” O enunciado remete o leitor a um contexto histórico literário, assim como no início, quando emerge o sentido dos contos literários infantis.

O sujeito discursivo da sequência em análise atribui ao espelho certa fascinação, por ser um objeto capaz de reproduzir uma imagem perfeita, como “perfil físico, cada traço, linha, fio de cabelo, tudo igual, sem perder também os defeitos do “copiado”. No entanto, esse

fenômeno que duplica os seres, que mostra com perfeição o lado externo do sujeito, não consegue mostrar o lado interno, comprovado pelo uso do conector “mas”, ao introduzir a declaração “mas [...] não conseguiu mostrar meu lado interno”, afirmação que aponta para o efeito de sentido de que o interior é profundo, por isso o espelho não consegue copiar. O que está refletido no espelho é uma ilusão do que é real para o sujeito, já que mostra apenas externamente. O lado interno tem um sentido que vai além do espelho, é incompreensível e o espelho não pode oferecer.

O mesmo efeito de sentido de incapacidade de reproduzir a imagem interna do sujeito ainda pode ser identificado na declaração referida à imagem externa do sujeito quando escreve “imitava muito bem meu perfil físico, cada traço, linha, fio de cabelo, ... tudo igual, sem perder também os defeitos do ‘copiado’”. Ao grafar “copiado” entre aspas, ele aponta para um deslizamento de sentido de que o espelho não copia o interior do sujeito e o que mostra é apenas uma ilusão. O sujeito, no entanto, ao usar as reticências na descrição da imagem externa, reafirma a eficácia do espelho ao refletir a imagem, o duplo - eu/outro. Representa o jogo do espelho: reproduz o externo, mas não o interno.

Ainda na SD23 é possível afirmar que há um movimento de resistência do sujeito, numa tentativa de fugir da padronização social que valoriza a aparência física, a ilusão da completude, ao mesmo em tempo que se manifesta favorável à valorização do modo de ser, de agir e de pensar, ou seja, os valores internos do ser humano. É uma verdade determinada pela sociedade, que o outro quer que o sujeito-aluno seja. No entanto, é uma verdade supostamente negada pelo sujeito, já que ele não segue as determinações sociais, valorizando mais o interior que o exterior.

Ao fazer esse movimento, o sujeito-aluno busca constituir sua identidade, a qual vai sendo tecida a partir da memória, que emerge em determinados momentos, sempre lembrando que em cada nova emergência pode ocorrer a produção de um novo sentido. Apesar de muitas vezes parecerem inalterados, os sentidos que percebemos nos dizeres estão sujeitos a deslocamentos, pois somente com a ideologia o indivíduo se torna sujeito com identidades.

Assim, a identidade que é construída na prática discursiva da escola resulta de uma relação entre o discurso e a história; por isso, a identidade não é algo definido e acabado. O que ocorre são práticas de subjetivação que produzem identidades em constantes movimentos.

Para Orlandi (2002, p. 204), o movimento de identificação do sujeito dá-se na articulação entre unidade e dispersão, efeitos que permitem que o sujeito se desloque em distintas posições, as quais resultam dos processos de identificação, desidentificação ou



contraidentificação do sujeito com determinada formação discursiva. Vejamos esse processo na SD24, recortada da narrativa do sujeito-aluno e trazida para análise.

SD24

Num certo dia, ao me deparar em frente ao espelho, comecei a **vigiar** meu pensamento e ao olhar-me no espelho por um instante **pensei qual é a verdadeira importância do espelho**. Esse objeto é um tanto **intrigante** porque **é capaz de despertar várias emoções nos seres humanos**. Eu, por exemplo, ao me olhar no espelho **começo a rir sem parar**, outras pessoas **começam a falar consigo mesmas**, também há aqueles que **chutam o pobre como se estivessem lutando artes marciais**.

O sujeito discursivo da SD24 mostra-se um sujeito fragmentado, que procura vigiar seus pensamentos, como se pudesse controlá-los frente ao espelho, sentido que pode ser constituído no enunciado “comecei a vigiar meu pensamento”. Na sequência, no enunciado “pensei qual é a verdadeira importância do espelho” encontramos a possibilidade de sentido que aponta para a dispersão de sujeitos e de sentidos. A incompletude do sujeito discursivo leva a que ele encontre, pelo autoquestionamento, respostas para as suas dúvidas, entre as quais a importância do espelho.

Os movimentos do sujeito e os efeitos aqui identificados somente acontecem porque há um sujeito afetado pelo inconsciente que em alguns momentos se identifica com os que começam a rir em frente ao espelho. Essa identificação do sujeito, possivelmente, é marcada pela fase em que se encontra: é estudante do ensino médio, portanto adolescente, fase da alegria. Nos movimentos discursivos do sujeito ainda observamos momentos em que ele se desidentifica com os saberes dos sujeitos que, diante do espelho falam com eles mesmos e com os que chutam o espelho como se estivessem praticando artes marciais.

É importante que seja destacada a característica atribuída pelo sujeito da SD24 ao seu espelho como um objeto um tanto “intrigante”. Ser intrigante é uma característica que nos remete ao sentido de ser um objeto que provoca curiosidade, que causa confusão no pensamento, tendo como consequência diferentes posições do sujeito, que podemos confirmar pelo enunciado “é capaz de despertar várias emoções nos seres humanos”. O uso do pronome indefinido “várias” aponta para as diferentes posições que os sujeitos assumem diante do espelho, pois alguns começam a rir, outros falam consigo mesmos e ainda há os que chutam o espelho.

Novamente, na SD24 “eu, por exemplo, ao me olhar no espelho começo a rir sem parar”, há na afirmação um sujeito-aluno que busca, por meio da escrita, uma singularidade própria, diretamente ligada à constituição de identidade. O sujeito-aluno, ao escrever o

enunciado “também há aqueles que chutam o pobre como se estivessem lutando artes marciais”, como conclusivo do seu texto, por meio da memória, presenteia seu leitor com um novo contexto histórico, ou seja, enunciados tomados de empréstimo de outros campos discursivos, no caso “chutam”, do futebol, e “lutando artes marciais”, do campo discursivo do esporte. Há um estreito relacionamento entre os verbos “chutar” e “lutar”. O futebol, como jogo, carrega a marca da disputa, da luta, como no enunciado.

Na perspectiva discursiva, ao se pensar nos processos de identificação, é preciso que haja diferenças para haver unidade. Assim, em “chutam o pobre” ao se referir ao espelho como “o pobre”, enuncia-se um novo sentido, ou seja, a dispersão, efeitos constitutivos do processo de identificação do sujeito-aluno. Reconhecer e investir no diferente faz parte do movimento de identidade do sujeito. Os processos de identificação são construídos com o sujeito pela sua inserção em diferentes formações discursivas. É um movimento inconsciente e o sujeito não percebe que está se constituindo, por meio dos mecanismos ideológicos que produzem os sentidos. É por isso que os sujeitos se identificam com umas ideias, mas não com outras, porque elas fazem parte da memória dos sentidos que são construídas a partir da relação entre sujeito e linguagem.

Na tentativa de produzir um efeito conclusivo, as análises deste grupo que tratam do tema “espelho” permitem-nos apontar que o sujeito-aluno vivencia um processo de estranhamento, ao mesmo tempo em que revela alto grau de imbricamento de imagens entre o eu e o outro, o interior e o exterior. No espelho cruzam-se os olhares que provêm de experiências do outro, os quais se entrelaçam numa rede de valores ideológicos que permitem ao sujeito-aluno olhar o mundo com insegurança, desestabilizado pela realidade em que se encontra.

Outro conflito pode ser identificado pelo sujeito com relação à imagem, a partir do ponto de ruptura no fio de valorização das imagens, privilegiando a imagem interior. Ele se desidentifica com todos os demais que valorizam o exterior e singulariza-se, ao valorizar o interior do sujeito; ao se identificar com esse saber, o sujeito-aluno o faz determinado pelo lugar social que ocupa, lugar social que vai construindo sua identidade. A identidade do sujeito sempre em transformação vai provocando uma perturbação identitária, efeito dos diferentes mundos que o habitam. É o duplo, a alteridade-estranheza, que está sempre em jogo na constituição desse sujeito, na mudança de sua identidade.

#### 4.3.3.2 Sequências discursivas do ensino universitário – Grupo II

A identidade, por ser um movimento na história, aponta para a constituição do sujeito e do sentido também como processo de identificação do sujeito-aluno. Os sentidos não se constituem independentemente do sujeito, pois os mecanismos que constituem o sentido são também os que constituem os sujeitos. O sujeito-aluno, ao se apropriar da linguagem, não realiza um movimento individual, mas social, pois na linguagem está refletido o modo de apropriação do sujeito, ou seja, sua interpelação pela ideologia. O sujeito, ao reproduzir a linguagem, também se reproduz nela.

Vejam os esse funcionamento do discurso e do sujeito na análise da SD25, recortada com esse objetivo.

##### SD25

**Ah... esse espelho.** [...] Me acompanha **há muitas primaveras**. Tantas vezes me observei nele, **porém...** nunca me vi. Me aproximei dele e, como alguém que vê algo pela primeira vez, passei a observá-lo. A primeira coisa que me **chama atenção são meus olhos... estou envelhecendo**. [...] Olho então para o espelho, não para o que ele reflete. Salvo uma descascadinha da pintura aqui, outra ali... **ele permanece igual. Eu... quanta diferença!** [...] Começo a **divagar...** Quem é essa estranha que me observa de volta? Que olhar triste. Sou triste assim ou é coisa do espelho? Ele parece estar querendo mostrar minha alma... fecho os olhos. Me apavoro! Não quero ver o que trago por dentro, eu sinto... e isso me basta! ... ele **parece continuar querendo me mostrar alguma coisa**. Algo que **ignoro** [...] ou **faço questão de não ver**. [...] O telefone toca e me **arranca do devaneio**. [...] Mas a minha ‘conversa’ com o espelho não acabou. Ainda vou entender o que **ele quis me dizer**. Ou talvez... **o que EU quis me dizer**. Um dia, um outro dia...

Como temos a finalidade de analisar questões relativas à ideologia na constituição do sentido e do sujeito, trazemos Pêcheux (1995, p. 154) o qual afirma que “a questão da *constituição do sentido* junta-se à da *constituição do sujeito*, e não de um modo marginal [...] mas no interior da própria ‘tese central’, na figura da *interpelação*.” (grifo do autor). Vejam os de que modo a ideologia recruta o sujeito-aluno, ou seja, de que modo o sujeito-aluno recebe como evidente o sentido do que escreve.

No enunciado “ah... esse espelho” o sujeito-aluno desloca o sentido para um efeito de naturalidade, de espontaneidade, como se fosse normal falar de si no meio acadêmico, e aponta para a dispersão ao escrever a interjeição “ah”, seguida das reticências. Há dispersão do sujeito e dos sentidos, os quais tanto podem expressar admiração, como dúvida, desejo. Podemos notar também a multiplicidade de sentidos no enunciado “me acompanha há muitas primaveras”. A palavra “primaveras”, tomada de empréstimo das estações do ano, aponta para os anos de vida do sujeito, que já são muitos. O sujeito-aluno antecipa ao leitor a passagem do

tempo, a idade, comprovada, no decorrer do texto, pela expressão “estou envelhecendo”. Pelo mecanismo de antecipação, o sujeito tem a capacidade de colocar-se no lugar de seu interlocutor; ele se antecipa ao seu interlocutor quanto ao sentido que suas palavras produzem. (ORLANDI, 2001, p. 39).

Podemos perceber que há no discurso deste sujeito um questionamento que aponta para um movimento identificatório ao afirmar “tantas vezes me observei nele, porém... nunca me vi”. Ao se aproximar do espelho, o que mais lhe chama a atenção são os olhos, por representarem um meio importante na troca de comunicações, representam a realidade impossível de ser controlada. As reticências também abrem para um novo sentido: o de que as outras partes do rosto também estão envelhecendo.

Há uma reflexão que o sujeito elabora sobre a passagem do tempo quando passa a observar o espelho, não a imagem nele refletida, mas o próprio objeto que tem como função reproduzir os seres. Ele constrói sentido de que as pessoas envelhecem mais rápido que os objetos, conforme expressa o enunciado “salvo uma descascadinha na pintura aqui, outra ali... ele permanece igual. Eu... quanta diferença!” Por isso, o uso da interjeição manifestando o sentimento de espanto. O outro, mesmo que refletido no espelho, é constitutivo de sua identidade e é elemento de identificação.

Da mesma forma, a expressão “começo a divagar...” remete à incerteza. O sujeito já não sabe mais se está vivendo uma fantasia ou uma realidade; inclusive, questiona-se sobre “a estranha que me observa de volta ao espelho” e a tristeza revelada pela imagem “sou triste assim ou é coisa do espelho”? São enunciados que novamente apontam para a dispersão do sujeito e do sentido, os quais deslizam para um novo efeito, o de que o seu interior é que é triste, não o seu rosto; sentido que podemos identificar em “ele parece estar querendo mostrar minha alma”. Mas o sujeito não quer revelar o que traz por dentro; o que traz por dentro basta-se sentindo, vivendo.

Observamos que o sujeito encontra traços de si na imagem do espelho, que insiste em mostrar “alguma coisa”, algo que pertence à alma, que faz o sujeito sofrer, mas que ele ignora ou não faz questão de ver. Aqui o sujeito realiza um apagamento, pois assume querer manter desconhecido o seu interior.

Cabe enfatizar a presença do verbo “arrancar” em “o telefone toca e me arranca do devaneio”, revelando o grau de imbricamento dessas identidades: a do sujeito que escreve e a do sujeito refletido no espelho. É como se estivesse invadindo esse encontro entre os sujeitos. No lugar do verbo “arrancar” o sujeito poderia ter usado o verbo “tirar” ou “sair”, mas, inconscientemente, preferiu usá-lo, apontando para o sentido de que o sujeito foi tirado à

força do devaneio em que vivia, pelo toque do telefone, mesmo contra a sua vontade, que era a de continuar divagando, fantasiando. Esse sentido se mostra reforçado pela presença da conjunção “mas”, que estabelece a idéia de adversidade: “mas a minha “conversa” com o espelho não acabou”. O sujeito revela que, posteriormente, essa conversa seria retomada para o entendimento entre o sujeito locutor e o sujeito refletido no espelho. Por esse enunciado podemos novamente constatar o grau de imbricamento entre as identidades, a do sujeito que escreve e a do sujeito no espelho.

Fechando as análises da SD25 é possível reconhecer que o sujeito e o sentido se constituem ao mesmo tempo por meio do jogo discursivo que envolve o sujeito. São identificações, silenciamentos, dispersões que mostram a falta de controle que o sujeito tem sobre si mesmo e sobre os sentidos. É no movimento dos sentidos que se configuram a subjetividade e a identidade do sujeito, como também “sujeito e sentido se configuram ao mesmo tempo e é nisto que consistem os processos de identificação”. (ORLANDI, 2002, p. 205).

É por meio desses movimentos que construímos nossa identidade, como sujeitos de um determinado discurso, a qual nos constitui na relação com o outro e está sempre em processo de construção. A identidade não se aprende, constrói-se. Orlandi, afirma que “nos filiamos a redes de sentidos, nos identificamos com processos de significação e nos constituímos como posições de sujeitos, relativas às formações discursivas, em face das quais os sentidos fazem sentidos”. (2002, p. 206). O sujeito não tem acesso à origem dos sentidos, mas por meio da ideologia situa-se na origem, tendo, assim, a impressão de que os sentidos se originam no sujeito, conforme podemos constatar na SD que segue.

#### SD26

[...] **Todos** nós temos nossos momentos secretos de nos “**olhar no espelho**”, sorrir, fazer caras engraçadas e se conhecer. Mas também há um **outro “espelho secreto”, o invisível, mas muito mais presente na minha vida** que é a imagem, ou seja, o que muitas pessoas chamam de “**auto-imagem**”. [...] Mas **certamente** essa imagem que vamos gravando na nossa mente **não é tão perfeita** como a imagem do espelho. Ao mesmo tempo em que vamos percebendo que **somos uma pessoa única e diferente dos outros**, a opinião que fazemos ao nosso respeito e tudo o que nos é comunicado (através de palavras, gestos, olhares e até do silêncio) vão influenciando o “modo” como **eles nos vêem**, *gerando emoções positivas e negativas* a nosso próprio respeito e **modelando toda a nossa percepção da realidade**.

O sujeito da SD26, inscrito na posição de aluno do curso universitário, identifica-se com todos os demais sujeitos ao fazer referência às ocasiões em que todos têm seus momentos secretos de se olhar no espelho, os quais são de prazer, pois diante do espelho o sujeito consegue se conhecer.

O sujeito-aluno apresenta um outro “espelho secreto, invisível”, com o qual também se identifica, com o outro do espelho. Porém, esse outro “é muito mais presente na minha vida”, ou seja, o sujeito realiza um movimento de individualização. Desidentifica-se com todos os demais sujeitos, os que valorizam a aparência externa, para posicionar-se individualmente, valorizando o espelho interior, ou seja, o que muitas pessoas chamam de “autoimagem”. Ao se identificar com esse saber, o sujeito está determinado por um lugar social que vai constituindo sua identidade.

É interessante observar que há na SD26 uma formação discursiva heterogênea, constituída por diferentes discursos. O mesmo tema “imagem”, ao ser colocado em evidência, passa a ser um objeto de conflito, em face das diferentes posições ocupadas por sujeitos: todos valorizam a imagem externa; a interna, é valorizada somente pelo sujeito discursivo. Na formação discursiva em análise percebemos que há uma dispersão de valores históricos relacionados ao conceito de imagem, a qual se caracteriza pela incompletude do sujeito.

Para melhor compreender as posições do sujeito-aluno, podemos considerar o lexema “imagem”. Empregada pelos profissionais que atuam no ramo da estética, a imagem exterior é a valorizada, é a que se relaciona ao sentimento do belo, da elegância. Em contrapartida, considerando-se o mesmo lexema, mas empregado pelos profissionais da área da saúde, do comportamento humano e do bem-estar, vemos que a imagem interna é a que prevalece, é a que está no centro do ser humano. “Assim se dá o processo de produção dos sentidos, de forma a que o sujeito-leitor se apodere e intervenha no legível (o repetível).” (ORLANDI, 2006a, p. 114).

Dando continuidade à análise da SD26 no que se refere à constituição de sentidos, trazemos Pêcheux (1995, p. 162), que afirma ser o imaginário que interpela o indivíduo em sujeito de seu discurso, pois é pelas vias do imaginário que o sujeito constitui uma relação com a realidade. É esse efeito ideológico que conduz o sujeito a se colocar na origem dos sentidos, conforme podemos observar no enunciado “mas certamente essa imagem que vamos gravando na nossa mente não é tão perfeita como a imagem do espelho”. O efeito aqui produzido é o de que aquilo que o sujeito disse nunca antes foi dito por outro sujeito. Cabe também observar que o efeito de sentido está intensificado pelo uso do advérbio “certamente”, atribuindo ao discurso a ideia de certeza, a qual não permite ao leitor que duvide de que essas palavras tenham sido ditas por outros sujeitos, em outras épocas e em outras condições de produção.

Os traços deste sujeito-aluno estão reinscritos no próprio discurso e marcam um sujeito que se identifica com a valorização da imagem interna, ao mesmo tempo em que

manifesta que a autoimagem que vamos construindo no nosso interior não é tão perfeita quanto à imagem do espelho. A perfeição da imagem do espelho é também representada pelo adjetivo “perfeita” e intensificada pelo advérbio “tão”.

É por meio da identificação do sujeito-aluno da SD26 com todos os que se olham no espelho e, posteriormente, da desidentificação, marcada pela individualização dos que privilegiam a imagem interior, que podemos entender que é por meio desses movimentos que o sujeito discursivo vai constituindo sua identidade, pois estamos diante de processos de identificação que compreendem em sua constituição as representações das imagens que os interlocutores fazem no discurso.

No processo de constituição dos sentidos cabe ressaltar que o sujeito da SD 26 realiza um novo movimento de identificação por meio do enunciado “ao mesmo tempo em que vamos percebendo que somos uma pessoa única e diferente dos outros”. Ao usar os verbos na primeira pessoa do plural - “vamos” e “somos” - o sujeito inclui-se com todos, ao mesmo tempo em que afirma ser a imagem que o outro tem sobre o sujeito responsável pelo sentimento de identidade. “As palavras, os gestos, os olhares e até o silêncio” todos significam e constituem o sujeito. Segundo o sujeito-aluno, é o olhar do outro que gera no sujeito discursivo diferentes emoções, tanto positivas como negativas, as quais “vão modelando toda a nossa percepção da realidade”, definindo e constituindo a identidade. A identidade se constrói no imaginário, nas identificações imaginárias construídas pelo outro.

Como vimos, os sentidos e os sujeitos estão sempre em processo de constituição. Dessa forma, é necessário também conceber a identidade “como instável, sempre em movimento, heterogênea e conflituosa, ou melhor, como ilusão ou ‘sentimento’ de totalidade que torna presente o que está ausente e temporalmente adiado”. (CORACINI, 2007, p. 198).

Considerando a constituição identitária, é este sempre um processo em construção, que considera os saberes que compõem a história do sujeito, porque, como sujeitos sociais, os alunos são interpelados a assumir diferentes lugares: de alunos, de filhos, de educadores, de pesquisadores, de amigos. Quando o sujeito fala na posição de aluno, é a posição de aluno que significa, e isso lhe dá identidade. Todas as posições assumidas são constitutivas do sujeito, do discurso e da identidade.

As relações que o sujeito discursivo constitui dentro da sua história, mesmo que de forma desconhecida, fazem parte da relação entre a língua e a identidade, conforme podemos observar na SD27.

SD27

Segundo Machado de Assis, cada indivíduo carrega **duas almas, uma que olha de dentro para fora e outra que olha de fora para dentro**. Quando olhamos para um espelho, freqüentemente tentamos analisar nossos defeitos físicos, porém o **espelho jamais refletirá a alma interior** que todo ser carrega como sendo sua essência. Quando nos deparamos defronte a um espelho nos perguntamos: **Quem somos? O que almejamos?** [...] **Que imagem prevalece** quando nos deparamos com o reflexo de um “eu” no espelho, a imagem **interior** ou a **exterior**? É importante dizer que o espelho é **fascinante** e ao mesmo tempo **enganador**, visto que ele somente **reflete o “eu” exterior, não mostrando** verdadeiramente o **“eu” interior**. Não poucas vezes as pessoas são **belas por fora**, mas a sua **essência** encontra-se **dolorida, ferida** por um namoro fracassado ou um projeto de vida interrompido.

A identidade do sujeito constitui-se no movimento da história, como podemos verificar na constituição do sujeito-aluno da SD27. Ao enunciar “segundo Machado de Assis, cada indivíduo carrega duas almas”, revela-se um sujeito que possui certo conhecimento histórico, manifestado na sua identificação com relação ao conhecimento do mundo, ao conhecimento da realidade social onde ele se inclui.

Considerando que o sujeito da SD27 é um aluno de ensino superior, ao refletir sobre sua identidade é necessário observar como ele se relaciona com a ordem do simbólico, ou seja, com os discursos realizados pela/na universidade. Permeiam o discurso deste sujeito conhecimentos relacionados aos estudos literários, conforme podemos perceber na referência a Machado de Assis. É o conhecimento institucional interiorizado no sujeito que se manifesta, ou seja, é o interdiscurso, como memória dos sentidos que foram se constituindo no sujeito por meio da relação entre a linguagem e a universidade. O enunciado se produz no contexto do conhecimento e da constituição do sujeito escolar; é um saber discursivo que todo sujeito que frequentou a escola não pode deixar de ter, chamado de “identidade escolar”, produzido pela/na escola, conhecimento que constitui os saberes escolares.

É o saber que compõe o discurso do sujeito em análise que se repete e dá unidade ao seu discurso. No entanto, mesmo sendo uma repetição, não pode ser considerada mera reprodução, pois, como elaboração, pode trazer uma nova formulação, um novo sentido, o deslocamento. Em “Segundo Machado de Assis, cada indivíduo carrega duas almas, uma que olha de dentro para fora, outra que olha de fora para dentro” há um deslocamento em que o sujeito abre espaço para um novo sentido: o de que as almas que olham de dentro para fora e de fora para dentro representam, respectivamente, a imagem interior e a imagem exterior do sujeito discursivo.

Há nesse novo discurso produzido pelo sujeito-aluno a presença da ideologia, responsável pelas reais condições de existência do sujeito. É o imaginário do sujeito que atribui ao fato uma nova representação. Assim, se é no plano do simbólico que o sujeito atribui sentido a elementos de sua experiência social, unindo elementos da experiência vivida



com elementos imaginários, o sentido é um novo sentido e constitui-se a cada acontecimento. Existem, sim, movimentos pela fixação de sentidos, ou seja, deslocamentos nas relações que o sujeito-aluno tem com o outro.

Ainda na análise da SD27, no enunciado “quando olhamos para um espelho, frequentemente tentamos analisar nossos defeitos físicos, porém o espelho jamais refletirá a alma interior que todo ser carrega como sendo sua essência”, pelo uso do advérbio “frequentemente”, seguido do verbo “tentamos”, revela-se certa oposição. Mesmo sendo uma ação frequente, não se concretiza, é só uma tentativa, pois o seu interesse não está em perceber os defeitos físicos, assim como o espelho não pode refletir a essência, o que se carrega por dentro, na alma.

É possível identificar também na SD27 um sujeito incompleto ao se questionar “quem somos? O que almejamos? Há no questionamento a marca da incompletude. Aqui percebemos um deslizamento de sentido que aponta para um sujeito que busca seu autoconhecimento, que busca se entender, sentido que pode ser construído a partir da sua imagem frente ao espelho. É importante salientar também o uso dos verbos na primeira pessoa do plural - “deparamos, perguntamos, somos, almejamos” – por meio dos quais o sujeito coloca-se na mesma posição de todos os seres humanos, pois todos buscam saber quem são e o que desejam. É um modo de dar sentido à sua existência, diante de uma realidade social que desestabiliza o sujeito. Encontrar a razão de viver é um suposto lugar de completude, onde se produz um sentimento de segurança da identidade.

Prevalece um sentimento de dúvida no sujeito-aluno perante o seu exterior e o seu interior. Esse efeito também pode ser verificado quando o sujeito se questiona “que imagem prevalece quando nos deparamos com o reflexo de um eu no espelho”? “Um eu” revela a presença de mais de um: um exterior e outro interior. Entre ambos, o sujeito não sabe qual prevalece.

Também é contraditório o imaginário do sujeito discursivo quando faz referência ao espelho, que é fascinante e enganador. É fascinante, porque consegue reproduzir a imagem externa do sujeito, e enganador, porque não mostra o eu, o interior. Atualmente, as pessoas são belas por fora, mas o seu interior, a sua essência, encontra-se dolorida, machucada, ferida, e isso o espelho não reflete.

Nessa SD a resistência é um movimento do sujeito que também pode ser verificado. Nesse movimento, o sujeito tenta fugir da padronização estabelecida pela sociedade a respeito da importância da aparência exterior. Ao se movimentar, o sujeito-aluno constitui sua identidade, a qual, mesmo sem ele se dar conta, está determinada pelo imaginário que a

sociedade constrói, ou seja, as normas ditadas por ela que privilegiam os padrões de beleza física.

O processo de identificação do sujeito discursivo ainda pode ser observado no enunciado “as pessoas são belas por fora, mas a sua essência encontra-se dolorida, ferida, por um namoro fracassado, por um projeto de vida interrompido”, onde o deslizamento aponta, novamente, para uma identificação do sujeito com o interior, mais especificamente, com o relacionamento amoroso, como algo que faz bem à alma e, quando não dá certo, machuca, dói, causa ferida. É um sujeito desejanste de uma vida equilibrada, sem grandes perdas, sem interrupções.

Considerando a importância do efeito da individualização, da autoria na constituição da identidade do sujeito-aluno, retomamos esse efeito na SD28.

SD28

[...] A imagem que é reproduzida através do espelho, remete-me não só a enxergar minha **aparência por fora**, mas também para **o meu interior**. Similarmente, mesmo que não apareça mais uma figura ao lado da que se apresenta quando estou em frente a ele, em minha mente logo começo a configurar outra forma de **como sou quando incorporo meus defeitos e qualidades**. Acrescento a isso que **revelações a respeito de mim mesma saltam para fora, surpreendendo-me pelo meu eu existente** e que não é igual à minha aparência física. [...] Enfim, o ser humano usa o **espelho como ferramenta para conhecer o “outro”**, permitindo descobrir a **relação entre mim e o meu eu**, sendo essa uma **busca que nunca chegará ao fim**.

Sendo o mundo formado, fundamentalmente, por imagens, o eu se nutre de imagens e, seletivamente, passa a se identificar com as imagens nas quais se reconhece. Esse efeito pode ser observado no enunciado “a imagem que é reproduzida através do espelho, remete-me não só a enxergar minha aparência por fora, mas também para o meu interior”. No movimento de construção de sentido realizado pelo sujeito, não há uma desidentificação com os que privilegiam a aparência por fora, sentido possível de ser construído pelo uso dos advérbios “não” e “só”. A presença da conjunção aditiva “mas também” unindo as duas orações permite-nos reconhecer a importância do interior e do exterior. Mesmo assim, os momentos de identificação do sujeito discursivo na sequência do texto voltam-se ao eu interior do sujeito, como pode ser comprovado em “como sou quando incorporo meus defeitos e qualidades e em revelações a respeito de mim mesma saltam para fora, surpreendendo-me pelo meu eu”.

Na SD28 há um sujeito que se atribui determinada autonomia ao mesmo tempo em que sofre uma determinação por relacionar-se ao exterior; é um sujeito vinculado à sua individualidade, a qual não é simples expressão de liberdade, mas uma união que produz a necessidade de o sujeito ser individualizado, identificável e controlável, funções que vão à

direção do social. Orlandi (2006a, p. 77), ao refletir sobre a forma-sujeito do discurso, afirma que “essa forma-sujeito é a de um sujeito ao qual se imputam, ao mesmo tempo, autonomia e responsabilidade”. A autonomia referida por Orlandi pode ser identificada na individualização assumida pelo sujeito no enunciado “logo começo a configurar outra forma de como sou quando incorporo meus defeitos e qualidades”. No caso deste enunciado, ao mesmo tempo em que se individualiza, movimenta-se na produção de sentidos e na constituição da sua identidade como sujeito.

Desse modo, a dimensão discursiva do sujeito-aluno está determinada pela relação com a exterioridade, com o contexto sócio-histórico que determina a limitação, a exclusão e a escolha dos significados, o que nos leva a inferir que a autoria é uma função, de certo modo, exterior ao texto, uma função mais ligada à sociedade. Assumir a autoria é um modo de controlar a proliferação de sentidos, principalmente daqueles que escapam pelos limites da língua. É na função da autoria que a linguagem do sujeito se expõe ao controle da sociedade.

Para que o sujeito se coloque como autor de seu texto é preciso que seja afetado pelo imaginário de ser fonte do seu dizer; é necessário que ele esqueça que os sentidos já existem e que ele se suponha como a origem de seu dizer e dos sentidos. Esse efeito podemos presenciar no sujeito da SD18, o qual passa a se ver como fonte do dizer, tem a ilusão de que domina a linguagem e que os sentidos têm origem no seu próprio discurso. Esse sentido é possível em “enfim, o ser humano usa o espelho como ferramenta para conhecer o “outro”, permitindo descobrir a relação entre mim e o meu eu, sendo essa uma busca que nunca chegará ao fim”.

Por estarmos trabalhando a questão da autoria, relacionada à constituição da identidade do sujeito-aluno, trazemos, a título de confirmação, Orlandi (2006a, p. 79), que afirma: “o autor é, pois, o sujeito que, tendo o domínio de certos mecanismos discursivos, representa, pela linguagem, esse papel, na ordem social em que está inserido”, ou seja, na posição em que se constitui, assumindo a responsabilidade pelo que diz e como diz. Não basta falar para ser autor; a assunção da autoria implica assumir diante das instâncias institucionais esse papel social na sua relação com a linguagem: “constituir-se e mostrar-se autor.” (p. 79). Como podemos constatar em nosso sujeito analisado, o aluno, ele se constitui como autor de seu texto à medida que vai se mostrando autor de seu texto.

Também Gallo (1992, p. 58), ao tratar da questão da assunção de autoria pelo sujeito-aluno, enfoca a questão com base na ideia de um fecho para o texto. A autora entende que o discurso, cujo efeito é o de fechamento, traz consigo um efeito autor, que é mobilizado sempre que se promove um fecho para o texto, o qual se torna um fim que se constitui num

efeito de unidade. Desse modo, o texto passa a ter existência e ganha seu efeito de fechamento, verificado no enunciado conclusivo do sujeito-aluno da SD28. Além de apresentar um fechamento, o introduz com o advérbio “enfim”, reforçando o sentido de conclusão. O sentido construído pelo sujeito apresenta-se como único, como se não houvesse outro sentido possível, “sendo essa uma busca que nunca chegará ao fim”, ou seja, a relação de conhecimento entre o mim e o meu eu, do sujeito discursivo, é uma relação eterna.

De acordo com as análises até aqui realizadas, constatamos que, à medida que o sujeito-aluno vai constituindo seu texto, também vai se constituindo como sujeito. O outro também é constitutivo do sujeito, conforme o enunciado “logo começo a configurar outra forma de como sou, quando incorporo defeitos e qualidades”. Esse outro que se manifesta esse outro desconhecido que habita o sujeito “salta para fora”, surpreendendo o próprio sujeito, pois é um *eu/outro* interior diferente do eu exterior. O sentido que o verbo “salta” constitui manifesta a necessidade de libertar o eu desconhecido que habita o sujeito, quando faz referência aos próprios defeitos e também às próprias qualidades.

Observarmos também que, ao apresentar o fechamento de seu texto, o sujeito-aluno oscila entre a primeira e a terceira pessoas do singular, entre o eu e o outro, “o ser humano usa o espelho como ferramenta para conhecer o ‘outro’, permitindo descobrir a relação entre mim e o meu eu”, efeito que revela a busca da construção de sua identidade, num movimento em que deseja se complementar no outro, espelhar-se no outro, a partir de sua subjetividade. Há um reforço no sentido de que os momentos de identificação passam sempre pelo outro.

Chama atenção ainda no discurso do sujeito da SD18 a presença das aspas em “o outro”. O acréscimo marca a projeção de um efeito sobre os sentidos da palavra. É o “outro” com o qual o sujeito discursivo não se quer identificar, com o qual não se quer reconhecer; o “outro”, como indício de negação, mas que aparece reforçado pela presença metafórica da palavra “ferramenta”, atribuída ao espelho. Mesmo forte como uma ferramenta, o espelho é incapaz de descobrir a relação entre mim e o meu eu, pois “esta busca nunca chegará ao fim”.

Considerando que o texto/discurso é movido por um real que demanda sentidos ininterruptamente, de modo que todas as tentativas de escrevê-lo voltam-se à constituição do sentido e do sujeito, passamos a analisar as formas de subjetivação presentes na SD29 e que estão em jogo na constituição da identidade do sujeito-aluno universitário.

SD29

[...] O fato é que **se você se pergunta “quem sou eu”?** Qual seria a resposta? **Talvez você nunca** tenha dado valor a **essas coisas** e prefira dar respostas do tipo “nome, idade, altura, peso, estado civil...”. Embora **tudo isso seja importante**, você também vai perceber que **existem algumas coisas** que você não gosta de admitir, tocar, pensar. Esses sentimentos geralmente criam muitas **resistências dentro de nós e contra nós mesmos**. Por não admitirmos que o problema esteja em nós, **desenvolvemos defesas** do tipo “não sou assim”, “detesto esse tipo de gente”, “você é assim”...

Na SD29 identificamos um sujeito dividido entre o eu e o outro. Há uma oscilação entre *ocê* e *eu*, ou seja, o uso da terceira e da primeira pessoas do singular: “o fato é que se você se pergunta “quem sou eu”? Qual seria a resposta?” Ao lançar a segunda pergunta, o sujeito não faz uso de pronome que determina de quem seria a resposta. A resposta seria do sujeito-aluno ou do outro? É a incompletude da língua que abre espaço para o deslizamento de sentidos. É nesse movimento constante que o sujeito desejante busca no outro constituir um sentimento de identidade; o desejo do outro reforça-se pelo uso das aspas em “quem sou eu”?

O sujeito-aluno, ao usar a expressão “essas coisas”, aponta para um efeito de silenciamento, por não definir quais são essas coisas. Possivelmente, sejam os sentimentos do ser humano. Há um deslizamento de sentido que aponta para uma identificação do sujeito com o interior do ser humano. No entanto, o outro, quando questionado sobre quem é, prefere dar respostas do tipo “nome, idade, altura, peso, estado civil...”, pois são dados que pertencem ao conhecimento de todos e, atualmente, informações muito usadas em qualquer transação realizada pela sociedade. Ainda podemos considerar que todos têm o conhecimento das características externas, pois é uma possibilidade permitida pelo espelho, porém o interior o espelho não revela.

O sujeito-aluno, em seu discurso, estabelece uma comparação entre valores internos e externos e considera ambos importantes, embora permita o sentido de que o que há no interior nem sempre o sujeito faz questão de ver, de pensar, de tocar. Conforme o sujeito discursivo, a sociedade atual, com a intenção de omitir os sentimentos interiores, cria muitas resistências, efeitos que permitem considerarmos que, quanto mais o sujeito se fecha em si mesmo e evita pensar na própria existência, maiores são os seus problemas e o seu sofrimento.

É interessante observar a resistência do sujeito da SD19. Somente se inclui no discurso quando faz referência à criação de resistências, como podemos ver no enunciado “por não admitirmos que o problema esteja em nós, desenvolvemos defesas do tipo: “não sou assim”, “detesto esse tipo de gente”, “você é assim”...”. À medida que o sujeito vai apresentando as autodefesas, percebemos um efeito de transferência ao outro dos seus problemas, por meio de processo gradativo: no primeiro, somente nega o modo de ser; depois, detesta esse tipo de

gente, e, por fim, quem é assim é você. As reticências no final do enunciado abrem para a presença de uma ausência anunciada; é espaço aberto para outros acréscimos, outros sentidos possíveis, talvez o sentido de que eu também sou assim.

É nessa região de conflitos e de tensões que o sujeito da SD19 constitui-se, por meio de autorrepresentações negativas internas que deseja apagar, mas que ali permanecem mutilando o seu interior. É o movimento de resistência do sujeito numa tentativa de fuga da realidade, movimento que o identifica e que constrói sua identidade, vista como estando sempre em processo, como dependente da realização discursiva em circunstâncias particulares.

Essa visão de identidade sempre em processo de construção fundamenta-se na visão de sujeito dividido, disperso e heterogêneo, posição de sujeito que podemos observar na SD que segue.

SD30

[...] A relação de contemplar a própria imagem diante do espelho é **reveladora em diversos aspectos**: revela sua **forma de olhar, suas características físicas e principalmente, como nós nos encaramos** em frente a um espelho, ou seja, **mexe com o nosso lado psicológico**. [...] O que nós vemos no espelho não é uma **mera imagem**, mais que isso, é uma amostra de o quanto **Deus foi generoso** com os seres humanos. **Não** temos o corpo de **modelos** e nem **estamos na mídia** o tempo todo, mas pelo menos **temos boa saúde** e não **morremos de fome** para manter um corpo esquelético. [...] O importante é manter uma boa relação consigo, com seu reflexo, com seu corpo e com sua mente, **de forma que a felicidade seja o mais importante objetivo**.

A partir dessa visão de sujeito descentrado, interpelado em sujeito pela função da relação necessária entre linguagem e mundo, o sujeito-aluno da SD30 apresenta-se dividido entre as duas imagens consideradas reveladoras pelo espelho: a interior e a exterior. A exterior revela o superficial, o olhar e as características físicas. Mesmo sem manifestar maior importância à imagem interna, há um deslizamento de sentido, mesmo que inconsciente no sujeito, o de atribuir maior importância ao interior. Aqui, a opacidade da linguagem revela o que o sujeito desejaria abafar, esconder, porém deixa escapar por meio do advérbio “principalmente como nós nos encaramos em frente ao espelho”. O sujeito-aluno, ao usar o verbo “encarar” no sentido de olhar, desliza para o sentido de que prefere não olhar para dentro de si. Encarar seria uma ação praticada sem querer, indesejada, porque revela a essência, o íntimo, o psicológico, o que o sujeito não quer ver. Esse sentido mostra um sujeito fragmentado que vai construindo sua identidade de acordo com o modo pelo qual se vincula ao discurso.

Ao constituir seu texto, o sujeito-aluno da SD30 identifica-se também com a imagem externa, valorizando-a com a atribuição do enunciado “não é uma mera imagem”, ou seja, não

é qualquer imagem; ainda reforça-a pela expressão “mais que isso”, permitindo o deslizamento do sentido para uma maior valorização, pois “é uma amostra de o quanto Deus foi generoso com os seres humanos”; é uma criação divina, razão que leva o sujeito a valorizar também o externo nos seres humanos. Nesse sentido, encontramos um sujeito resistente às determinações sociais estabelecidas quanto ao padrão de beleza; que se admira diante do espelho por ser obra de Deus, não por enquadrar-se nos padrões sociais de beleza.

A construção do texto para este sujeito demonstra a sua ação de sujeito participante na construção dos significados, na construção da realidade e da identidade do sujeito, o qual se identifica com o grupo dos que não têm corpo de modelo nem estão sempre na mídia, ao mesmo tempo em que se identifica com a imagem externa por ser uma obra de Deus, realizando, assim, um atravessamento de formações discursivas.

Para o sujeito discursivo, de nada adianta ter um corpo bonito se não tem saúde. Há um movimento de sentido no discurso desse sujeito que aponta para a valorização da vida saudável, ao mesmo tempo em que transgride as normas impostas socialmente. Cabe lembrar aqui que é no discurso mesmo que o sentido se produz em efeitos de verdade, assim como Foucault (1993, p. 156) enfatiza a noção de poder disciplinar: “o aparelho disciplinar perfeito capacitaria um único olhar tudo ver permanentemente”. Seria, para o autor, o discurso da verdade, igual para todos; o discurso em que o sujeito, para não transgredir as regras, força-se a sustentar. Seria a revelação da verdade sobre um sujeito que não é, mas que o outro exige que seja ou que a sociedade determina que seja; uma forma de manter o controle sobre a vida, as atividades, os posicionamentos dos indivíduos. É a revelação de uma verdade que não é a verdade social, mas a verdade aceita por um grupo da sociedade, a verdade constitutiva de identidade desse grupo e desse sujeito.

Da mesma forma, Moita Lopes (2002, p. 37) afirma que “a escolha de nossas múltiplas identidades não depende de nossa vontade, mas é determinada pelas práticas discursivas, impregnadas pelo poder, nas quais agimos, embora possamos resistir a essas práticas”, marcadas pela alteridade, pelo social e pelo ideológico.

No fechamento do texto, o sujeito da SD30 estabelece com o leitor um discurso de bom sujeito ao enunciar: “o importante é manter uma boa relação consigo, com seu reflexo, com seu corpo e com sua mente, de forma que a felicidade seja o mais importante objetivo”. Nesse enunciado, o sujeito apresenta a necessidade da harmonia entre o corpo e a mente, pois atingir a felicidade, que é o mais importante objetivo, depende dessa harmonia. Constatamos a dispersão do sujeito como característica que perpassa o fechamento do texto, já que apresenta ambos, interior e exterior, como determinantes da felicidade. É esse sujeito fragmentado e

incompleto que está em busca da sua identidade, ou seja, está buscando no outro a própria completude.

As análises do Grupo II, ensino universitário, permitem-nos apontar que o sujeito-aluno realiza constantemente um movimento identificatório, ou seja, à medida que vai se narrando, vai se identificando. Os sujeitos-alunos analisados, ao narrarem sobre si, durante o tempo todo narram sobre o outro que os constituem. O sujeito não consegue ver a si próprio; somente consegue ver a própria imagem num outro olhar do espelho, que ao mesmo tempo é familiar e estranho, aproxima e distancia, reúne e afasta o eu/outro. Todas essas identificações constituem a identidade do sujeito-aluno.

No processo de constituição dos sentidos encontramos sujeitos identificados com os saberes escolares, cujos discursos mostram conhecimentos relacionados à instituição escolar, que pelo interdiscurso se manifestam por meio dos deslocamentos que trazem novas formulações, novos sentidos que se configuram a cada acontecimento. A falta, a incompletude aparece ao longo das análises, num movimento constante de buscar a ilusória completude, de saber quem eles são. É uma maneira de dar sentido à sua existência perante a realidade social que desestabiliza o sujeito em todo momento. Realizar-se como sujeito pessoal e profissional é uma busca incansável; é um suposto lugar de completude, onde se produz um sentimento de identidade.

O mesmo efeito de duplicidade entre o interior e o exterior, o dentro e o fora, pode ser encontrado nos dois níveis de ensino. Ao fugir da padronização social, do imaginário que prevalece sobre a beleza exterior, o sujeito-aluno identifica-se com o interior, com a essência. Nesse movimento na produção de sentidos, o aluno vai se constituindo como sujeito e se individualizando. É a possibilidade que o sujeito tem de excluir alguns significados e escolher outros, no caso das nossas análises, a identificação com o interior do sujeito. Ao assumir essa postura, o sujeito-aluno assume a autoria de seu texto e passa a controlar a proliferação dos sentidos.

Como podemos constatar nas narrativas de si dos sujeitos-alunos, o que há são sentimentos de identidade, ou seja, momentos de ilusão de uma identidade; são movimentos que aproximam e que afastam, que assemelham e que diferenciam o eu/outro.

A constituição do sujeito-aluno depende das diversas identificações que não permitem demarcações, pois há somente a ilusão de que podemos ter um controle sobre o sujeito e sobre os sentidos. Não há limite entre o eu e o outro, entre o novo e o velho. O que há é uma mescla que une, que constitui a identidade do sujeito fragmentada com a soma das experiências vividas entre o eu e o outro.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para construir um efeito conclusivo neste trabalho retomamos o caminho percorrido, que teve como fio condutor questões acerca da constituição da identidade do sujeito-aluno na conclusão do ensino médio e ingresso no ensino superior, ou seja, questionamos e investigamos qual seria o imaginário que estaria em jogo na construção de sentidos desses sujeitos. Para dar conta do percurso traçado, que visa à investigação da memória que pulsa sentidos sobre esses sujeitos-alunos, elegemos a Análise do Discurso como disciplina, por proporcionar uma teoria que permite reflexões sobre o movimento do discurso na constituição da identidade do sujeito-aluno.

O objeto de estudo, as narrativas do sujeito-aluno, constitui-se no *corpus* desta pesquisa, por considerarmos o texto uma materialidade prática de linguagem no contexto escolar que nos possibilitou avaliar os diferentes modos de inserção desses sujeitos, participantes dessa prática, e os seus efeitos nos processos de constituição identitária. O trabalho iniciou com o desenvolvimento de um capítulo sobre a trajetória da língua, por ser o que sustenta nossa materialidade linguística e por termos o intuito de apresentar as diferentes abordagens e a influência que exerceram sobre a Análise do Discurso, teoria que tem o discurso como objeto, no qual se concentram as questões relativas à língua, à história e ao sujeito. A Análise do Discurso é a teoria que se propõe analisar a linguagem em relação à exterioridade, como forma de compreender os modos de determinação histórica dos processos de produção do discurso, do sujeito e da identidade.

Continuamos nosso percurso apresentando a teoria de referência, que sustentou nossas análises e possibilitou-nos compreender a constituição das identidades do sujeito-aluno nas práticas sociais, mediadas pela linguagem. Na análise das narrativas dos alunos foram explorados conceitos concernentes ao sujeito, à posição-sujeito, ao discurso, à formação discursiva, à formação ideológica, ao sentido, entre outros pressupostos teóricos articulados a esses, todos ativados com a finalidade de compreender como fala o sujeito-aluno hoje na

escola, na época e no local em que os sujeitos, em todo momento, realizam deslocamentos responsáveis por outros sentidos.

Por ser a identidade um movimento ligado às práticas de linguagem, apresentamos a linguagem escrita como possibilidade de produção de sentidos para si e para o outro. Caracterizada como uma atividade simbólico-histórica, a escrita é um modo de individualização do sujeito, um modo de identificação. A identidade, por ser histórica, deixa de ser completa, constituindo-se num processo em movimento, em reconstrução a cada momento. Os diferentes movimentos identificatórios, as diferentes tomadas de posição do sujeito, relacionam-se diretamente à constituição de sua identidade.

Na sequência, apresentamos os princípios e procedimentos utilizados em nossa análise, como também as condições de produção em que a narrativa de si foi realizada. No processo de construção discursivo, as condições de produção estabelecem relações de poder e de sentido no interior do discurso. Mesmo não estando materialmente inscritas, estão marcadas na sua constituição pela memória discursiva. Ao envolver a constituição do discurso, as condições de produção envolvem a identidade dos sujeitos pesquisados numa sociedade em que a identidade está sempre em fluxo, sempre em constituição, como efeito do sujeito atual, que, ao abrir espaço às indagações e às incertezas, permite diferentes possibilidades identitárias. A produção de sentidos e de identidades está afetada pelo lugar que cada sujeito ocupa em relação ao outro. Os múltiplos discursos que constituem o sujeito dispersam-se e suas palavras sempre são, também, as palavras do outro.

Na continuidade do percurso traçado, lançamos um gesto de leitura sobre nosso *corpus*. Os gestos de interpretação produzidos para as trinta sequências discursivas selecionadas, assim como os efeitos de sentido, somente se tornaram possíveis partindo das noções teóricas mobilizadas da Análise do Discurso, as quais nortearam todo o processo analítico na constituição da identidade do sujeito-aluno. Após analisarmos as sequências discursivas extraídas do nosso *corpus*, retomamos alguns apontamentos básicos, a fim de tecer um olhar conclusivo sobre como se constitui a identidade dos sujeitos analisados. Partindo da problematização entre escrita, deslocamentos e identidade, buscamos compreender na materialidade linguística os efeitos da repetição, os efeitos do novo que podem surgir. É por meio dos lapsos da escrita que o inconsciente abre espaço para a construção de outros sentidos até então silenciados, estes constitutivos de identidade no sujeito.

No primeiro recorte de análises constatamos que a escrita de si tanto no final do ensino médio como no ingresso do ensino superior constitui-se num recurso discursivo em que o

sujeito-aluno se movimenta na prática social. Ao ser concebido como um ser de linguagem e por habitar a linguagem, o sujeito apresenta-se fragmentado, incompleto, assim como a linguagem, que tem como condição a incompletude. O sujeito do ensino médio mostra-se diante de várias identificações profissionais não resolvidas, em processo de escolha profissional, processo constitutivo desse sujeito-aluno. É essa falta que constitui e que move o sujeito, buscando suprir suas necessidades por meio de novas experiências, novas identificações, novas profissões. Da mesma forma, no ensino superior, a profissão ainda está em processo de identificação. Assim, à medida que o sujeito-aluno vai se desidentificando com o curso, identifica-se com outro, o qual passa a cursar.

Em ambos os níveis de ensino, a realização profissional é um desejo que o sujeito-aluno busca incansavelmente satisfazer, pois está cristalizado no imaginário da sociedade que todo sujeito tem de se destacar profissionalmente para ser aceito no grupo. Identificamos um sujeito desejante, que busca novas identificações no outro, a ponto de abandonar os próprios sonhos, amparado na crença social de que o sujeito contemporâneo tem de atingir o sucesso profissional. Atendendo a esses padrões sociais, o sujeito se submete à vontade do outro.

Todo sujeito, ao inscrever seu dizer no texto, produz um gesto de interpretação, por estar afetado pelo lugar que ocupa em relação ao outro. O discurso, atravessado por múltiplos discursos dispersa-se e as palavras do sujeito sempre são, também, as palavras do outro. A representação do sentido predominante do discurso do sujeito-aluno do ensino superior também carrega a marca da identificação com o outro, com o saber do outro, no caso, o saber da professora. Ser professora possibilita vivenciar as mesmas emoções, as mesmas experiências, ainda presentes na memória do sujeito. É a crença no senso comum de que ser professora, ser educadora, é uma missão.

Outra forte determinação sobre o discurso do sujeito do ensino superior é a da instituição familiar. Assim como a professora, a família expressa fortes laços de identificação. Essa identificação do sujeito com a família contribui para manter a imagem social, o imaginário sócio-histórico, acerca da instituição familiar; é o discurso logicamente estabilizado que prevalece sobre o institucional.

A contemporaneidade é o período marcado pelos deslocamentos, possivelmente efeito do mundo globalizado em que vivemos. A diminuição das distâncias, a rapidez na circulação das ideias, o poder da informação são mudanças que atingem o modo de comportamento do sujeito-aluno, tanto do ensino médio como daquele do ensino universitário. São sujeitos que buscam a completude em outros países, pelo domínio de novos idiomas e do conhecimento cultural que o exterior proporciona; são experiências novas, desejadas pelo sujeito da

modernidade.

Em ambos os níveis de ensino há uma falta que os sujeitos buscam preencher a partir do seu exterior, do outro, ou seja, pela forma como imaginam serem vistos pelo outro. São sujeitos divididos que apontam para identificações imaginárias que remetem a um discurso marcado com a discursividade do outro, com a cultura do outro, a estrangeira, valor vigente em nossa sociedade atual. É a ação do imaginário que permanece cristalizado no inconsciente do brasileiro, de que tudo o que vem de fora é melhor. São as representações que o sujeito faz do estrangeiro que atravessam de modo constitutivo o sentimento de identidade do sujeito brasileiro.

No segundo recorte de análises dedicamos nossa atenção à ideologia e seu funcionamento imaginário, articulado ao inconsciente, juntamente com a formação discursiva e o lugar social ocupado pelo sujeito-aluno, por considerarmos que há um imbricamento entre esses conceitos e todos são constitutivos de identidade. Nesse recorte encontramos um movimento constante dos sujeitos no processo discursivo, em alguns momentos se identificando, em outros desidentificando-se com os valores da sociedade atual, entre os quais o capitalismo.

Na escrita do estudante do ensino médio encontramos um sujeito que constrói sua subjetividade desidentificando-se com os saberes que determinam a escolha profissional, os padrões de beleza e dinheiro, vigentes na sociedade capitalista. Logo, os profissionais selecionados não são os competentes, os criativos e os que têm bons modos. Para o sujeito discursivo, esse fator é frustrante na escolha profissional. Essa posição do sujeito é determinada pelo lugar que ele ocupa, que é o lugar de aluno, de estudante que está se preparando para ser um profissional qualificado.

As análises revelam que o sujeito está fortemente afetado pela ideologia do dever, da responsabilidade e da moral. Entre as injustiças materiais e morais, o sujeito movimenta-se afirmando que não ter o necessário materialmente é ruim, mas, ainda pior, é sofrer uma injustiça moral, como a mentira, a traição. Esses prejuízos morais são os que afetam mais o sujeito. Esse sujeito se desidentificou com a formação discursiva dos injustos e sua respectiva forma-sujeito.

Foi possível identificar no sujeito-aluno do ensino médio um comprometimento social, um desejo de fazer justiça; ele se dispõe a colaborar com o próprio trabalho, pois o combate às injustiças depende da dedicação de todos. Esse movimento realizado pelo sujeito de identificação com a justiça social constitui o próprio sujeito e sua identidade, a de um sujeito comprometido também com o outro.

A heterogeneidade marca o discurso do sujeito-aluno universitário. Ao falar das injustiças sociais, o sujeito mobilizou saberes da formação discursiva religiosa entrelaçados e constitutivos dos saberes da formação discursiva jurídica, ambos reiterados na formação discursiva do discurso logicamente estabilizado. O sujeito sofreu o efeito da ilusão de ser a origem do seu discurso, quando, na verdade, esse discurso não nasceu no sujeito-aluno. Fazendo referência a Pêcheux (1995, p. 173), a ilusão é necessária para que o sujeito possa se constituir em seu discurso. O sujeito-aluno utiliza-se dos diferentes saberes para que seu discurso faça sentido.

O sujeito-aluno apropriou-se do interdiscurso para que seu discurso fizesse sentido. Entre os discursos ativados pelo sujeito está o discurso dos órgãos que zelam pela segurança; o discurso das vítimas das injustiças, que, mesmo abaladas, buscam a superação; o discurso dos sujeitos que não passaram por essa experiência, mas lamentam a ocorrência de injustiças com pessoas próximas; a fala dos diferentes, a dos abastados, a dos que perderam o respeito, enfim, todos os dizeres que significaram ao longo da história estão, de certo modo, significando no discurso do aluno.

Ao falar de injustiça, o sujeito mobiliza saberes da formação discursiva que identifica a luta de classes. Nela, as duas classes sociais, identificadas como ricos e pobres, lutam arduamente na disputa de seu lugar: o grupo dos ricos, um pequeno grupo de pessoas privilegiadas, com acesso à tecnologia e ao conforto; o grupo dos pobres, um espantoso grupo de pessoas, escravizadas e que lutam pelo alimento. No confronto dessas duas formações discursivas, o sujeito-aluno revela sentidos com os quais ele não se identifica e funda uma nova formação discursiva dominante. Na região do conflito entre os privilégios de um grupo e a desvalorização do outro, emerge no sujeito-aluno o deslizamento do sentido e configuram-se a subjetividade e o sentimento de identidade do sujeito.

Encontramos permeando o discurso do sujeito-aluno um imaginário negativo relacionado principalmente ao negro e ao pobre. Há o sentido cristalizado presente nos discursos que revela a presença do preconceito social, inclusive da parte dos órgãos que têm como responsabilidade a ordem social. É o pré-conceito que está embutido nas atitudes, no inconsciente social, da mesma forma que habitava o inconsciente do sujeito na época da escravidão, conforme podemos afirmar com Orlandi (2001, p. 42): “O imaginário faz necessariamente parte do funcionamento da linguagem. Ele é eficaz. Ele não ‘brota’ do nada: assenta-se no modo como as relações sociais se inscrevem na história e são regidas, em uma sociedade como a nossa, por relações de poder.” (grifo da autora).

Ao mesmo tempo em que atribui um imaginário negativo à sociedade, o sujeito-aluno

atribui um imaginário positivo à educação familiar e escolar. Porém, pouco adianta pais e professores educarem se as crianças crescem vendo as desigualdades e os preconceitos sociais. Orlandi (2001, p. 39) afirma que “o lugar a partir do qual fala o sujeito é constitutivo do que ele diz.” Por isso, o sujeito discursivo fala do lugar de aluno. O jogo de imagens é responsável pelo imaginário dos interlocutores, aluno e professor. Por meio desse mecanismo simbólico, o sujeito ajusta seu dizer de acordo com seus interesses, trabalhando no texto o jogo de imagens.

No terceiro recorte de análise, em que a escrita do sujeito-aluno trata do tema espelho, centramos nosso olhar nas questões relacionadas ao outro, como também nas relacionadas à autoria do sujeito-aluno na escola, conceitos considerados também constitutivos da identidade do sujeito.

A escrita do sujeito-aluno do ensino médio situa-se na fase da adolescência, da autoafirmação, na qual se revela um sujeito que vê no outro um desconhecido. O sujeito passa por um processo de estranhamento em relação à própria imagem. É o efeito do familiarmente estranho, o qual confirma a presença da singularidade, que, ao mesmo tempo, distingue e assemelha; é o mesmo e o diferente, é o eu e o outro. (CORACINI, 2007, p. 54). A imagem desconhecida acorda o eu para a vida, que passa a procurar-se por trás do próprio olhar; outras vezes, a imagem no espelho funciona como um jogo entre o eu e o outro, por ser o espelho o lugar onde o sujeito se reconhece e conhece os outros. São os olhares que se cruzam, provenientes de experiências do outro que se entrelaçam que se unem e permitem ao mesmo tempo ver a semelhança e a diferença. A escrita mostra como o aluno se vê ao falar do outro refletido no espelho. O sujeito revela sentidos até então silenciados pelos lapsos permitidos pelo inconsciente.

O sujeito discursivo revela-se fascinado diante do espelho por ser um objeto que revela uma imagem externa perfeita, porém não consegue revelar o interior, sentido que desliza para um efeito de valorização do interior do sujeito. O lado interno tem um sentido que ultrapassa a capacidade do espelho, é uma realidade incompreensível, muito mais forte do que aquilo que o espelho pode oferecer aos olhos. O que o espelho reflete é uma ilusão de completude do sujeito, já que mostra apenas o lado externo.

Há uma resistência manifestada pelo sujeito, uma fuga da padronização social que valoriza a aparência física, na medida em que se manifesta favorável à valorização dos valores internos. A valorização externa é uma verdade determinada pela sociedade, no entanto supostamente negada pelo sujeito. O movimento de resistência realizado pelo sujeito é que vai constituindo uma identidade, a partir da memória que emerge em seus discursos, lembrando

que a cada nova emergência novos sentidos são possíveis.

O sujeito-aluno sofre influências externas por estar vinculado ao contexto sócio-histórico, mas também passa pela necessidade de se individualizar, de ser afetado pelo imaginário, de ser a fonte de seu dizer. Na escrita, o sujeito coloca-se como autor de seu texto e esquece que os sentidos das palavras já existem e se supõe na origem de seu dizer e dos sentidos. Orlandi (2006a, p. 79) nos diz que para assumir a autoria não basta falar; é preciso que o sujeito-aluno, em sua instituição escolar, assuma esse papel em sua relação com a linguagem, “constituir-se e mostrar-se autor”.

Com os resultados obtidos no decorrer de nossas análises compreendemos que no entrecruzamento de *nós* aqui (des)atados, a AD, disciplina escolhida para sustentar teoricamente este estudo, permitiu-nos analisar o movimento constante do sujeito-aluno na construção de sua identidade que ocorre na interlocução com o meio sócio-histórico. Com base na tessitura teórica aqui desenvolvida, entendemos que os processos de constituição do sujeito-aluno são inconscientes, efeito que impossibilita a construção de uma identidade, apesar de o sujeito-aluno, ao narrar sobre si, ter a ilusão da completude, a ilusão de poder edificar uma identidade, a qual deseja para aquele momento, como se a linguagem fosse transparente.

Nesse sentido, nossos gestos de interpretação apontam para a necessidade de olhar para o aluno como um sujeito em movimento constante. Há a necessidade de lançar um novo olhar ao aluno, não necessariamente aplicando novos métodos, já que não há métodos que deem conta da complexidade do sujeito, mas lançando um novo olhar, que provoque o estranhamento e interfira na prática escolar, de forma que as múltiplas vozes, conflituosas e constitutivas do sujeito, sejam ouvidas e problematizadas em direção a novas posturas, que mostrem como lidar com a diversidade entre os alunos, considerando-os sempre como sujeitos incompletos.

É na oportunidade da escritura de si que o sujeito-aluno mais se diz do que diz, fazendo aparecer o “novo”, o diferente; dando voz ao desejo de realização profissional; dando voz ao desejo de conhecimento; dando voz à denúncia das desigualdades sociais; dando voz ao outro que permanece recalcado no interior de sujeito, enfim, dando voz ao novo, ao que vem imprimir no sujeito-aluno a ilusão de inteireza, a ilusão da completude.

Ao pensar a identidade do sujeito-aluno discursivo, construída por meio da escrita de si, constatamos que todos os movimentos realizados pelo sujeito discursivo e identificados em nossas análises são movimentos constitutivos de sua identidade. Moita Lopes enfatiza que “a escolha de nossas múltiplas identidades não depende de nossa vontade, mas é determinada

pelas práticas discursivas, impregnadas pelo poder, nas quais agimos, embora possamos resistir a essas práticas”. (MOITA LOPES, 2002, p.37).

Diante do processo aqui construído, podemos dizer que o percurso que por ora ousamos atribuir um olhar conclusivo é uma entre outras possibilidades de construção de sentidos na constituição da identidade do sujeito-aluno no final do ensino médio e ingresso no ensino universitário, por ser a identidade um processo em construção, assim como é uma construção o processo da escrita e da constituição do sujeito discursivo.



## CONCLUSÃO

Diante da impossibilidade de compreendermos a identidade do sujeito de forma fixa e definida, Hall (2002, p. 13) apresenta-nos a identidade como uma “celebração móvel”, formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam.” (grifo do autor). A identidade não existe em si mesma, mas é incessantemente (re)construída por meio da relação com o outro.

Partindo do pressuposto de que a identidade é um movimento em constante (trans)formação, de tal modo que o que vemos são múltiplas e complexas identificações do sujeito que formam a identidade do eu, a narrativa de si no espaço escolar pode ser concebida como um lugar para acolher manifestações de subjetividade que possibilitam compreender o aluno como sujeito, pois narrar sobre si significa entrar em cena e, mais que isso, transformar-se.

Assim como Foucault (2004, p. 131) afirma que a escrita exerce um papel muito próximo do da confissão, os escritos dos sujeitos-alunos revelam verdadeiras confissões a serem interpretadas. Não é apenas a voz do aluno que se faz ouvir, mas são os sonhos, os recalques, os devaneios, as faltas, mesmo que imperceptíveis; são os rastros do sujeito inconsciente que afloram pelos furos da linguagem e permitem compreender a complexidade do mundo que o envolve, ao mesmo tempo em que revelam a (des)construção da identidade do sujeito-aluno.

Ao falar sobre si, o sujeito-aluno traz o outro para o seu discurso, visto que a constituição de si ocorre a partir do outro, que, para Coracini (2007, p. 51), “é o outro que o identifica e com quem se identifica”; o outro que lhe deixa marcas, impossíveis de serem apagadas, como também não se apagam as marcas da própria história, causando, juntas, a sensação de completude. É o eu e o outro, imbricados na história que se transformam.

Os gestos de interpretação mostram-nos que, por mais que o aluno tente silenciar a pluralidade de vozes que o constituem, vozes que permanecem vivas no inconsciente, mutilando, perturbando a autoimagem, elas soam do interdiscurso, pois o sujeito não tem

controle sobre a linguagem e seu dizer, fato que nos permite compreender as diferentes identificações que formam a identidade do sujeito-aluno, que é heterogênea e está sempre em processo de constituição.

Tomando a escrita de si na escola como uma escritura, visto que não se limita ao ato mecânico de escrever, mas exige que se atribua sentidos, a escritura significa exteriorizar o que está dentro, deixando suas marcas, que poderão ser apreendidas por si e pelo outro em uma rede interminável de identificações subjetivas que, ao passarem pelo sujeito da linguagem, o constituem. Partindo dessas conclusões, cremos que oferecer ao sujeito-aluno a oportunidade de escrever sobre si é lançar um outro olhar que provoque estranhamento e interfira na prática escolar, de forma que as múltiplas vozes não sejam abafadas, mas problematizadas. Assim, ao administrar essa heterogeneidade, podem ser buscados caminhos para lidar com a diversidade entre os sujeitos-alunos, considerando-os como sujeitos da falta, da incompletude.

É necessário dizer que, assim como os sujeitos-alunos, as reflexões aqui tecidas também carregam a falta e a incompletude, pois se apresentam atravessadas pela subjetividade do sujeito da análise. Nesse mesmo enfoque, a identidade, aqui adotada na perspectiva da Análise do Discurso, é entendida como um processo em movimento, no qual o sujeito se constitui pela multiplicidade de discursos, pela heterogeneidade e pelo descentramento de si. Todos - alunos, analista e identidade - se mostram em movimento, fragmentados, constituídos pelo outro, por todos os outros com quem criamos laços que nos vão modificando no percurso da vida.

Atribuindo a esta pesquisa um olhar conclusivo, deparo-me com um desafio: Como concluir? Como interromper esse discurso se há outros, novos saberes que não cessam de escapar? Agora compreendo melhor por que eu sentia tanta dificuldade de iniciar o fim. É porque o sujeito-analista hoje já não é mais o mesmo. A cada novo olhar, novos sentidos são atribuídos aos discursos dos sujeitos-alunos.

## REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, Louis. *Ideologia e aparelhos ideológicos do estado*. 3. ed. Lisboa. Editorial Presença/Martins Fontes, 1980.

\_\_\_\_\_. *Aparelhos ideológicos de Estado: nota sobre os aparelhos ideológicos de Estado (AIE)*. Tradução de Walter José Evangelista e Maria Laura Viveiros de Castro; introdução crítica de José Augusto Guilhon Albuquerque. 2.ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. Heterogeneidade(s) enunciativa(s). Tradução de Celene M. Cruz e João Wanderley Geraldi. *Trabalhos de Lingüística Aplicada*, Campinas, n. 19, p. 25-42, jul./dez. 1990.

BAKHTIN, Mikhail (VOLOCHINOV). *Marxismo e filosofia da linguagem* (1929). Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira, Lúcia Teixeira Wisnik e Carlos Henrique D. C. Cruz. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

BAUMAN, Zygmunt. *Identidade*. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves, Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

BENVENISTE, Émile. *Problemas de lingüística geral*. Tradução de Maria da Glória Novak e Luiza Neri. São Paulo: Ed. Nacional, Ed. da Universidade de São Paulo, 1976.

CORACINI, Maria José. *A celebração do outro: arquivo, memória e identidade: línguas (materna e estrangeira), plurilingüismo e tradução*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2007.

\_\_\_\_\_. Maria José. A escrita de si na internet: histórias ao acaso e o acaso das histórias. In: SCHONS, Carme Regina; Rösing, Tania M. K. (Org.). *Questões de escrita*. Passo Fundo: UPF Editora, 2005. p. 42-54.

\_\_\_\_\_. A produção textual em sala de aula e a identidade do autor. In: CORACINI, Maria José (Org.). *Interpretação, autoria e legitimação do livro didático: língua materna e língua estrangeira*. Campinas, SP: Pontes, 1999. p. 167-175.

ECKERT-HOFF, Beatriz Maria. *Escritura de si e identidade: o sujeito-professor em formação*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2008.

FERNANDES, Cleudemar Alves. *Análise do discurso: reflexões introdutórias*. Goiânia: Trilhas Urbanas, 2005.

FLORES, Valdir do Nascimento; TEIXEIRA, Marlene. *Introdução à lingüística da enunciação*. São Paulo: Contexto, 2005.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 7. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.

\_\_\_\_\_. *Arqueologia do saber*. Petrópolis: Vozes, 1972.

\_\_\_\_\_. A escrita de si. In: *Ética, sexualidade e política*. Organização e seleção de textos Manoel Barros da Motta; trad. Elisa Monteiro e Inês Autran Dourado. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004. p. 144-162. (Coleção Ditos & Escritos, V).

\_\_\_\_\_. *Vigiar e punir*. Nascimento da prisão. Tradução de Ligia M. Pondé Vassallo. 10. ed., Petrópolis: Vozes, 1993.

GADET, Françoise; PÊCHEUX, Michel. *A língua inatingível: o discurso na história da lingüística*. Tradução de Bethania Mariani e Maria Elisabeth Chaves de Mello. Campinas, SP: Pontes, 2004.

GALLO, Solange Leda. *Discurso da escrita e ensino*. Campinas, SP. Editora da Unicamp, 1992.

GRIGOLETTO, Evandra. A construção da identidade na escrita de si: do ambiente universitário à internet. *Desenredo*, Passo Fundo, v. 2, n. 2, p. 203-235, jul./dez. 2006.

\_\_\_\_\_. *Sob o rótulo do novo, a presença do velho: análise do funcionamento da repetição e das relações divino/temporal no discurso da Renovação Carismática Católica*. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2003.

GRIGOLETTO, Marisa. Leituras sobre a identidade: contingência, negatividade e invenção. In: MAGALHÃES, Isabel; CORACINI, Maria José; GRIGOLETTO, Marisa. (Org.) *Práticas identitárias: língua e discurso*. São Carlos: Claraluz, 2006. p. 15-26.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 7. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

HENRY, Paul. *A ferramenta imperfeita*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1992.

\_\_\_\_\_. Os fundamentos teóricos da “análise automática do discurso” de Michel Pêcheux (1969). In: GADET, Françoise; HAK, Tony (Org.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Tradutores Bethania S. Mariani [et al.]. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1993. p. 13-38.

INDURSKY, Freda. A fragmentação do sujeito em análise do discurso. In: INDURSKY, Freda; CAMPOS, Maria do Carmo. *Discurso, memória e identidade*. Porto Alegre, Sagra Luzatto, 2000. p. 70-81.

LEANDRO FERREIRA, Maria Cristina. Saussure, Chomsky, Pêcheux: a metáfora geométrica do dentro/fora da língua. *Linguagem & Ensino*, Pelotas, n. 1, v. 2, p. 1-16, jan. 1999.

LEANDRO FERREIRA, Maria Cristina. O quadro atual da análise de discurso no Brasil: um breve preâmbulo. In: INDURSKI, Freda; LEANDRO FERREIRA, Maria Cristina (Org.). *Michel Pêcheux e a análise do discurso: uma relação de nunca acabar*. São Carlos: Claraluz, 2005. p. 13-22.

MILNER, Jean-Claude. *O amor da língua*. Tradução Ângela Cristina Jesuino. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. *Identidades fragmentadas: a constituição discursiva de raça, gênero e sexualidade em sala de aula*. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras, 2002.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. *Análise de discurso: princípios & procedimentos*. 3. ed. Campinas, SP: Pontes, 2001.

\_\_\_\_\_. *Discurso e leitura*. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2006a.

\_\_\_\_\_. Análise de discurso. In: ORLANDI, Eni Pulcinelli (Org.). *Introdução às ciências da linguagem: discurso e textualidade*. Campinas, SP: Pontes, 2006b. p. 11-31.

\_\_\_\_\_. À flor da pele: indivíduo e sociedade. In: MARIANI, Bethânia (Org.). *A escrita e os escritos: reflexões em análise do discurso e psicanálise*. São Carlos: Claraluz, 2006c. p. 21-30.

\_\_\_\_\_. *Discurso e texto: formulação e circulação dos sentidos*. 2. ed. Campinas, SP: Pontes, 2005a.

\_\_\_\_\_. Identidade lingüística escolar. In: SIGNORINI, Inês (Org.). *Língua(gem) e identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado*. Campinas, SP: Mercado de Letras; Fapesp, Faep, Unicamp, 2002. p. 203-212.

\_\_\_\_\_. *Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

\_\_\_\_\_. Michel Pêcheux e a análise do discurso. *Estudos da língua(gem)*. Vitória da Conquista, n.1, p. 9-13, jun. 2005b.

\_\_\_\_\_. A incompletude do sujeito: e quando o outro somos nós? Série Cadernos PUC, SP: Educ, n. 31, p. 9-16, 1988.

PÊCHEUX, Michel; FUCHS, Catherine (1975b). A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas. In: GADET, Françoise e HAK, Tony (Org.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Tradutores Bethânia S. Mariani [et al.] 2. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1993. p. 163-252.

\_\_\_\_\_. (AAD-69). Análise automática do discurso. In: GADET, Françoise e HAK, Tony. (Org.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Tradutores Bethânia S. Mariani [et al.] 2. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1993. p. 61-161.

\_\_\_\_\_. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio* (1975a). Tradução Eni Pulcinelli Orlandi [et al.], 2. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1995.

\_\_\_\_\_. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. Tradução Eni Pulcinelli Orlandi. Campinas: Pontes, 1997.

PETERS, Michael. *Pós-estruturalismo e filosofia da diferença: uma introdução*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. O conceito de identidade em lingüística: É chegada a hora para uma reconsideração radical? In: SIGNORINI, Inês (Org.). *Lingua(gem) e identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado*. Campinas, SP: Mercado de Letras; Fapesp, 2001. p. 21-45.

RIOLFI, Cláudia Rosa. Equívoco e singularidade: subjetividade na fala de uma criança. In: CARVALHO PASCHOAL LIMA, Regina Célia de (Org.). *Leituras: múltiplos olhares*. Campinas, SP: Mercado de Letras; São João da Boa Vista, Unifeob, 2005. p.219-233.

RICKES, Simone Moschen. A escritura como cicatriz. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, n. 27, p. 51 – 71, jan./jun.2002.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de lingüística geral*. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. 8. ed. São Paulo: Cultrix, 1977.

SCHONS, Carme Regina. *Escrita, efeito de memória e produção de sentidos*. In: SCHONS, Carme Regina; Rösing, Tania M. K. (Org.). *Questões de escrita*. Passo Fundo: UPF, 2005.

**ANEXOS**

## ANEXO 1

### PROPOSTA DE REDAÇÃO 1

Sonhar? Isso mesmo!

O sonho é uma (entre tantas) das diferenças entre o homem e os animais. Imagine o que seria da humanidade se ela não tivesse a possibilidade de sonhar...

Todas as grandes invenções, todas as grandes mudanças, e tudo o que acontece de mais importante na história da humanidade tem seu início no sonho de alguém.

Sonha a criança, o jovem, o adulto; sonha o operário, o executivo; sonha o rico, o pobre. O sonho não é privilégio de ninguém. O sonho é livre, depende exclusivamente da nossa vontade para acontecer.

Quando sonhamos, batalhamos muito pelos nossos sonhos... Não conhecemos limites e, por isso, realizamos o que muitos consideram impossível. Contudo, nem sempre nos entregamos de corpo e alma aos nossos sonhos e os medos sempre se tornam obstáculos no caminho de nossos sonhos.

Após a leitura do texto e uma reflexão sobre *a importância do sonho em nossa vida*, escreva uma narrativa na qual você seja o protagonista da ação, ou seja, o protagonista de um grande sonho que realizou ou deseja realizar. Se preferir, também pode ser o protagonista de um grande sonho que não conseguiu realizar.



## ANEXO 2

### PROPOSTA DE REDAÇÃO 2

Após a leitura do texto de Mário Rangel, escreva um texto sobre o mesmo tema abordado pelo autor.

Todas as manhãs, quando vou para o trabalho, [...] deparo-me com mais ou menos uma dezena de pessoas encolhidas nos cantos e nas marquises, enroladas em trapos e sobre papelão. São crianças amontoadas, adultos e velhos encolhidos. São o que eu costumo denominar de pessoas invisíveis. Invisíveis para nós, para a sociedade e, principalmente para o estado, que “teria” como objetivo principal, o bem estar dos cidadãos. Mas, eu pergunto: essas pessoas são cidadãos? Ou são simplesmente escória, e não merecem ser chamados de cidadãos? O que lhes resta, então? [...] Isso é uma injustiça!

Mário Rangel

Diante do fato apresentado pelo autor sobre injustiças humanas, é possível questionar-se sobre as diferentes formas de se ser injusto para com os outros. Procure lembrar de situações em que se sentiu injustiçado, caluniado, criticado. Como foi sua reação para demonstrar seus sentimentos ao se perceber como vítima?

Pois bem, valendo-se do gênero narrativo, escreva um texto em que apresentará estratégias que contribuirão para melhor superar as dificuldades trazidas por uma injustiça. Explícite o seu ponto de vista.

### ANEXO 3

#### PROPOSTA DE REDAÇÃO 3

O espelho, como objeto que representa a imitação da vida, relaciona-se ao autoconhecimento e sua fascinação consiste em reproduzir os seres. Cada ser diante do espelho possui seu duplo que contempla, na medida em que também é contemplado. O espelho representa um jogo do eu, do outro.

João Guimarães Rosa, no conto “O espelho”, narra que “se quer seguir-me, narro-lhe, não uma aventura, mas experiência, a que me induziram, alternadamente, séries de raciocínios e intuições. [...] Foi num lavatório do edifício público, por acaso. Eu era moço, comigo contente, vaidoso. Descuidado, avistei... Explico-lhe: dois espelhos – um de parede, o outro de porta lateral, aberta em ângulo propício – faziam jogo. E o que enxerguei, por instante, foi uma figura, perfil humano. [...] Logo descobri... era eu, mesmo! O senhor acha que eu algum dia ia esquecer essa revelação? Desde aí, comecei a procurar-me – ao eu por detrás de mim – à tona dos espelhos [...].

Partindo do jogo produzido entre os dois espelhos, o narrador inicia uma busca pelo seu eu através do espelho, processo que permite descobrir a relação entre eu e o outro no espelho.

Com base nas colocações feitas, escreva um texto narrativo que fale do eu e do outro frente ao meu espelho.